MUSEU VALE



20 ANOS

Museu Vale 20 Anos



INICIATIVA

FUNDAÇÃO VALE

PATROCÍNIO

VALE

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ministério da Cultura e Vale apresentam

MUSEU VALE
20 ANOS

Este livro celebra a história da implantação e a trajetória de 20 anos do Museu Vale, que foi inaugurado em 15 de outubro de 1998.

Vila Velha (ES)
Museu Vale
2018


PEDRO


NOLASCO

Compromisso com o desenvolvimento: 20 anos do Museu Vale

Isis Pagy
Diretora-presidente da Fundação Vale

Ao longo de uma trajetória de 50 anos, a Fundação Vale potencializou sua atuação social como catalisador para o desenvolvimento territorial, contribuindo para o desenvolvimento integrado – econômico, ambiental e social – e fortalecendo os impactos positivos nas áreas de operação da Vale. Sua atuação está concentrada em três eixos temáticos: Educação, Saúde, e Geração de Trabalho e Renda. São desenvolvidas também iniciativas ligadas às temáticas do Esporte e da Cultura.

Na área cultural, a Fundação Vale tem como objetivo contribuir com a Democratização da Cultura e com a Preservação do Patrimônio Material e Imaterial brasileiro, principalmente por meio da implantação e gestão de equipamentos culturais e do desenvolvimento de projetos de valorização da identidade cultural nos territórios de atuação da Vale.

Nesse campo, destacamos o Museu Vale como iniciativa pioneira na implantação e gestão de equipamentos culturais e na realização de projetos de inclusão social. Em grande medida, o trabalho realizado no Museu estimulou o desenvolvimento dos demais espaços culturais mantidos pela Fundação: Memorial Minas Gerais Vale, Casa de Cultura de Canaã dos Carajás e Centro Cultural Vale Maranhão.

A Fundação Vale celebra os 20 anos do Museu Vale e parabeniza a todos os que fizeram e fazem parte dessa história. Agradecemos àqueles cujo compromisso e vontade transformaram o projeto em realidade e cujo entusiasmo e aposta no papel transformador da arte e da cultura vêm se renovando continuamente, atendendo a um público múltiplo e cada vez maior.

Museu Vale: Patrimônio cultural do Espírito Santo

Ronaldo Barbosa
Diretor Cultural do Museu Vale

Em 1927 era inaugurada a Estação São Carlos, marco inicial da Estrada de Ferro Vitória a Minas, uma realização cogitada desde o século XIX para unir dois estados. Mais adiante, em 1935, a estação receberia o nome de um dos mais notáveis idealizadores da ferrovia, o engenheiro Pedro Nolasco.

Localizada às margens da Baía de Vitória, capital do Espírito Santo, a estação foi lugar de embarque e desembarque não só de insumos, mas também de muitas histórias de vida. Entre idas e vindas, com o tempo e a modernidade o prédio foi esquecido, contrastando com o cenário das margens opostas, onde podia ser avistada a vivacidade da baía e seu constante movimento.

Era evidente que o lugar tinha vocação mais promissora. Por isso, nos anos 1980, funcionários e ex-funcionários da então Companhia Vale do Rio Doce, atualmente Vale, sonharam em implantar ali um museu dedicado à memória ferroviária, a partir do restauro e revitalização da antiga estação. O projeto ganhou fôlego e certeza de caminhar na década seguinte, mais precisamente no ano de 1996.

O Museu Ferroviário Vale do Rio Doce, hoje nosso Museu Vale, foi inaugurado no dia 15 de outubro de 1998, ocasião em que tive a honra de ser nomeado seu diretor cultural, após meu envolvimento anterior com sua implantação, respondendo pela museografia da exposição permanente.

Depois desses 20 anos de muito trabalho, tenho a satisfação de constatar que o Museu se tornou um patrimônio do Espírito Santo e que traz relevantes contribuições ao cenário sociocultural do Brasil, sendo referência para outras instituições país afora.

Sua vocação inicial era preservar a memória patrimonial da Estrada de Ferro Vitória a Minas, mas ousamos direcionar a atuação do Museu também para a arte contemporânea, tornando possível que toda a sociedade capixaba tivesse acesso de forma gratuita a mostras de qualidade comparável às de museus brasileiros e internacionais de referência. Após a exposição inaugural, "Múltiplos", de Joseph Beuys (1999), recebemos artistas como Antônio Manuel, com "Fantasma" (1999); Cildo Meireles, com a exposição "Babel" (2006); Waltercio Caldas, com "Salas e abismos" (2009/2010); Irmãos Campana, com a mostra "Anticorpos" (2011); OSGEMEOS, com a exposição "Fermata" (2011/2012); Vik Muniz com mostra homônima (2015/2016), entre vários outros nomes de destaque na arte contemporânea brasileira. Ao todo, tivemos nessas duas décadas a presença de 215 artistas nacionais e internacionais, em 48 exposições individuais e coletivas.

Tão importante como esses indicadores é destacar o papel social que o Museu Vale tem desempenhado. Em estreita parceria com a Fundação Vale, nossa gestora, desenvolvemos ações educativas, formativas e culturais com o objetivo de integrar e dialogar continuamente com a comunidade da região metropolitana de Vitória. Já recebemos mais de um milhão e 700 mil visitantes e somos reconhecidos pela imprensa e por instituições especializadas como uma das mais notáveis experiências culturais de impacto social das últimas décadas no Brasil. É o caso, por exemplo, do prêmio Destaque Especial concedido em 2004 pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) ao Museu Vale por sua "contribuição à cultura e à arte brasileira".

Esses resultados reiteram o acerto do caminho que trilhamos. Hoje podemos dizer que ações culturais consistentes têm enorme poder transformador para as comunidades, sobretudo quando se tornam acessíveis a crianças e jovens.

No momento em que celebramos 20 anos de existência, constatamos que, ao contar histórias, também construímos a nossa que sistematizamos neste

livro. Que ele seja nossa referência e inspiração para continuar servindo de instrumento para a construção da identidade e da dignidade social, que têm seu elo na arte e na preservação dessa memória, que é de todos nós.

Nosso MUITO OBRIGADO a todos os que tornaram tudo isso possível:

À Fundação Vale, nossa gestora, pelo apoio durante esses 20 anos e por acreditar no papel transformador da cultura e da arte.

Aos gestores e colaboradores da Vale, sempre tão sensíveis à importância social do trabalho que desempenhamos.

Aos membros de nosso Conselho, que compartilham conosco a missão de gerir o Museu Vale.

Aos poderes públicos, federal, estadual e municipal, que sempre apoiaram os projetos e ações do Museu, seja via leis de incentivo à cultura ou suporte às nossas atividades.

À imprensa regional e nacional, que sempre prestigiou e nos ajudou a divulgar o Museu e nossas ações.

Aos artistas, curadores e intelectuais que nos honram, nos encantam e nos ensinam sempre.

A toda a comunidade capixaba, em especial nossos vizinhos da região de Argolas.

Aos professores e alunos que movimentam nosso dia a dia e são a nossa principal razão de ser.

Um agradecimento especial também aos profissionais que, durante todos esses anos, trabalharam na implantação do Museu, na monitoria, na recepção de visitantes, nas atividades administrativas, no restaurante, no Centro de Memória, na segurança e conservação do espaço, nas obras, nas montagens de exposições, nas ações educativas, na produção de materiais de apoio, nos seminários e tudo o que traz vida ao Museu Vale.

Por fim, nossos agradecimentos a todos os que tornaram possível a edição desta obra, fornecendo materiais, registrando seus testemunhos ou sendo facilitadores do trabalho de pesquisa.



Sumário

Um lugar para a memória 15

Caminho [do minério] de ferro 17

18 De Vitória a Minas
20 Modernidade sobre trilhos

Museu Vale: sonho antigo 27

27 Ponto de partida
29 O museu tomando corpo
30 Acasos, parcerias e realizações
33 Memória + arte contemporânea

Um museu vivo e pulsante 51

53 Educação, cidadania e inclusão social
59 Destino turístico e gastronômico
61 Reconhecimento

Arte fazendo história 63

Museu Vale: O lugar da arte contemporânea no Espírito Santo 65

Programa Educativo 165

Vale Museum 20 years (English Translation) 180

Ordem cronológica das exposições temporárias 190

Exposições realizadas no Museu Vale (1999—2018) 197

Um lugar para a memória



Caminho [do minério] de ferro

"Quanto mais caminhos houver, mais descaminhos haverá". A frase é de um decreto expedido em 1704 pelo Conselho Ultramarino, uma espécie de regulamento criado pelo rei D. João IV, de Portugal, para normatizar a administração das colônias além-mar. Por ele, determinou-se que o transporte do ouro recém-descoberto no interior da Capitania do Espírito Santo (na região que mais tarde seria chamada Minas Gerais) só poderia ser feito pela Estrada Real, um conjunto de caminhos que fazia a ligação com a capital, Rio de Janeiro. O litoral da capitania era tido como muito vulnerável a ataques externos e potencial rota de contrabando.

Essa é a principal razão pela qual, até o século XIX, o interior capixaba e o norte de Minas Gerais, região do Vale do Rio Doce, permaneceram como um "escudo geográfico", uma grande área quase intocada. Apenas alguns viajantes, mineradores e oficiais da Corte relataram sua passagem por ali, alertando para os perigos da natureza inóspita e a presença de povos indígenas antropófagos, como os Botocudos.

A condição só começou a mudar com o fim do ciclo do ouro, diante da necessidade de buscar novas áreas para exploração econômica. Houve tentativas de abrir estradas por terra e de estabelecer linhas fluviais, mas todas esbarravam nas imensas dificuldades de penetração e ocupação efetiva do território, deixando evidente que apenas uma ferrovia poderia ser o "elemento civilizador destemeroso que, rasgando florestas, atravessando rios, serpeando pelas várzeas e galgando montanhas, viesse ligar os dois Estados", como escreveu o engenheiro Delecarliense de Alencar Araripe, no livro *História da EFVM 1904-1954*.

Ainda no final do século XIX começaram a ser dadas concessões para implantar trechos ferroviários cruzando a região. A primeira delas foi dada em 1875 à Companhia Estrada de Ferro Vitória a Natividade (localidade que deu origem ao município de Aimorés, na divisa entre Minas e Espírito Santo). Dois anos depois a concessão caducou, vitimada pela falta de interesse de investidores, diante das imensas dificuldades para transpor o Vale do Rio Doce.

Em 1890 duas concessões representariam a origem da Estrada de Ferro Vitória a Minas: a primeira autorizava a criação da EF Vitória a Peçanha e a segunda autorizava a construção de um trecho de Peçanha (MG) a Araxá (MG), que faria a conexão com a Estrada de Ferro Central do Brasil, no trecho entre Itabira (MG) e Jatobá (MG).

F1 **Duplicação e retificação da EFVM, 1971–1972.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*



F2 **Festa da inauguração do primeiro trecho da EFVM, 13 de maio de 1904, Porto Velho, Cariacica (ES).**
Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.

Em 1894, foi então organizada a Companhia Peçanha a Araxá e os estudos técnicos foram contratados aos engenheiros A. L. Caetano da Silva e Pedro Nolasco, que acabou por se tornar um dos diretores da empresa. A construção chegou a ser iniciada por Araxá, mas foi paralisada devido a dificuldades no transporte do maquinário e materiais. Apenas em 1901, após a obtenção de financiamentos externos e a renovação das concessões, a Companhia foi reorganizada, denominando-se Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), pela qual o traçado anteriormente aprovado foi modificado, passando a ser de Vitória (ES) a Diamantina (MG).

De Vitória a Minas

O projeto da EFVM foi aprovado em 1902 e as obras começaram no ano seguinte. Em 13 de maio de 1904 foi inaugurado o primeiro trecho com 30 quilômetros entre as estações Porto Velho, em Cariacica (ES), e Alfredo Maia, no município de Santa Leopoldina, na região serrana do estado. As operações tiveram início com duas locomotivas do tipo Mogul Hartman fabricadas na Alemanha, 12 vagões abertos e um fechado, além de um carro de passageiros.

Logo depois, a descoberta de jazidas ferríferas em Minas Gerais provocou uma grande guinada na história da EFVM. Em 1905, um grupo de ingleses reuniu amostras de minério de ferro, plantas de terrenos e fotografias da região de Itabira do Mato Dentro (MG), na tentativa de atrair grandes companhias mineradoras para explorar a área. Quatro anos depois, foi constituída



O empreendedor Pedro Nolasco

Pedro Augusto Nolasco Pereira da Cunha nasceu em 1865, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro. Formado engenheiro pela Escola Politécnica, liderou e/ou participou de empreendimentos comerciais, industriais e financeiros em todo o país e na América Latina. Seu nome é relacionado a diversas obras de infraestrutura, sobretudo ferrovias, sua grande paixão. Entre o final do século XIX e primeiras décadas do XX trabalhou na Mogiana, passou pela Sorocabana, foi empreiteiro da Estrada de Ferro Rio-São Paulo e um dos organizadores da ferrovia Noroeste do Brasil, que ligava a cidade de Bauru, interior de São Paulo, à fronteira com a Bolívia, onde é atualmente Corumbá (MS). Também atuou em outras ferrovias pelo país, como a Estrada de Ferro Goyas, a Estrada de Ferro de Paracatu e, claro, a Vitória a Minas, considerada até hoje sua grande realização.

Como engenheiro, foi responsável, por exemplo, pela construção do edifício da Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Capital Federal, realizou estudos de saneamento para localidades como São João Del Rey (MG), Rio Claro e Botucatu (SP) e construiu os primeiros 550 metros do cais do porto de Vitória (ES).

As iniciativas de Pedro Nolasco como homem de negócios também merecem destaque: ao lado de outros investidores e empresários, fundou e dirigiu o Banco do Rio de Janeiro, fundou uma fábrica de linhas em Petrópolis (RJ), a Cometa, organizou a companhia de seguros A Popular e a Companhia Radio Thelegraphica Brasileira, que obteve patentes de rádio. Foi, ainda, diretor do Crédit Foncier du Brésil e um dos organizadores da Companhia

na Inglaterra a Brazilian Hematite Syndicate, empresa que obteve opção para a compra de toda a área e que, em 1910, também negociou a compra de mais de 70% do capital da EFVM. Com a posse das terras e do controle da ferrovia, em 1911 a Hematite Syndicate reorganizou-se, dando origem à Itabira Iron Ore Co. Ltd.

Àquela altura, a estrada de ferro havia alcançado as margens do Rio Doce, ultrapassando a divisa entre Espírito Santo e Minas Gerais. Já eram quase 450 quilômetros de trilhos e mais de 20 estações, mas ainda precisavam ser vencidos muitos desafios para chegar até Itabira. Toda a região era praticamente desconhecida, não existiam sequer mapas detalhados. A topografia era extremamente acidentada na região serrana e dominada por matas e charcos insalubres nas terras baixas. Não fosse apenas isso, a eclosão da I Guerra Mundial (1914-1918) obrigou a paralisação das obras.

Um ano após o término do conflito, a Itabira Iron foi vendida a um grupo de investidores norte-americanos, liderado por Percival Farquhar, que havia chegado ao Brasil 15 anos antes e se especializara em negócios envolvendo empresas estrangeiras e o poder público. Em 1920, Farquhar fez um acordo com o governo federal, comprometendo-se a construir uma usina siderúrgica em território brasileiro e concluir a ferrovia. Em 1928 foi assinado um acordo complementar, pelo qual abria mão da exclusividade sobre a ferrovia, de modo a não apenas transportar o minério extraído das próprias jazidas, mas também produtos de outras mineradoras, gêneros agrícolas e passageiros.

Quando tudo parecia pronto para deslanchar, veio a crise mundial de 1929, que minguou os investimentos e, no ano seguinte, a chamada Revolução de 30, que levou Getúlio Vargas à Presidência da República. Vargas



F4 **Assentamento de trilhos na região de Aimorés (MG), entre 1906 e 1907.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Brasileira de Exploração dos Portos, tendo exercido os cargos de diretor das Docas de Santos, da Bahia e do Rio de Janeiro.

Pedro Nolasco faleceu em 1935, deixando como legado "meio século de prodigioso esforço em prol do desenvolvimento de toda uma série de fontes de riquezas do país", como escreveu o jornalista e empresário Assis Chateaubriand em uma homenagem póstuma.

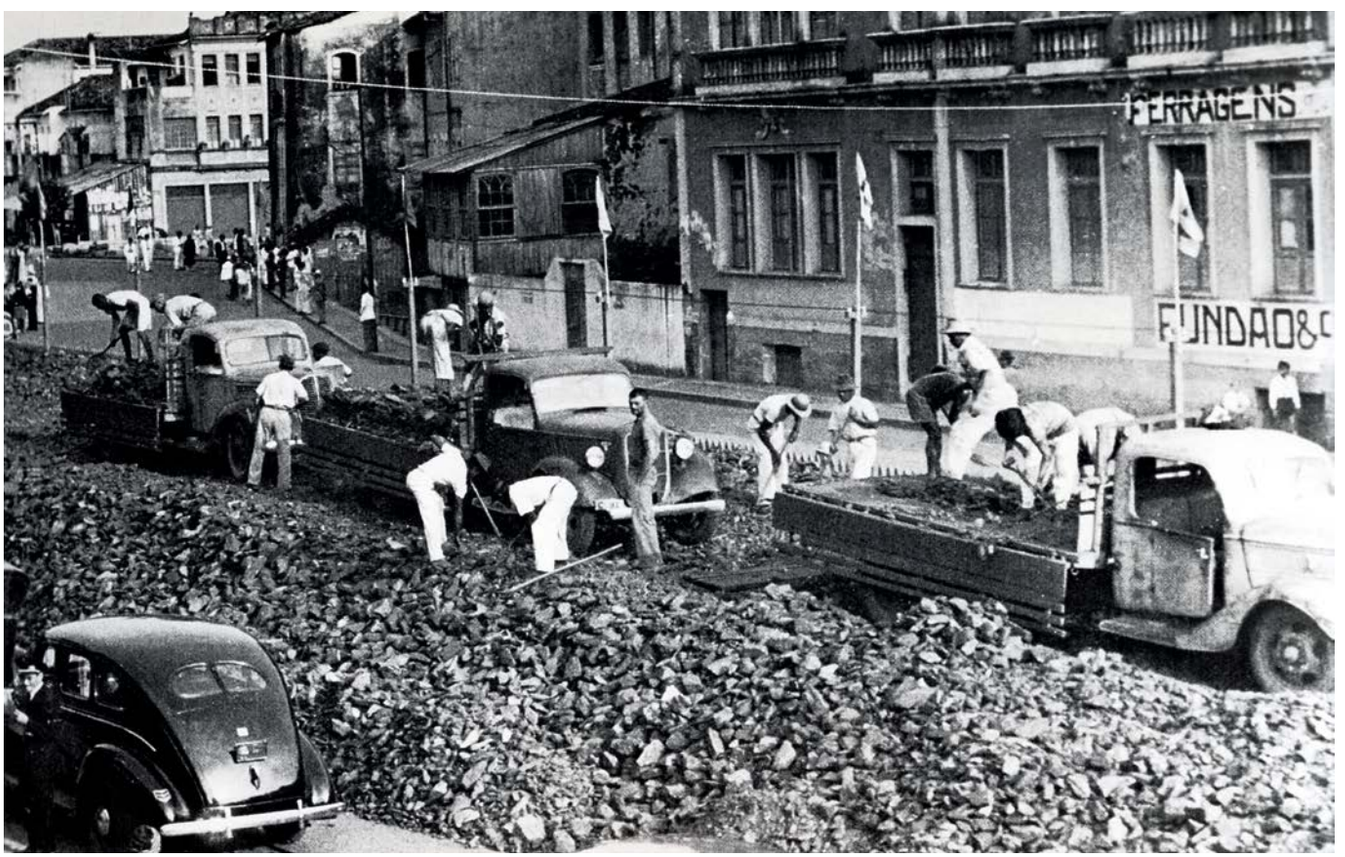
F3 **Imagem do documento Discursos Funerários, Eng. Pedro Nolasco Homenagem, 1935.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

adotou políticas de estímulo à implantação da indústria de base e de outros setores considerados estratégicos, como a siderurgia e a mineração, embora pretendesse que empresas nacionais ficassem à frente desse processo. Tanto que na Constituição de 1937 foi definido que as concessões para o aproveitamento de minas e jazidas minerais só poderiam ser emitidas em benefício de brasileiros natos ou organizações constituídas majoritariamente por acionistas brasileiros (a legislação anterior permitia como concessionárias empresas formadas por estrangeiros, desde que fossem organizadas no país).

Para prosseguir com seus projetos, em 1940 Farquhar se associou a investidores brasileiros e fundou a Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia, obtendo nova concessão para explorar a EFVM e iniciar a operação com o minério. Mesmo faltando cerca de 50 quilômetros para os trilhos chegarem a Itabira, ainda naquele ano foi feito o primeiro carregamento de minério: 5.750 toneladas viajaram no lombo de mulas e em caminhões até a recém-inaugurada estação Desembargador Drummond, no município de Nova Era (MG). De lá, a carga seguiu pela ferrovia por mais ou menos 24 horas até a Estação Pedro Nolasco, em Vila Velha (ES), onde foi novamente colocada em caminhões para ser levada ao Porto de Vitória e embarcada no vapor grego Modesta, com destino a Baltimore, nos Estados Unidos.

Modernidade sobre trilhos

A pressa para o primeiro embarque mesmo sem a conclusão da ferrovia se deveu principalmente à grande demanda por minério durante a II Guerra



F5 **Os primeiros descarregamentos de minério no porto de Vitória, em 1940, foram realizados manualmente.** *CVRD, Arquivo Sucem. Foto: Erich Hess.*



Estação Pedro Nolasco — Km 0

Embora considerada o ponto de partida da EFVM, a estação Pedro Nolasco só foi inaugurada em dezembro de 1905, um ano depois do início da operação da ferrovia, que então parava na Estação Porto Velho, em Cariacica, a cerca de sete quilômetros dali. Logo depois da construção da estação Pedro Nolasco, Porto Velho foi desativada.

Inicialmente, a nova estação recebeu o nome da ilha onde se localizava, São Carlos, às margens da Baía de Vitória, próxima ao Porto das Argolas e da estação preexistente, Leopoldina, da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo. Era um prédio simples, todo construído em madeira, que dava acesso a um ancoradouro de pedra por meio do qual era feita a interligação marítima à Vitória.

Somente em 1927 foi construído o edifício-sede da estação. Ao lado dele foi erguido um grande galpão destinado a armazenar e fazer o transbordo de cargas que seguiam para os portos vizinhos de Argolas e Vitória.

Em 1935 a Estação São Carlos foi rebatizada com o nome de Pedro Nolasco, falecido naquele ano. A partir da década seguinte, a especialização da ferrovia no transporte de minério aumentou em muito a movimentação de cargas, o que gerou dificuldades operacionais, uma vez que o espaço para manobras de trens era insuficiente. Assim, a Estação acabou desativada três décadas depois. O prédio chegou a abrigar escritórios da Vale, mas ficou inativo entre os anos 1970 e 1980, quando foi tombado e escolhido para sediar um futuro museu.

Também nos anos 1980 foi construída a "nova" Estação Pedro Nolasco, no bairro Jardim América, município de Cariacica, a aproximadamente um quilômetro da estação original. De lá partem e chegam todos os dias os trens de passageiros da EFVM, que fazem o trajeto daquele ponto até Belo Horizonte (MG).

F6 **Estação São Carlos, 1933.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Mundial (1939-1945), que se intensificaria ainda mais quando os Estados Unidos se uniram aos aliados, em 1941.

A guerra gerou mudanças importantes nos rumos do país, que teriam relação direta com a trajetória da EFVM. Diante do papel geopolítico estratégico que o Brasil representava, o presidente Vargas negociou o apoio norte-americano para seu projeto de industrialização, que tinha como um dos mais importantes pilares a implantação da moderna siderurgia. Em 1941 foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ), mas sua construção efetiva demandava apoio e financiamento externos.

Isso foi possível a partir dos chamados Acordos de Washington, assinados em março de 1942, no qual Brasil, Estados Unidos e Inglaterra oficializavam uma cooperação política, econômica e militar mútua. Os acordos colocariam um ponto final no velho impasse em torno da Itabira Iron, porque os acionistas da empresa eram britânicos e norte-americanos e acabaram transferindo aos governos de seus países a posse das jazidas de minério da região de Itabira que, por sua vez, foram transferidas sem ônus ao governo brasileiro.



F7 **Carregamento de navio com minério de ferro, década de 1940.** *Arquivo Jornal da Vale, CVRD.*

Na sequência, os Estados Unidos disponibilizaram um financiamento de quase 15 milhões de dólares para a compra de equipamentos necessários ao aparelhamento das minas, da EFVM e do porto de Vitória.

Em contrapartida, o Brasil garantiu a exportação de 1,5 milhão de toneladas/ano de minério de ferro aos dois países por um prazo de três anos, a um preço inferior ao do mercado, sendo que o contrato trienal poderia ser renovado até o final da guerra.





F8 **Transporte de equipamentos, década de 1940.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Assim, criaram-se as condições para que, em 1º de julho de 1942, o presidente Getúlio Vargas fundasse a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), mais tarde simplesmente Vale,[1] que era, na origem, uma sociedade anônima de economia mista controlada pela União. A Vale incorporou a Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia (que havia absorvido a EFVM) e a Companhia Itabira de Mineração, que estava em fase de organização. Também recebeu do governo federal a posse das jazidas de minério de ferro de Minas Gerais.

A partir daí, deixaram de existir grandes impasses à conclusão e melhoria da estrada de ferro. Em 1943, finalmente, eram entregues as estações que faltavam para completar o trajeto – uma no município de Nova Era (Estação Capoeirana) e três em Itabira (estações Oliveira Castro, Engenheiro Laboriau e Itabira).

Nos anos subsequentes, a Vale investiu em melhorias estruturais e tecnológicas, como a troca das locomotivas a vapor por outras a diesel. O trajeto recebeu benfeitorias, com a construção de túneis e pontes para evitar gargalos que aumentavam o tempo de viagem. Com isso, o percurso entre as estações Pedro Nolasco e Itabira foi reduzido, totalizando 557 quilômetros. Já na década de 1970 seria feito um grande investimento em duplicação, tornando a EFVM a primeira ferrovia totalmente duplicada das Américas.

1. A Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada em 1997 e em 2007 mudou o nome e a logomarca para refletir seu reposicionamento no mercado como uma companhia multinacional. Tornou-se, então, apenas "Vale".
Para dar mais fluência ao texto, utilizamos nesta obra a denominação atual sempre que nos referirmos à empresa ou ao Museu que, após 2007, também passou a ser somente Museu Vale.

F9 **Extração do minério de ferro em Itabira (MG), 1942.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*



F10 **Cais do Atalaia, Vila Velha (ES), década de 1940.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Um dos benefícios mais visíveis da operação da ferrovia foi a ocupação efetiva de extensas regiões do Vale do Rio Doce, fazendo surgir cidades como Colatina, no Espírito Santo, e as mineiras Aimorés, Resplendor, Governador Valadares e Coronel Fabriciano, antes pequenos arraiais.

A facilidade do escoamento e o aumento do fluxo do minério, por sua vez, favoreceram toda a cadeia produtiva, da mina ao porto. Por isso, uma das primeiras providências da Vale logo após sua criação foi construir um cais especializado para embarque de minério grosso, na região conhecida como morro do Atalaia ou Pela Macaco, em Vila Velha (ES). Batizado com o nome de seu construtor, Eumenes Guimarães, esse cais foi concluído no final dos anos 1940.

Uma década depois, a Vale iniciou a exportação de minério fino e construiu, em parceria com o Governo do Espírito Santo, mais um cais especializado, o Cais de Paul. Como essa estrutura ainda era insuficiente, nos anos 1960 surgiu o projeto do Terminal de Tubarão, localizado no final da Praia de Camburi, em Vitória. O Píer I foi inaugurado em 1966 e tinha potencial para receber navios com capacidade para transportar até 150 mil toneladas de minério, ainda que naquela época a frota mundial não passasse de 60 mil toneladas. Era o maior embarcadouro de minério do litoral brasileiro.

A partir de 1969, Tubarão transformou-se em uma unidade integrada. Foram instaladas ali usinas de pelotização (processo pelo qual partículas finas do minério são aglutinadas por um tratamento térmico e tornam-se mais apropriadas à utilização em altos-fornos), pátios para movimentação



F11 **Construção do porto de Tubarão, década de 1960.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

de carvão mineral, coque e manganês e, ainda, terminais para granéis líquidos e para produtos diversos, como grãos e fertilizantes. Em 1973 foi inaugurado o segundo píer.

A Unidade de Tubarão fechou o ciclo mina-ferrovia-porto que se constituiu no lastro da moderna economia capixaba. A infraestrutura atraiu para o estado outros grandes empreendimentos, como a Celulose Nipo-Brasileira (Cenibra), a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), a Albrás / Alunorte, a Mineração da Serra Geral e a Aracruz Celulose (Fibria).

A EFVM, por sua vez, tem hoje mais de dois mil quilômetros e se conecta a outras importantes ferrovias, como a Centro-Atlântica e a MRS Logística, além do porto de Barra do Riacho, em Aracruz (ES). Interligando o Sudeste e o Centro-Oeste do Brasil, a EFVM movimenta por ano cerca de 30% de toda a carga ferroviária do país, que corresponde a mais de 120 milhões de toneladas de 40 produtos diferentes – além do minério de ferro, seu principal produto (cerca de 80%), também transporta aço, carvão, calcário e soja.

Toda essa evolução demonstra o protagonismo que a EFVM teve e tem na história do Espírito Santo, evidenciando a pertinência da criação de um espaço dedicado a preservar e difundir a memória e o patrimônio ferroviário.


PEDRO NOLASCO

Museu Vale: sonho antigo

“Irmãos gêmeos nascidos de uma só capitania, Minas e Espírito Santo não se dissociam mais. Muito menos pela história da estrada de ferro, jeito umbilical de fazer relação entre campo e porto. Entre passado e modernidade. Entre desejo e futuro. Entre cultura e saudade. Ao longo dos seus leitos, retas e curvas, plantaram-se cidades, cafezais, minas, indústrias e rebanhos. Plantaram-se os olhos da perspectiva. Ajeitaram-se modos de viver, de ser e de enxergar. Essa será a missão do museu”.

O trecho extraído do material de divulgação do Museu Vale resume de forma poética sua razão de ser, desde o início. Início que, na verdade, pode ser colocado bem antes de sua inauguração, em 15 de outubro de 1998.

A primeira referência da qual se tem notícia sobre a intenção de criar um museu dedicado à EFVM é de uma publicação interna dos funcionários da Vale chamada O Minério, de 1967. Mas não existem registros sobre o desenrolar da iniciativa pelos 12 anos seguintes e somente em 1979 foi identificada uma mobilização dos próprios funcionários em torno da ideia. Trata-se de uma correspondência datada de janeiro daquele ano em que o engenheiro Sérgio Meyer sugere a seu superior, da então Suest (Superintendência de Estradas), a criação de um “museu dinâmico, que mostrasse todo o desenvolvimento da EFVM. Um museu que seria a sala de visitas da estrada [...]”. Mais adiante, Meyer completa: “Para a sede do museu, uma sugestão: a Estação Pedro Nolasco”.

Naquele momento tinha início a segunda gestão de Eliezer Batista à frente da Vale, demarcando uma nova fase de sua trajetória. Como o primeiro presidente da empresa oriundo de seus próprios quadros (e, portanto, com óbvia relação emocional com a história da organização), ele teria dado total apoio ao projeto do museu, como demonstram algumas correspondências da época.

Ponto de partida

A sugestão de usar o belíssimo prédio da Estação Pedro Nolasco para abrigar o museu foi acatada desde o primeiro momento. Sua importância histórica, aliada à representatividade da eclética arquitetura, era atributo incontestável para que o destino do edifício fosse sediar o futuro museu.

F12 **Fachada da antiga Estação Pedro Nolasco antes do processo de restauro, 1984.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*



Eliezer Batista

Eliezer Batista (1924-2018) formou-se engenheiro ferroviário pela Universidade do Paraná em 1948 e no ano seguinte ingressou na Vale. Conhecido por seu espírito empreendedor e pelo autodidatismo (falava sete línguas, por exemplo), foi presidente da empresa entre 1961 e 1964 e entre 1979 e 1986.

F13 **Eliezer Batista (sentado), em locomotiva a caminho de Nova Era (MG), década de 1990.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Aliás, não há qualquer registro que levante a menor hipótese de utilizar outro local para essa finalidade.

Da mesma forma, não há registro de como o projeto foi institucionalizado. O que se sabe é que um grupo de ferroviários da Suest se mobilizou em torno dele e passou a coletar peças, equipamentos, móveis, documentos, fotografias, entre outros materiais relativos à história da ferrovia, e incentivou os demais funcionários a fazerem o mesmo, enviando circulares a praticamente todas as gerências da época. Foi assim que o acervo inicial começou a ser reunido.

Em 1984, a Fundação Ceciliano Abel de Almeida, ligada à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foi contratada pela Vale para prestar assessoria técnica na elaboração do projeto. Uma equipe que incluía profissionais especializados em Museologia e História fez a primeira triagem das peças de acervo, reuniu e sistematizou informações relevantes sobre a EFVM.

Em paralelo, também em 1984 foi iniciado o processo de tombamento do edifício da Estação Pedro Nolasco pelo Conselho Estadual de Cultura, na época ligado à Secretaria de Cultura do Governo do Espírito Santo, iniciativa que contou com apoio da Vale. Após dois anos, o prédio estava oficialmente tombado, garantindo a proteção legal e a preservação do patrimônio. Seria o único bem protegido no sistema ferroviário da EFVM.

Tudo parecia pronto para tornar o projeto realidade. Em 1987 chegou a ser feito um processo licitatório para a execução das obras de restauro e revitalização, conforme a recomendação dos técnicos da Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Mas ainda não seria daquela vez.



F14 **Acidente automobilístico chama a atenção dos passageiros na antiga Estação Pedro Nolasco, década de 1930.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*



Ceciliano Abel de Almeida

Ceciliano Abel de Almeida (1878-1965) foi engenheiro, professor, administrador, historiador, escritor e homem público de grande notoriedade no Espírito Santo. Sua carreira como engenheiro começou na EF Peçanha-Araxá e atingiria seu auge na época da construção da EFVM, ao lado de Pedro Nolasco. Paralelamente, dedicou-se ao magistério, o que lhe rendeu o convite feito pelo governador Jones dos Santos Neves, em 1954, para assumir o cargo de reitor da então recém-criada Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Por isso, seu nome foi dado à fundação criada pela universidade em 1977, com o objetivo de prestar serviços técnicos e científicos e desenvolver pesquisas relacionadas a programas culturais públicos e privados, entre outras atribuições.

F15 **Ceciliano Abel de Almeida.** *Imagem do livro História do Estado do Espirito Santo, de José Teixeira de Oliveira, p. 453. Coleção Nelson Abel de Almeida.*

Por uma série de razões, o projeto foi paralisado e só voltaria à pauta cerca de uma década depois, por iniciativa da Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social.[2] Em 1995, a Fundação contratou uma empresa especializada do Rio de Janeiro para desenvolver o projeto de restauro e revitalização do prédio. Na sequência, a especialista Maria Clara Medeiros Santos Neves foi convidada a elaborar a proposta museológica, que determinaria linhas de acervo, temas e forma de atuação.

O museu tomando corpo

Para elaborar o projeto do museu, Maria Clara Santos Neves partiu em busca dos acervos que já haviam sido reunidos pelos ferroviários "fiéis e apaixonados", como ela definiu no memorial do projeto. Fez entrevistas com dezenas deles para levantar informações, pesquisou e sistematizou dados. Em alguns casos, foi preciso vencer resistências, como ocorreu com a belíssima composição formada por uma locomotiva e dois vagões, um de carga e outro de passageiros, além do *trolley* – veículo simples que servia à manutenção – que viriam a se tornar grandes destaques do museu.

Foi necessária muita conversa para convencer os responsáveis pela preservação desses equipamentos de que o museu seria, afinal, um destino mais apropriado e mais nobre para as relíquias, onde um número muito maior de pessoas poderia admirar e aprender sobre o trem a vapor e seu tempo.

O entusiasmo por conseguir a locomotiva e os vagões fez com que chegasse a se cogitar colocar a composição em funcionamento, em um pequeno circuito que teria o museu como ponto de partida e chegada. Havia, porém, muitos empecilhos para tanto: alimentar as caldeiras com a lenha necessária não era mais factível, os poucos ferroviários que ainda sabiam operar a locomotiva estavam há muito aposentados, assim como os mecânicos capazes de realizar sua manutenção. Sem contar a pouca disponibilidade de trilhos, dada a constante (e, claro, prioritária) circulação de trens com minério e outras mercadorias.

De qualquer forma, a conquista da locomotiva reforçou a intenção original de que a linha temática do museu girasse em torno da memória ferroviária, especificamente da EFVM, e todo o universo imaterial que a envolve. Do contato com os ferroviários viria o outro pilar temático, na verdade um assunto complementar que se desdobrava da história da estrada *stricto sensu*, que eram os vínculos com as comunidades ao longo de seu traçado, aspectos profundamente ligados à identidade "mineiro-capixaba" das cidades do Vale do Rio Doce.

Outros conjuntos de peças de acervo resgatadas indicaram subtemas de interesse: os trabalhadores, tecnologias e técnicas envolvidas na construção da estrada de ferro; a operação e a manutenção para o transporte de cargas e passageiros e, ainda, a vida da ferrovia, seus símbolos, estações e espaços de trabalho.

Daí surgiu a inspiração para três ambientes do museu: no primeiro, a história da construção, reconstrução e duplicação da estrada; no segundo, os aspectos da manutenção, o trabalho nas oficinas e na via e, no terceiro, o funcionamento das estações. Também foi destinada uma pequena sala

2. Assim como no caso do Museu Vale e da Vale, para dar mais fluência ao texto, utilizamos nesta obra a denominação atual Fundação Vale, ou simplesmente Fundação sempre que nos referirmos à Fundação Vale.



A casa do Museu Vale

O prédio da Estação Pedro Nolasco foi construído entre 1914 e 1927 pelo engenheiro Bartolomeu de Oliveira, a partir de projeto criado por um arquiteto francês vindo do Rio de Janeiro. Originalmente, o edifício tinha dois pavimentos em um volume de base retangular do qual se destacava uma cúpula centralizada. Possuía duas fachadas, uma voltada para a Baía de Vitória, onde ficava a porta de entrada da estação, e a outra voltada para a plataforma de embarque e desembarque. O vão central era um vestíbulo simetricamente posicionado, por onde circulavam os passageiros e onde funcionavam os guichês. O segundo piso abrigava atividades administrativas. O terceiro pavimento foi construído posteriormente, na década de 1930.

F16 **Estação Pedro Nolasco, s/d.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

para exposições temporárias para receber mostras de alguma forma relacionadas à ferrovia, concebidas a partir do próprio acervo do museu ou de outras instituições.

Complementando o escopo da proposta, idealizou-se um espaço para comportar uma grande maquete, que seria especialmente construída para retratar o percurso e os objetivos da EFVM: as minas de Itabira, o porto de Tubarão e as indústrias servidas pela ferrovia, além dos processos de extração e transporte de minério, sem esquecer das cidades, vilas e estações, incluindo a própria Pedro Nolasco, sede do museu. Com mais de 34 metros quadrados de área construída, a maquete seria projetada e estruturada por membros da Associação Mineira de Ferromodelismo. Segundo eles, naquele momento era a maior maquete do Brasil representando uma ferrovia específica.

Por fim, nada mais natural do que batizar o museu de acordo com sua temática principal. O Museu Ferroviário Vale do Rio Doce já era quase realidade.

Acasos, parcerias e realizações

O último desafio a ser vencido para implantar o museu era levantar os recursos financeiros necessários. Lembrando que a Vale era então uma empresa estatal, a ideia para tanto era procurar parceiros patrocinadores.

Até que um grande acaso mudou toda a história. Na época, a Fundação Vale tinha reposicionado sua atuação, alinhando-se aos novos conceitos de sustentabilidade empresarial que vinham sendo assimilados pela sociedade



Destaque do Museu Vale

A locomotiva Mikado, fabricada em 1945 pela The Baldwin Locomotives Works, na Filadélfia (EUA), foi uma das últimas que funcionavam a vapor adquiridas pela EFVM na década de 1940. Era operada por um maquinista, um foguista (responsável por alimentar de lenha a caldeira) e um graxeiro.

A Vale substituiu gradativamente as locomotivas a vapor pelas diesel-elétricas ao longo dos anos 1950 e 1960. Mas a Mikado foi preservada, guardada com muito capricho na Oficina de Vagões que ficava na Unidade de Tubarão. Até mesmo uma cobertura especial para protegê-la das intempéries havia sido providenciada.

F17 **Locomotiva Mikado 185 restaurada.**
Foto: Walter Monteiro, 1997.

e organizações brasileiras desde o fim dos anos 1980. Surgida sobretudo para auxiliar os funcionários da empresa a adquirirem a casa própria, a Fundação passou a investir em diferentes projetos sociais, inclusive fora do âmbito da Vale. Por conta disso, por exemplo, foi chamada a ser copatrocinadora do canal de televisão educativa Futura, que estava sendo organizada no início da década de 1990 pela Fundação Roberto Marinho, das Organizações Globo.

Foi então que, na mesma sala de espera da sede da Globo, no Rio de Janeiro, o então superintendente de comunicação da Fundação Vale, Hugo Mourão, e o gerente regional do Espírito Santo, Frederico Moncorvo, encontraram-se casualmente com a arquiteta e museóloga Beatriz Henriques, gerente de projetos culturais do Banco Real. Todos com o mesmo propósito de discutir o apoio à criação do Futura.

O Banco Real (mais tarde vendido ao ABN Amro e depois Santander) havia organizado um setor dedicado a desenvolver e a patrocinar projetos culturais em vários segmentos, como restauro, exposições de arte, teatro e música. Esse setor era comandado por Beatriz e vinha atuando em parceria com a Fundação Roberto Marinho em projetos na área de restauro de patrimônio e a sua ressignificação.

Entre uma conversa e outra, Beatriz ouviu Hugo e Frederico falarem entusiasmados dos planos para a Estação Pedro Nolasco e da necessidade de levantar recursos para viabilizá-los. Naquele momento, ela estava trabalhando na implantação de outro museu patrocinado pelo Banco Real, em Salvador (BA), o Museu Náutico da Bahia, e considerou que o Museu Ferroviário tinha todas as precondições para fazer parte do rol de projetos apoiados pelo banco.

Fundação Vale

Criada em 1968, a Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social durante décadas foi responsável por realizar, para os empregados da Vale, o sonho da maioria dos brasileiros: a conquista da casa própria.

Em 1998, após o processo de privatização da Vale, a Fundação redirecionou sua atuação para o desenvolvimento social de forma integrada. Passou a apoiar as comunidades presentes no entorno de onde a Companhia atua, com ações voltadas à educação, capacitação profissional, saúde, desenvolvimento comunitário, esporte e cultura.

Nos anos seguintes, a proposta da Fundação foi se transformando e acompanhando a mudança de compreensão do país sobre os princípios da responsabilidade social e sustentabilidade. Com isso, a Fundação hoje se reconhece como uma entidade que busca contribuir para o desenvolvimento integrado – econômico, ambiental e social – por meio de ações desenvolvidas localmente nos territórios onde a Vale opera: mais de 80 municípios nos estados do Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará e Rio de Janeiro.

Nessas ações, atua em parceria com uma rede de instituições com reconhecida experiência e especialização nas diferentes áreas temáticas de atuação: Educação, Geração de Trabalho e Renda e Saúde, e ainda temas complementares, como Cultura e Esporte.

Além do Museu Vale, em Vila Velha, a Fundação mantém vários outros ativos culturais e equipamentos sociais nos territórios de operação da empresa. As cinco Estações Conhecimento, o Centro de Treinamento de Deodoro, o Memorial Minas Gerais Vale, a Casa da Cultura de Canaã dos Carajás e o Centro Cultural Vale Maranhão são núcleos especialmente construídos ou adaptados para a realização de diversas atividades direcionadas a pessoas de todas as idades.



F18 **Obras de restauro da antiga Estação Pedro Nolasco, 1996.** *Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

De fato, após algumas rodadas de negociação, o Banco Real decidiu entrar com o patrocínio de 50%, sendo que o restante deveria ser financiado pela própria Vale, com recursos do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), por meio da Lei Rouanet.

Em agosto de 1996 começaram as obras de restauro da antiga Estação Pedro Nolasco, que se estenderiam até março de 1997, dois meses antes da privatização da Vale. A mudança, porém, não trouxe impactos significativos nos rumos do Museu Ferroviário.

Naquele mesmo ano, foi convidado a desenvolver o projeto museográfico o capixaba Ronaldo Barbosa, que também respondia pelo trabalho do Museu Náutico da Bahia. Na época, Ronaldo vinha de longa trajetória como artista e designer, no Brasil e exterior, e lecionava na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde havia ajudado a implantar o curso de Design.

Ronaldo trabalhou sobre a proposta básica elaborada por Maria Clara Santos Neves em 1995 e revisada em 1997. A museografia foi inovadora, utilizando materiais e objetos do próprio acervo da ferrovia. Trilhos, molas, válvulas das locomotivas, dormentes e outros equipamentos de trabalho transformaram-se em poética para servir de bases e vitrines. Também foram usadas cores, texturas e elementos que remetem à estrada de ferro, como areia e brita, para criar um ambiente moderno e vibrante.



F19 **Fachada do Museu Vale no evento de sua inauguração, em 15 de outubro de 1998.** *Foto: Flávio Santos. Acervo Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.*

Memória + arte contemporânea

Uma das maiores contribuições de Ronaldo, no entanto, foi destinar a Sala de Exposições Temporárias (SET) a mostras de arte contemporânea. Era um pequeno espaço no segundo pavimento que potencialmente podia se transformar em uma janela para o universo da arte, uma vez que praticamente inexistiam galerias ou museus dedicados ao tema na Grande Vitória e em todo o Espírito Santo. Tanto a Fundação Vale como o Banco Real aderiram à ideia de pronto, considerando que a iniciativa engrandeceria o projeto, unindo memória e preservação do patrimônio à arte.

O Museu Ferroviário Vale do Rio Doce foi inaugurado em 15 de outubro de 1998. No mesmo dia, Ronaldo Barbosa foi empossado como diretor cultural, junto com um Conselho, composto por membros da Vale e da Fundação e profissionais relacionados às artes e à cultura no estado – entre eles, Maria Alice Lindenberg, jornalista e assessora de Desenvolvimento Institucional da Rede Gazeta e, mais adiante, a galerista Ana Coeli Piovesan. O Conselho teve e tem papel fundamental para compartilhar e avalizar todas as decisões relativas à gestão e programação do Museu.



F20 Com 101 metros lineares de trilhos, a maquete do Museu Vale foi construída por apenas três artesãos, que dedicaram mais de duas mil horas ao trabalho para retratar fielmente o trajeto da EFVM. Conta com milhares de miniaturas — além das locomotivas e vagões de passageiros e de cargas que se movem sobre os trilhos, são 740 árvores, 370 "pessoas", 103 postes de iluminação, 80 casas, 30 sinais ferroviários, 17 pontes, três túneis, cinco caminhões e dois tratores de mina e, ainda, um navio, tudo na escala 1:87 (HO). É uma das atrações que mais encantam os visitantes, especialmente as crianças (de 8 a 80 anos).




Arquitetura
Architecture


VALE


CONSTRUÇÃ


TRANSPORTE DE MINÉRIO DE FERRO


10
BUZINE
SIGA


MANUTENÇÃO




A
A


VP
913


10
BUZINE
SIGA






ESTAÇÕES




SAÍDA

Um museu vivo e pulsante

“A chegada de uma mostra monográfica do artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) ao Brasil já causa espanto, mas que ela percorra oito museus brasileiros, em várias regiões, e comece sua itinerância em Vila Velha, no Espírito Santo, que nem capital é, realmente é difícil de acreditar.

Difícil, mas não impossível. A pequena cidade capixaba marca hoje presença no circuito das artes com a abertura de uma mostra de 47 trabalhos (38 múltiplos e nove peças únicas) de um dos mais influentes protagonistas das artes contemporâneas nesta segunda metade de século. As peças provêm do acervo da colecionadora italiana Paola Colacurcio, de Nápoles, e serão exibidas no Museu Ferroviário Vale do Rio Doce. Depois de Vila Velha, a mostra tem escalas programadas para Recife, Fortaleza, Salvador, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo e Niterói. Na capital paulista, a mostra acontece no MAC (Museu de Arte Contemporânea)”.

A matéria do jornal Folha de S. Paulo de 08 de julho de 1999, intitulada “Joseph Beuys se multiplica pelo Brasil” e assinada pelo jornalista Celso Fioravante, não deixa dúvidas sobre a rápida e inusitada ascensão do Museu Vale no grande circuito das artes plásticas no Brasil.

E reiterava o acerto da opção de ampliar seu escopo para além da memória e da preservação do patrimônio ferroviário, sua razão de ser original. Num primeiro momento, a ideia de dedicar a sala de exposições temporárias à arte contemporânea foi quase intuitiva. A boa repercussão do trabalho do artista capixaba Hilal Sami Hilal, exposto no local para a inauguração do Museu, foi um indicador bem positivo, mas praticamente a única certeza que se tinha era que a arte desempenharia importante papel social diante da carência de locais apropriados para a experimentação estética, particularmente da arte contemporânea, na Grande Vitória e em todo o Espírito Santo. Papel que se ampliava diante da possibilidade de utilizar recursos provenientes da Lei Rouanet (lei federal de incentivo à cultura) tornando a programação acessível a toda a população de forma gratuita.

O que ninguém podia prever num primeiro momento era que a resposta fosse tão positiva. Apenas nas exposições realizadas entre 1999 e 2000 contabilizou-se um público total de mais de 50 mil pessoas. Nesse intervalo, depois de Beuys, a sala de exposições temporárias recebeu Antonio Manuel, José Damasceno, Leda Catunda e Arthur Omar, artistas reconhecidos nacional e internacionalmente.

F21 **Baía de Vitória vista da recepção do Museu Vale.**



Site specific

Site specific ou sítio específico refere-se a obras criadas de acordo com o ambiente. São trabalhos planejados para serem expostos em um espaço determinado, de forma que as obras dialoguem com o meio. De acordo com especialistas, esse conceito sinaliza a tendência de a arte contemporânea incorporar o espaço à obra ou transformá-lo, seja ele a galeria, o ambiente natural ou áreas urbanas.

F22 **Interior do galpão de exposições do Museu Vale.**

As exposições de arte no Museu Vale foram organizadas, desde o início, dentro de todos os protocolos das grandes mostras internacionais. Além da preparação de vernissages, é produzido um catálogo específico de cada exposição.

Os catálogos cumprem a função de orientar o visitante no espaço expositivo a partir da visão da curadoria e documentam a vida da instituição, na medida em que possibilitam um registro perene das exposições temporárias.

Diante do sucesso, a área dedicada à arte contemporânea foi ampliada, estendendo-se para um galpão de 800 metros quadrados que funcionava como armazém na época em que a Pedro Nolasco ainda era uma estação ativa. Quando da inauguração do Museu, o espaço era usado pela equipe de remo do Clube Desportiva, time de futebol criado pelos funcionários da Vale. Eles guardavam ali suas embarcações e equipamentos.

O edifício rústico e simples conservava ainda as características iniciais: telhado colonial, piso de cimento e paredes de alvenaria com algumas partes em concreto e pedra. A amplitude interna, quase sem paredes, era ideal para comportar grandes montagens, além do que a possibilidade de integração com o ambiente externo tornava-o um espaço excelente para mostras de *site specific*.

Após algumas pequenas adaptações, em 26 de outubro de 2000 era inaugurado o galpão de exposições com a mostra coletiva "A forma e os sentidos – um olhar sobre Minas", cuja curadoria ficou a cargo de Kátia Canton e do próprio Ronaldo Barbosa. A exposição reuniu no mesmo espaço obras de Amilcar de Castro, José Bento, Cristiano Rennó, Renato Madureira, Marcus Coelho Benjamim, Cao Guimarães, Solange Pessoa, Valeska Soares e Lygia Clark. Mais de 18 mil pessoas registraram presença durante os pouco mais de três meses em que ficou em cartaz.

A partir daí, o destaque conferido pela imprensa especializada e geral nas principais capitais ajudou a consolidar o prestígio do Museu com a sociedade capixaba e os profissionais ligados às artes em todo o país. Isso levou, inclusive, à decisão de mudar seu nome, retirando a denominação "Ferroviário" – a partir de 2001, passava a ser apenas Museu Vale do Rio Doce.

Ninguém mais estranhava o fato de uma grande exposição ser inaugurada no Museu Vale que, definitivamente, passou a integrar o grande circuito das artes plásticas do Brasil. Cada vez mais artistas se interessavam em desenvolver projetos inéditos para o galpão, no conceito de *site specific*. Alguns desses trabalhos foram adaptados para itinerarem por outras instituições culturais, como a exposição "Babel" (2006), de Cildo Meireles, que seguiu para a Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo e foi considerada a melhor do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

As exposições no galpão também colaboraram para dar mais visibilidade a artistas capixabas. Hilal Sami Hilal, por exemplo, que teve uma de suas obras demarcando o território destinado à arte contemporânea da Sala de Exposições Temporárias na inauguração do Museu, em 1998, voltou em 2007 com um trabalho concebido especialmente para o galpão: a mostra "Seu Sami", uma referência a seu pai. No ano seguinte, a exposição percorreu três estados, sendo adaptada para o MAM Rio (RJ), o Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG) e o Sesc Pompeia, em São Paulo (SP).

Outros artistas naturais no Espírito Santo tiveram seus trabalhos expostos no Museu: Álvaro Abreu, Falcatrua, Dionísio Del Santo, Filipe Borba, Gustavo Vilar, Paulo Vivacqua, Tom Boechat, Regina Chulam e Rosilene Luduvico são alguns nomes que ganharam dimensão nacional e internacional, mas que, em alguns casos, eram pouco conhecidos localmente.

Educação, cidadania e inclusão social

Há décadas, os museus deixaram de ser apenas guardiões de coisas do passado, onde só é permitido observar e contemplar. Isso foi possível graças ao uso de recursos interativos e, em especial, pelo desenvolvimento de um conjunto de ações educativas e culturais que permitem a imersão do visitante na história que ali é contada, estimulando criatividade, percepção e senso crítico, principalmente entre o público infantil.

Desde o primeiro momento, o Museu Vale adotou essa proposta, criando, ainda em 1998, o Programa Educativo, hoje um "guarda-chuva" que integra vários projetos sociais e de arte-educação. O Programa nasceu com o objetivo de capacitar equipes de mediadores e arte-educadores para conduzir visitas, principalmente com estudantes das redes pública e particular de ensino. Os visitantes passaram a ser estimulados a refletir a partir de temas transversais à história da ferrovia que, de alguma forma, possam ser relacionados à memória afetiva das crianças, suas famílias e da comunidade como um todo. Cada peça do acervo, portanto, representa uma pequena "viagem" pelo seu significado através do tempo.

Para mensurar o resultado dessas ações, incentivar o protagonismo das crianças e interagir diretamente com professores da rede pública e particular da região metropolitana, começaram a ser realizados concursos de redação e de desenho. Os professores eram preparados para tratar em sala de aula temas relacionados à memória e à arte, retornando ao Museu posteriormente para a visita mediada. Depois, os alunos eram estimulados a desenvolver textos ou desenhos a serem avaliados por uma comissão julgadora. Os autores dos melhores trabalhos recebiam prêmios simbólicos, como miniaturas de trens cargueiros e visitas à Unidade de Tubarão, onde era oferecido um almoço especial.

Apesar da boa aceitação do concurso, em 2003 a direção do Museu decidiu reformular o Programa, eliminando seu caráter competitivo. A partir de então, a principal atividade passou a ser o estímulo direto e no próprio Museu com ações educativas patrimoniais, baseadas na exposição permanente sobre a história da construção da EFVM, e à imersão no universo da arte, por meio de *workshops* inspirados nas exposições temporárias de arte contemporânea.

Para os *workshops* é realizada uma preparação prévia dos professores, que recebem informações e participam da atividade com a equipe de mediadores do Museu, retornando posteriormente com suas turmas em hora e data previamente agendadas. Depois da visita à exposição de arte contemporânea, os alunos são encaminhados para a sala de arte-educação, localizada em uma construção anexa à área do Museu. Ali participam do *workshop*, que pode ser uma atividade proposta pela equipe própria do educativo, arte-educador convidado ou sugerida pelo próprio artista, caso ele queira compartilhar de forma mais visceral seu processo criativo com os estudantes.

Os *workshops* são ministrados por membros da equipe de mediadores em conjunto com estagiários de nível superior, em geral oriundos do curso de artes plásticas, artes visuais ou relacionados. No final, os trabalhos produzidos integram uma exposição montada na Sala Multimeios, que usualmente é inaugurada no mesmo dia da abertura da mostra de arte contemporânea subsequente.

Em média, os *workshops* são aplicados durante dois ou três meses, dependendo da época do ano em que a mostra de arte contemporânea é realizada.


Encontros com
a Arte Contemporânea
Encontros com
a Arte Contemporânea
Ricardo Basbaum
Tatiana Blass
Ronaldo Brito
Cauê Alves
Stephane Huchet
Sérgio Martins



Seminários Internacionais do Museu Vale

Entre 2006 e 2013 foram realizadas oito edições dos Seminários Internacionais, reunindo críticos de arte, design e arquitetura, diretores de museus, filósofos, jornalistas, antropólogos e artistas de várias linguagens. No total, foram mais de uma centena de palestrantes, brasileiros de várias regiões do país, entre os quais Agnaldo Farias, Fernando Cocchiarale, Katia Canton, Nelson Brissac Peixoto, Suely Rolnik, Almerinda da Silva Lopes, Antonio Cícero, Paulo Sergio Duarte, Ana Maria Machado, Clarissa Diniz, José Miguel Wisnik, Maria Rita Kehl, Moacyr Scliar, Ivaldo Bertazzo, Heloisa Buarque de Hollanda e Roberto da Matta.

F23 **Sétima edição dos Seminários Internacionais Museu Vale, 2012. Tema: "Se essa rua fosse minha... Sobre Desejos e Cidades".**

O primeiro *workshop* nesse formato foi realizado durante a exposição de Carlos Vergara, entre 2003 e 2004. O próprio artista trabalhou com as crianças elementos que caracterizam sua obra – o emprego de pigmentos naturais e minérios –, ensinando-as a produzir lápis de cera com minério de ferro da mina do Cauê, em Itabira (MG). Daquele momento até 2018 o Museu Vale sediou 32 exposições de arte contemporânea, sendo que cada uma gerou uma ação educativa específica.

Outro projeto que integra o Programa Educativo é o Guarda Histórias, ação de cunho patrimonial baseada na exposição permanente do Museu, formada pelo acervo histórico da EFVM. Como sugere o nome, a ideia é levar as crianças a refletirem sobre sua história e de sua comunidade com base nos referenciais observados no Museu. Durante a visita, os mediadores chamam a atenção para determinadas peças expostas e levantam questões sobre sua utilização no passado e quais os objetos ou equipamentos que cumprem hoje funções similares. Depois, as crianças são convidadas a embarcar na maria-fumaça e realizam uma viagem imaginária para um local definido pelo próprio grupo, que também decide a "bagagem" a ser levada – suas experiências. A atividade encerra na sala de arte-educação, onde cada criança recebe um álbum interativo a ser preenchido com desenhos, recortes, palavras e textos que remetam às suas memórias e histórias de vida. A experiência também foi levada para fora do Museu, tendo sido aplicada em algumas cidades ao longo da EFVM.

Em 2005 foi criado o Programa de Estágio, voltado para universitários dos cursos de Artes Plásticas e áreas relacionadas, e o Programa Aprendiz, que prepara jovens em ofícios relacionados à montagem das exposições. A cada mostra, dez jovens moradores das comunidades localizadas no

F24 **Primeira edição dos Encontros com a Arte Contemporânea, no Museu Vale, 2017.**





F25 O Programa Educativo abrange entre duas mil e quinhentas a três mil crianças por mês, a maioria proveniente de escolas de ensino fundamental e médio da Grande Vitória (que engloba os municípios de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória).



O lugar da memória

Como parte do processo de implantação do Museu Vale, foi reunida grande quantidade de documentos, livros, fotografias e outros materiais que, embora não tivessem uso como peça de exposição, guardavam um valor informativo inestimável a respeito da EFVM e da própria Vale, incluindo documentos raros, como atas e memorandos internos da companhia.

Sensível à importância desse acervo para historiadores e pesquisadores de várias áreas do conhecimento, a direção do Museu decidiu implantar um Centro de Memória aberto ao público. Foi um trabalho iniciado nos bastidores, logo após a inauguração em 1998. Uma sala ampla foi preparada e climatizada para comportar o acervo de acordo com recomendações técnicas de preservação e uma equipe de consultores, em parceria com estagiários selecionados na Ufes, realizou a organização arquivística do acervo e implantou um banco de dados para sua gestão. Além disso, passaram a ser adquiridas obras para compor uma biblioteca especializada no tema ferroviário.

O Centro de Memória da EFVM foi aberto ao público em 2006. Hoje, é responsável por um acervo de mais de 23 mil itens catalogados, entre filmes,

entorno do Museu – uma região considerada de alta vulnerabilidade social – são selecionados para participar de cursos teóricos ministrados por membros da equipe fixa nas áreas de museologia, arte pública, comunicação visual e cenografia e, mediante um convênio com o Senac, também frequentam aulas de marcenaria e pintura.

Após a capacitação básica, os jovens atuam como ajudantes durante a montagem das exposições temporárias de arte contemporânea no galpão. Até 2018, mais de 120 jovens já haviam participado do Programa Aprendiz, sendo que alguns se aperfeiçoaram nas áreas em que receberam a breve capacitação. O resultado mais esperado do programa, no entanto, é introduzir os jovens no universo da arte e da cultura, estimulando-os a buscar aperfeiçoamento profissional para o mercado de trabalho nessa área.

O Museu Vale realizou, ainda, entre 2006 e 2013, os Seminários Internacionais Museu Vale, que contaram com a participação, na curadoria e organização, do filósofo Fernando Pessoa, da Ufes. Os seminários abordaram temas ligados aos sentidos da arte contemporânea e todas as palestras foram publicadas na íntegra, em edições coordenadas pela própria equipe do Museu. Direcionados ao público de diferentes faixas etárias, níveis socioeconômicos, formações e experiências, os debates promoviam a discussão sobre conhecimentos artísticos e filosóficos, possibilitando a compreensão do trabalho de artistas e pensadores. Em suas oito edições, os Seminários Internacionais Museu Vale fomentaram a reflexão sobre o papel da arte contemporânea e seus vieses no século XXI.

Após um hiato de três anos, voltaram a ser promovidos eventos similares em 2017, os Encontros com a Arte Contemporânea, com palestras que

fotos, mapas, documentos, depoimentos em áudio e textos históricos, além de livros, catálogos, revistas e fôlderes relacionados à memória ferroviária e à arte. O espaço é gerido por um historiador especialmente dedicado, especializado em gestão de arquivos, que também tem a função de colaborar com os estudiosos que buscam no acervo matéria-prima para suas pesquisas. Dezenas de monografias, teses, TCCs e matérias jornalísticas já foram desenvolvidos utilizando como fonte principal o acervo do Centro de Memória.

F26 **Centro de Memória da Estrada de Ferro Vitória a Minas, Museu Vale.**

debatem diversos temas, sempre sob o ponto de vista do artista, crítico, curador e historiador da arte.

Antes disso, a partir de 2007, o Museu iniciou uma série de eventos e programas, estimulados pela grande aceitação das ações educativas, como o Bate-Papo com artistas e curadores, festivais de música, dança, teatro e audiovisual, mostras de fotografia, oficinas de férias e outras programações.

Destino turístico e gastronômico

Para que o Museu Vale se consolidasse também como um destino turístico, foi preciso investir na criação de outros atrativos. Além de afastada do centro da cidade, a região onde foi implantado o Museu é circundada por áreas de vulnerabilidade socioeconômica e tem poucas benfeitorias urbanas, convivendo com a movimentação de caminhões de carga, como é próprio de áreas portuárias.

Assim, as primeiras providências foram implantar uma sinalização adequada e melhorar os acessos, em parceria com os poderes públicos. Também foi realizado um projeto paisagístico valorizando os jardins no entorno do edifício principal e a vista da Baía de Vitória, com a construção de um ancoradouro para permitir a chegada pelo mar, sem esquecer de dedicar amplo pátio para estacionamento de veículos, uma vez que a maior parte dos visitantes utiliza automóveis de passeio, vans ou ônibus de turismo para deslocar-se até lá.

Ainda era necessário oferecer uma boa opção gastronômica, mas teria de ser algo que se transformasse numa atração em si e estivesse alinhado à proposta de unir memória e arte. Em 2000 foi inaugurado, assim, o Café do Museu, bistrô comandado pelo *chef* Dinho e, mais tarde, por sua cunhada, *chef* Cleonice. Seu maior diferencial foi ser montado dentro de um vagão de passageiros restaurado.

Devido à grande procura, o restaurante ganhou um *deck* coberto para comportar mais mesas e uma cozinha totalmente equipada, instalada em outro vagão adaptado, um antigo *caboose* – o último vagão dos trens a vapor, que serviam para auxiliar a frenagem. Tudo isso fez do Café um lugar requisitado para receber eventos culturais e sociais, de festas de aniversário a lançamentos de livros.

Em pouco tempo, o Museu Vale se tornou um dos pontos mais visitados da região metropolitana de Vitória, sendo identificado como um destino que une cultura, arte e gastronomia. No marco de seus 20 anos, já foram registrados mais de um milhão e setecentos mil visitantes, entre estudantes, professores e turistas em geral. Em 2014, 2016 e 2017, o Museu recebeu o Certificado de Excelência do TripAdvisor.com, que o colocou no grupo de apenas 10% dos estabelecimentos avaliados como “excelente” pelos usuários do site.

No entanto, um atestado do sucesso da proposta do Museu Vale é verificar, seja nos fins de semana ou dias úteis, a grande movimentação de pessoas, entre caravanas de estudantes, turistas capixabas, de outros estados ou estrangeiros e, curiosamente, noivas, aniversariantes e modelos que elegeram o local como cenário favorito para seus ensaios fotográficos.



Reconhecimento

Existem vários indicadores capazes de medir objetivamente o desempenho de uma instituição, como a quantidade média e perfil de visitantes, a qualidade das atrações oferecidas e número de pessoas atingidas direta ou indiretamente, a repercussão na mídia, as premiações concedidas por organizações especializadas. O Museu Vale tem alcançado um desempenho notável em vários deles.

Em 2004, por exemplo, a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) concedeu o prêmio Destaque Especial ao Museu Vale por sua "contribuição à cultura e à arte brasileira", o que refletiu o reconhecimento das personalidades da área cultural do país. Em 2013, como parte da celebração de seus 15 anos, o Museu foi homenageado em sessão solene na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, em Vitória. No ano seguinte, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), órgão do Ministério da Cultura responsável pelos museus federais, designou o diretor cultural Ronaldo Barbosa para compor o Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico, principalmente por considerar o Museu Vale uma das experiências culturais mais relevantes do Brasil.

Existe também outro tipo de indicador, um pouco mais difícil de mensurar, que é a percepção de que a população da Grande Vitória, em toda a sua diversidade sociocultural e econômica, apropriou-se do Museu. O capixaba é presença constante, seja nas visitas cotidianas, prestigiando as exposições e seus eventos de abertura, as palestras promovidas sobre arte contemporânea e outras atividades educativas e culturais que fazem parte da programação, seja apenas desfrutando do lugar para um piquenique, um encontro de amigos, uma reunião de trabalho ou uma sessão de fotos e *selfies* aproveitando a paisagem, a velha Mikado, o vagão-restaurante ou outros belos ambientes e cenários.

Outro indicador é o fato de o Museu Vale ter conquistado espaço de destaque nos sites, revistas e guias turísticos especializados, onde é apontado como uma das principais atrações da região da Grande Vitória, ao lado das praias e de monumentos históricos tradicionais, como o Convento da Penha. E, assim como no caso do TripAdvisor.com, sempre com avaliações muito positivas dos próprios visitantes nos sites que permitem esse tipo de interação.

Por fim, o principal indicador para toda a equipe do Museu Vale, que é ter certeza de que, mais do que expor, trata-se de construir histórias. Histórias de vida. Existem vários casos de crianças e jovens tão fortemente impactados pelo trabalho desenvolvido no Museu que construíram suas carreiras em torno da arte ou da arte-educação. São belos relatos, repletos de força, determinação e superação, que mereceriam um livro à parte.

Nesses 20 anos, o Museu Vale se constituiu em um patrimônio valioso para o Espírito Santo e todo o Brasil. Com experiências únicas e transformadoras, tem contribuído fortemente para valorizar e enriquecer a arte, a educação e a cultura no país.

F27 **Workshop da mostra Fermata dos artistas OSGEMEOS, no Museu Vale, 2011/2012.**

Arte fazendo história



Museu Vale
O lugar da arte contemporânea no Espírito Santo

Na inauguração do Museu Vale, em 1998, uma obra do artista capixaba Hilal Sami Hilal demarcou a vocação da então Sala de Exposições Temporárias como lugar destinado à arte contemporânea. Desde então, importantes artistas brasileiros e estrangeiros expuseram seus trabalhos no Museu.

A repercussão extremamente positiva reiterou a pertinência daquele trabalho e o ampliou para a área do galpão, hoje celebrado por artistas e curadores como um espaço privilegiado para instalações de *site specific*. Ali, as exposições não são restritas por paredes, portas e janelas; as possibilidades são imensas tanto por conta da flexibilidade da arquitetura do galpão como pelos belos jardins que o cercam e a paisagem dominada pela Baía de Vitória.

O público, em especial os capixabas da região metropolitana de Vitória, passou a comparecer massivamente aos *vernissages* e exposições, e logo a mídia de todo o país acompanhava com atenção o que acontecia ali. Natural e rapidamente, o Museu Vale integrou o circuito das artes brasileiro, inclusive inaugurando mostras que depois seriam montadas em outros destacados espaços culturais dos demais estados do país.

Em formato de retrospectiva, no marco dos 20 anos do Museu Vale, apresentamos a seguir um registro fotográfico das 47 exposições realizadas entre 1999 e 2018.

F28 **Galpão de Exposições, Museu Vale.**



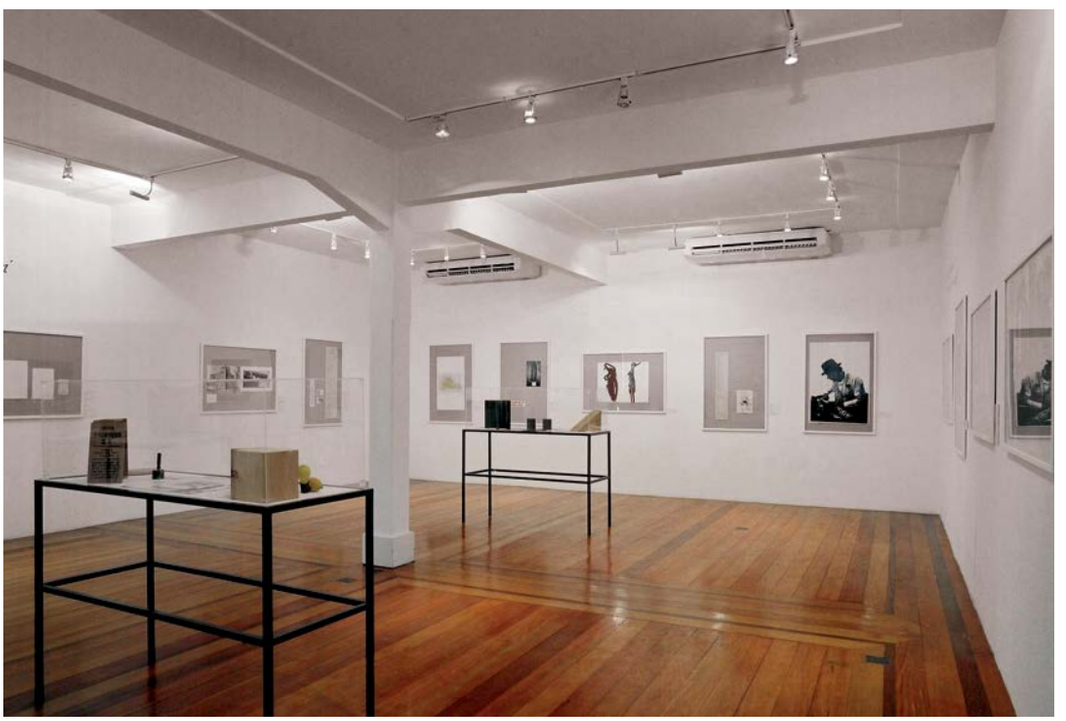
08.07—15.08.1999

Múltiplos (Joseph Beuys)

Considerado o artista plástico alemão mais importante depois da II Guerra Mundial, Joseph Beuys desenvolveu trabalhos em diversas linguagens artísticas que foram denominados “múltiplos de arte”.
O termo foi criado pelo grupo Fluxus, nascido em Nova Iorque reunindo artistas que se opunham à comercialização da arte, com performances e exposições próprias.



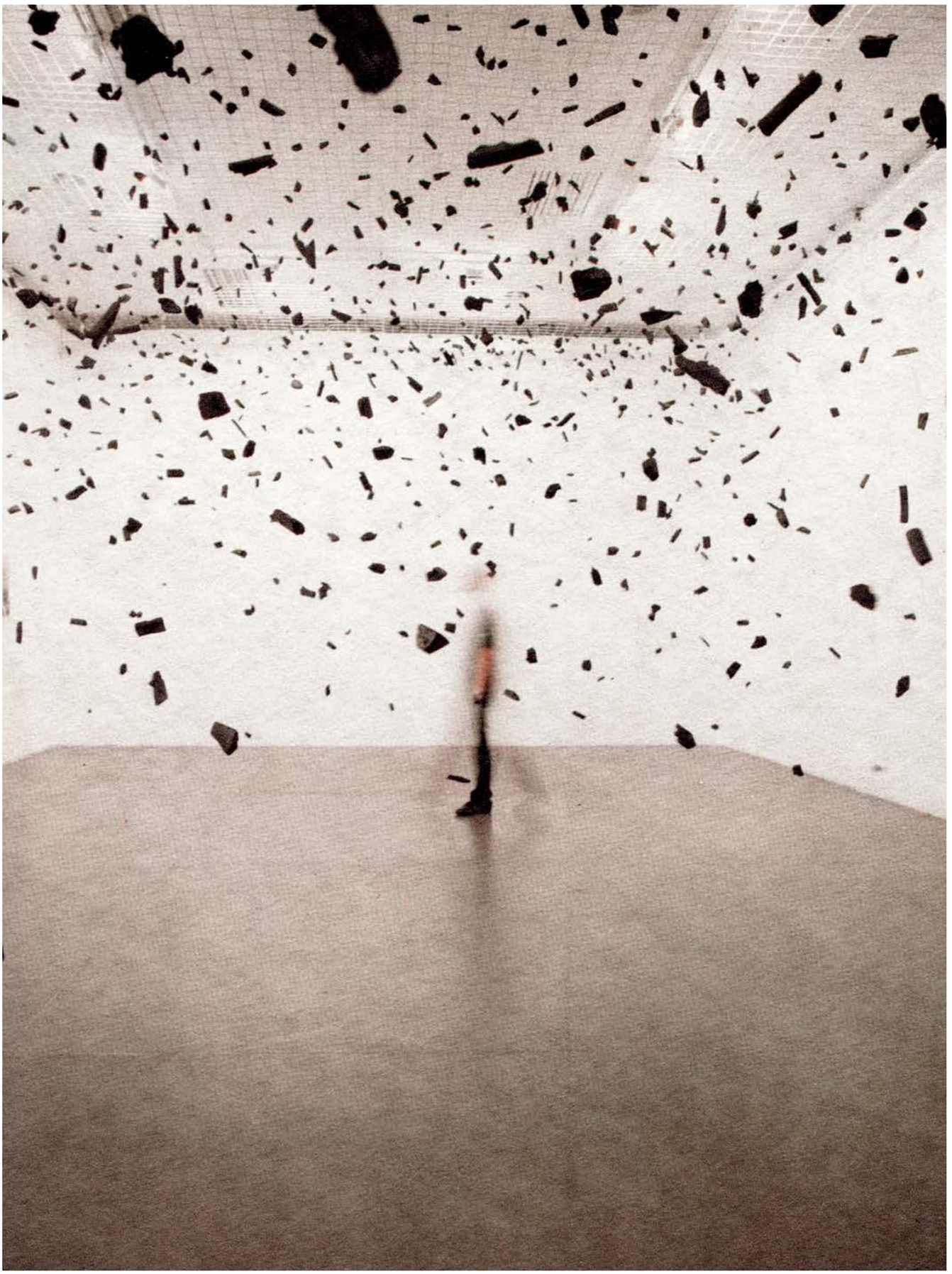

La rivelazione siamo Noi



30.09—30.11.1999

Fantasma (Antonio Manuel)

Antonio Manuel é escultor, pintor, gravador e desenhista. Em 1994 apresentou a primeira versão de “Fantasma”, que propõe uma reflexão sobre o contexto social e político brasileiro. A instalação foi montada com pedaços de carvão suspensos por fios de náilon, que pareciam flutuar. O público era convidado a percorrer o espaço, sendo tocado ou marcado pelo carvão. “Fantasma” também foi apresentada na Galerie Nationale du Jeu de Paume, de Paris (França), no Museu Serralves, da cidade do Porto (Portugal), além do Museu Guggenheim, em Nova Iorque (EUA).



09.12.1999 — 09.03.2000

Coleção Marcio Espindula (Jorge Guinle)

Jorge Guinle foi um dos artistas mais notáveis da chamada Geração 80. Pintor e desenhista, tornou-se referência para a pintura contemporânea. A exposição celebrou não apenas a produção do artista mas também uma das mais importantes coleções de arte do Espírito Santo, pertencente ao acervo pessoal do *marchand* Marcio Espindula.



26.04—19.06.2000

Cinemagma (José Damasceno)

José Damasceno dedica-se às artes plásticas desde a década de 1990, criando objetos e instalações que exploram os limites da forma escultórica por meio de materiais industriais, como madeira, concreto e alumínio.

Em “Cinemagma” criou labirintos no chão com pequenos tijolos de mármore e estopa, formando um volume, sobre o qual foi colocada uma porta aberta que permitia entrever alguns frascos de vidro. Nas paredes, desenhos presos com pregos e elásticos.
A instalação era uma crítica a tudo aquilo que faz pensar de maneira rígida. A maquete da instalação foi adquirida pelo colecionador Gilberto Chateaubriand e foi produzida e exibida pela primeira vez no Museu Vale.

Itinerância: MAM Rio (agosto/setembro de 2000)





29.06—17.08.2000

Pinturas moles, uma outra costura do mundo (Leda Catunda)

Leda Catunda é artista plástica, escultora, artista gráfica e professora. Em seu trabalho, explora as propriedades dos materiais em busca do que denomina “poética da maciez”. As “Pinturas Moles” são feitas a partir de procedimentos próximos aos da colagem: tecidos ricos em texturas e de cores intensas são sobrepostos, entrelaçados, recortados e pintados. O resultado é uma superfície volumosa e estufada.





24.08—15.10.2000

Antropologia da face gloriosa (Arthur Omar)

Fotógrafo, artista multimídia e sociólogo, Arthur Omar trabalha com diferentes linguagens, como cinema, vídeo, fotografia, instalações, música, poesia e desenho.

Na série de fotografias “Antropologia da face gloriosa” (1973-1998), realizada em preto e branco, interpretou o delírio carnavalesco brasileiro em 161 retratos retrabalhados nos processos de revelação e ampliação. Para o Museu Vale foram selecionadas 20 fotos para compor a exposição.





26.10.2000 — 31.01.2001

A forma e os sentidos — um olhar sobre Minas (mostra coletiva)

A exposição que inaugurou o galpão do Museu Vale, de acordo com a curadora Kátia Canton: *nasce(u) na obra de dois mestres mineiros, cujos caminhos e legados se entrecruzaram, mesclando o corpo e a alma da arte brasileira contemporânea com ingredientes que perpassam o rigor e a economia formal e penetram pelos terrenos da exploração sensorial, além da própria fisicalidade do objeto artístico. Nos dois polos desse mapa simbólico estão Amilcar de Castro* ❶ *e Lygia Clark. E, no percurso que os interliga, se materializa a obra de outros nomes da arte contemporânea brasileira, que comungam essas preocupações e pensamentos, acrescentando a elas suas intensas particularidades. São eles: Marcus Coelho Benjamin, José Bento* ❷*, Renato Madureira, Cristiano Rennó, Solange Pessoa, Cao Guimarães e Valeska Soares*.



1



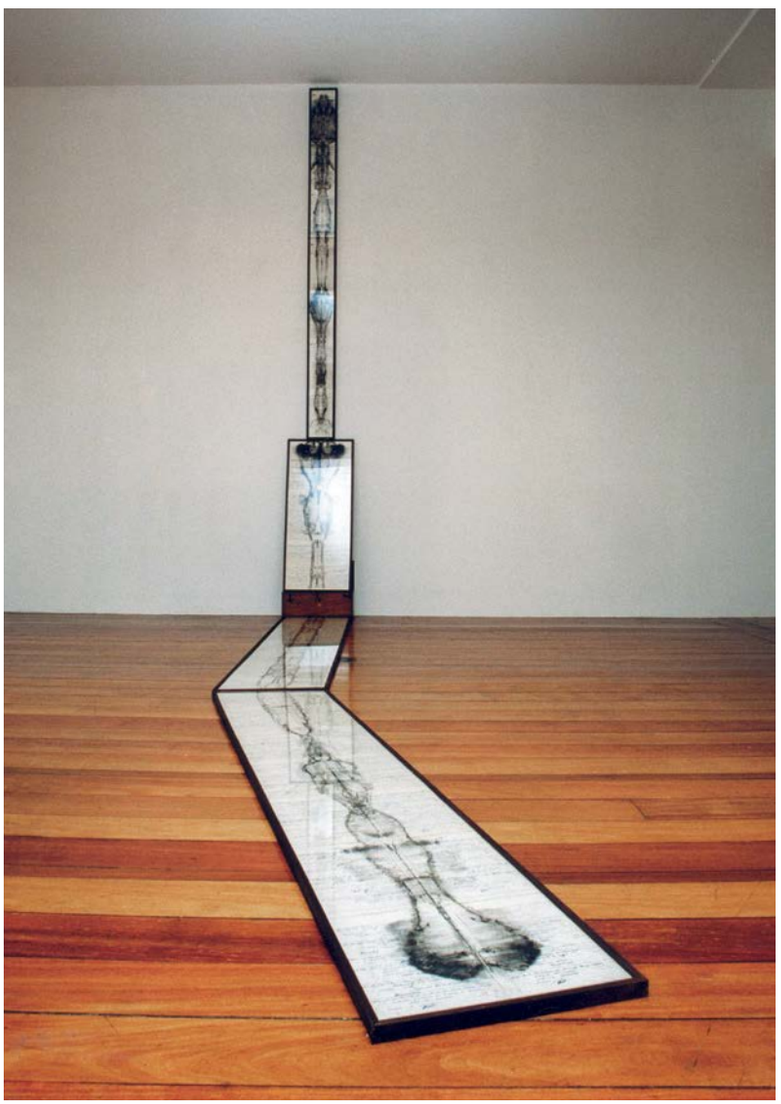
2



25.04—23.08.2001

Murmuratio (José Rufino)

As obras do artista plástico José Rufino são formadas considerando a articulação e ressignificação de objetos como móveis, documentos, cartas e fotografias. Em “Murmuratio”, ele utilizou objetos do acervo ferroviário da Vale cedidos pela empresa, que se transformaram em suporte para os trabalhos.





23.05 — 23.07.2001

Bilbao, a transformação de uma cidade

A exposição internacional buscou aproximar a capital do Espírito Santo à província de Bilbao, capital da Biscaia, na Espanha, em paralelo ao evento Qualicidades, voltado para a gestão de cidades com qualidade e organizado pela Prefeitura Municipal de Vitória. A mostra foi centrada em 13 ambiciosos projetos arquitetônicos e de infraestrutura de Bilbao, como o Museu Guggenheim.

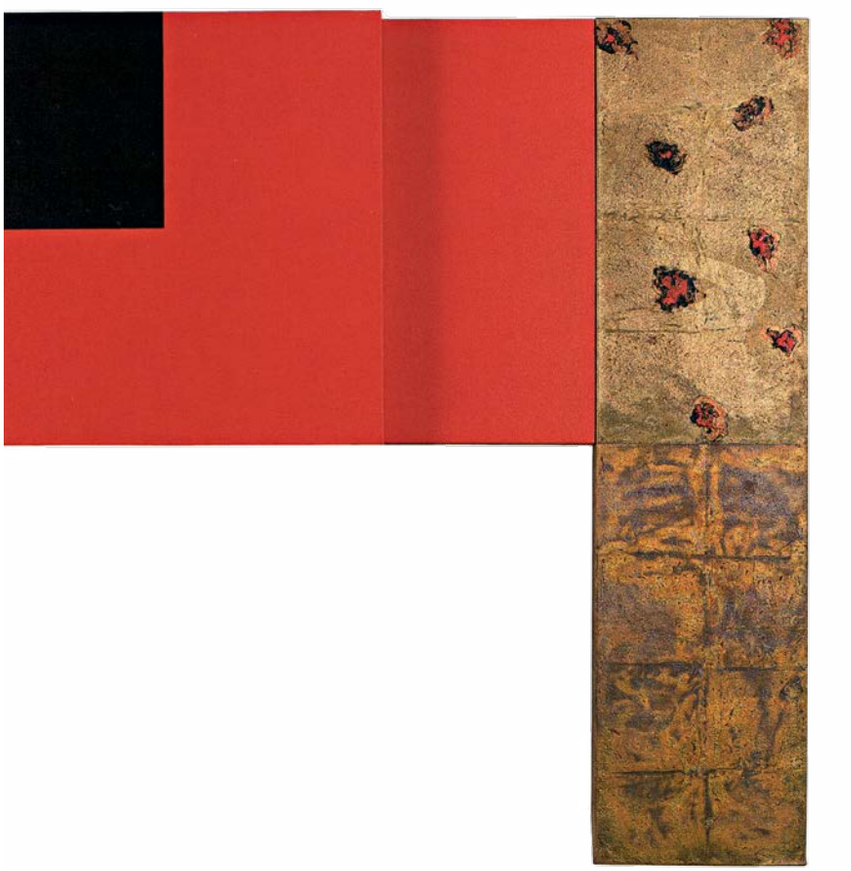


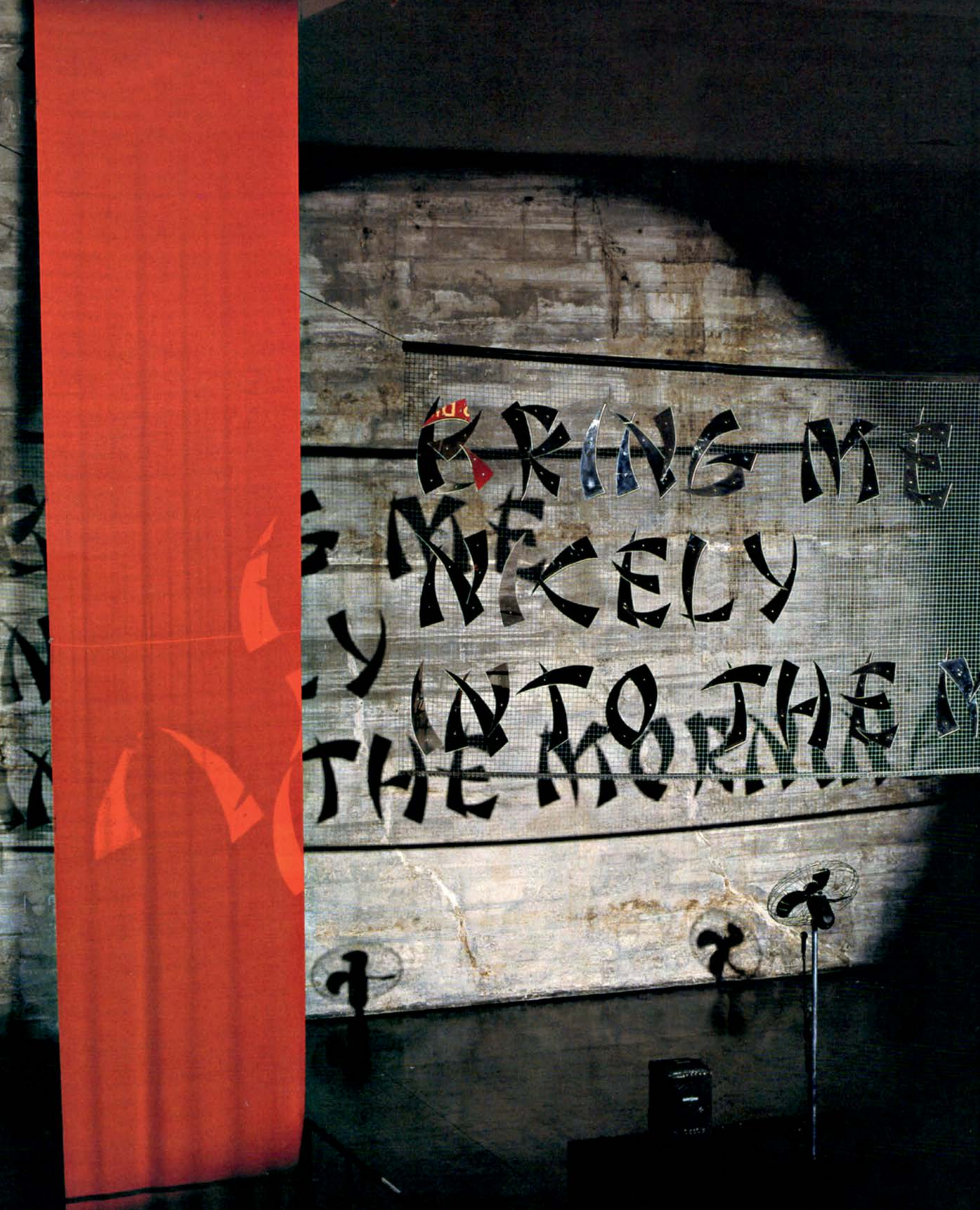


30.08—07.10.2001

O país inventado (Antonio Dias)

Considerada uma das mais importantes exposições da obra do artista multimídia Antonio Dias realizada do Brasil, “O país inventado” foi uma instalação com 36 trabalhos, que representam o percurso do artista desde 1965. Natural da Paraíba, Antonio Dias faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 2018, aos 74 anos.



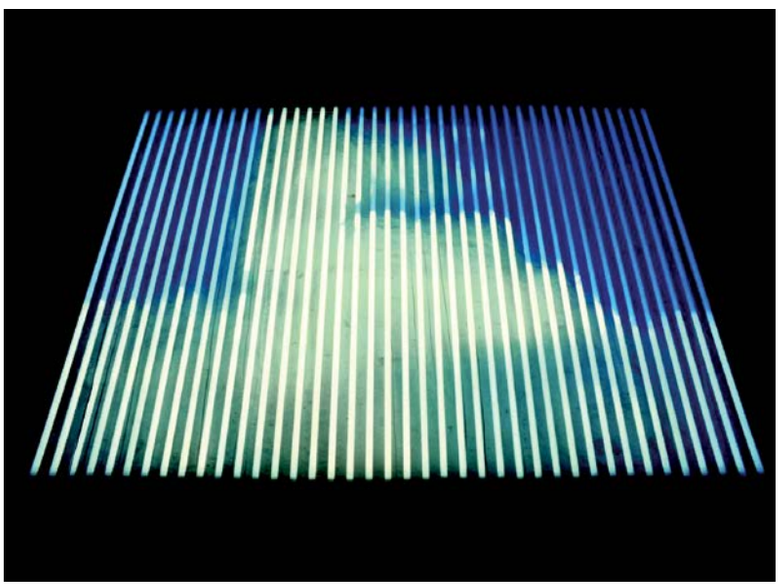

BRING ME
MEKELY
TO THE

31.10.2001—31.01.2002

Outra coisa (mostra coletiva)

Diferente dos coletivos da década de 1970, motivados por questões políticas contra a ditadura militar, no início dos anos 2000 o Grupo Agora retomou a questão do coletivo artístico, porém baseado na temática da crítica à ausência de políticas públicas voltadas para a área cultural. Na época da exposição, os grupos independentes Agora e do Capacete se uniram, formando o Agora/Capacete, na cidade do Rio de Janeiro. O projeto teve como finalidade apresentar performances e outras linguagens artísticas.

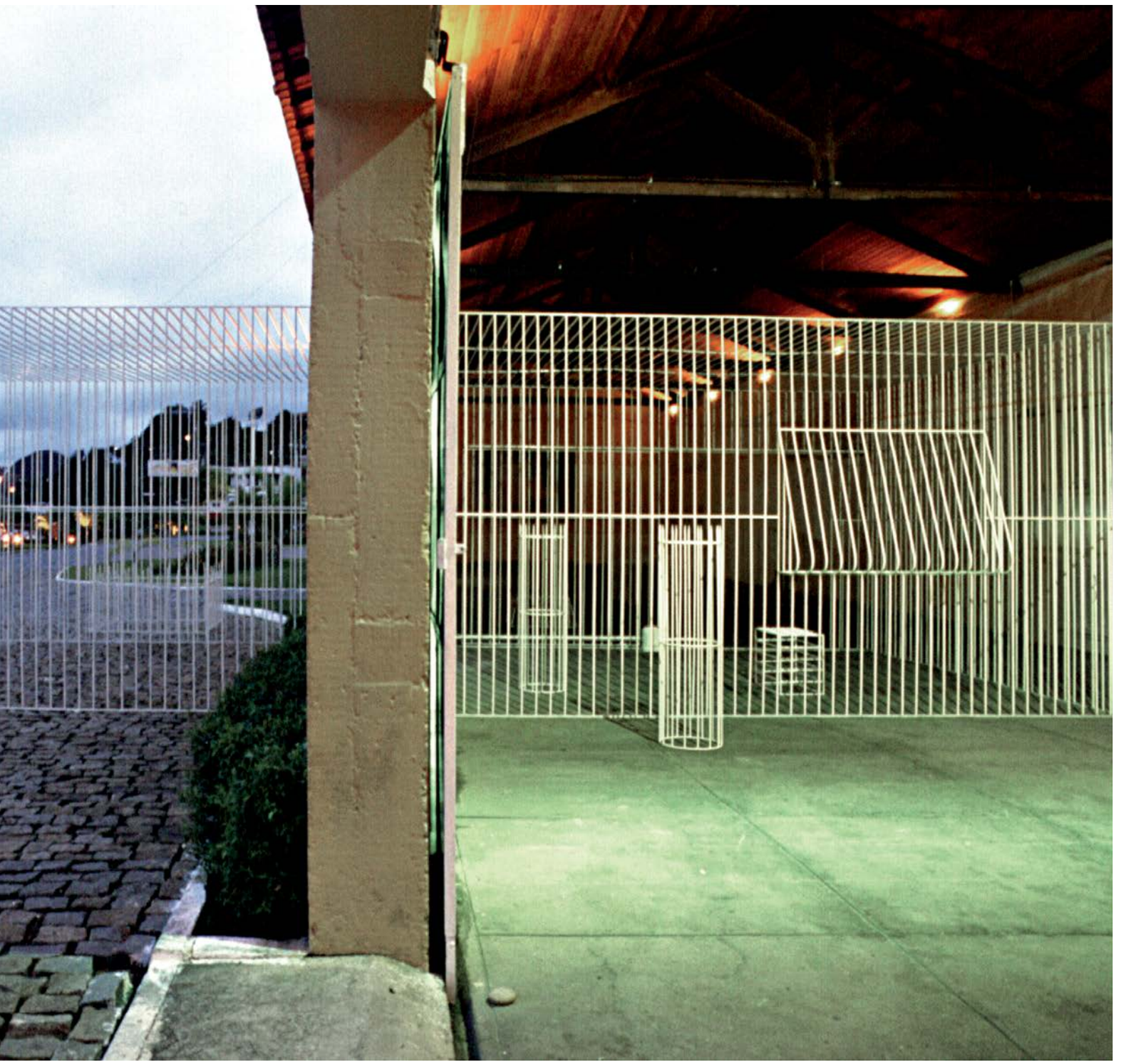
A exposição coletiva "Outra coisa" reuniu obras dos artistas Eduardo Coimbra ❶, Brígida Baltar, Raul Mourão ❷, Ricardo Basbaum e João Modé.



1



2



10.04—31.07.2002

Desiderata (mostra coletiva)

A exposição coletiva reuniu obras dos artistas capixabas Andréa Abreu, Edison Arcanjo, Elisa Queiroz, Fabrício Coradello, Hélio Coelho, Hilal Sami Hilal, José Cirillo, Juliana Morgado, Júlio Tigre, Lara Felipe, Orlando da Rosa Farya ❶, Rosana Paste, Rosindo Torres, Thiago Lessa e Yvana Belchior.



1

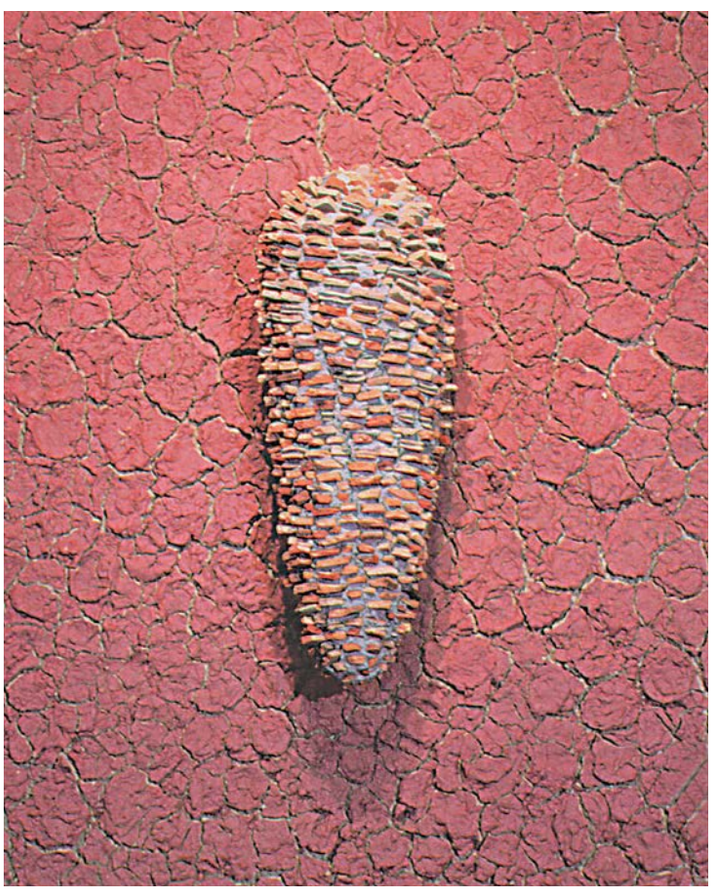


03.10.2002 — 31.01.2003

Logradouro (Marcos Chaves)

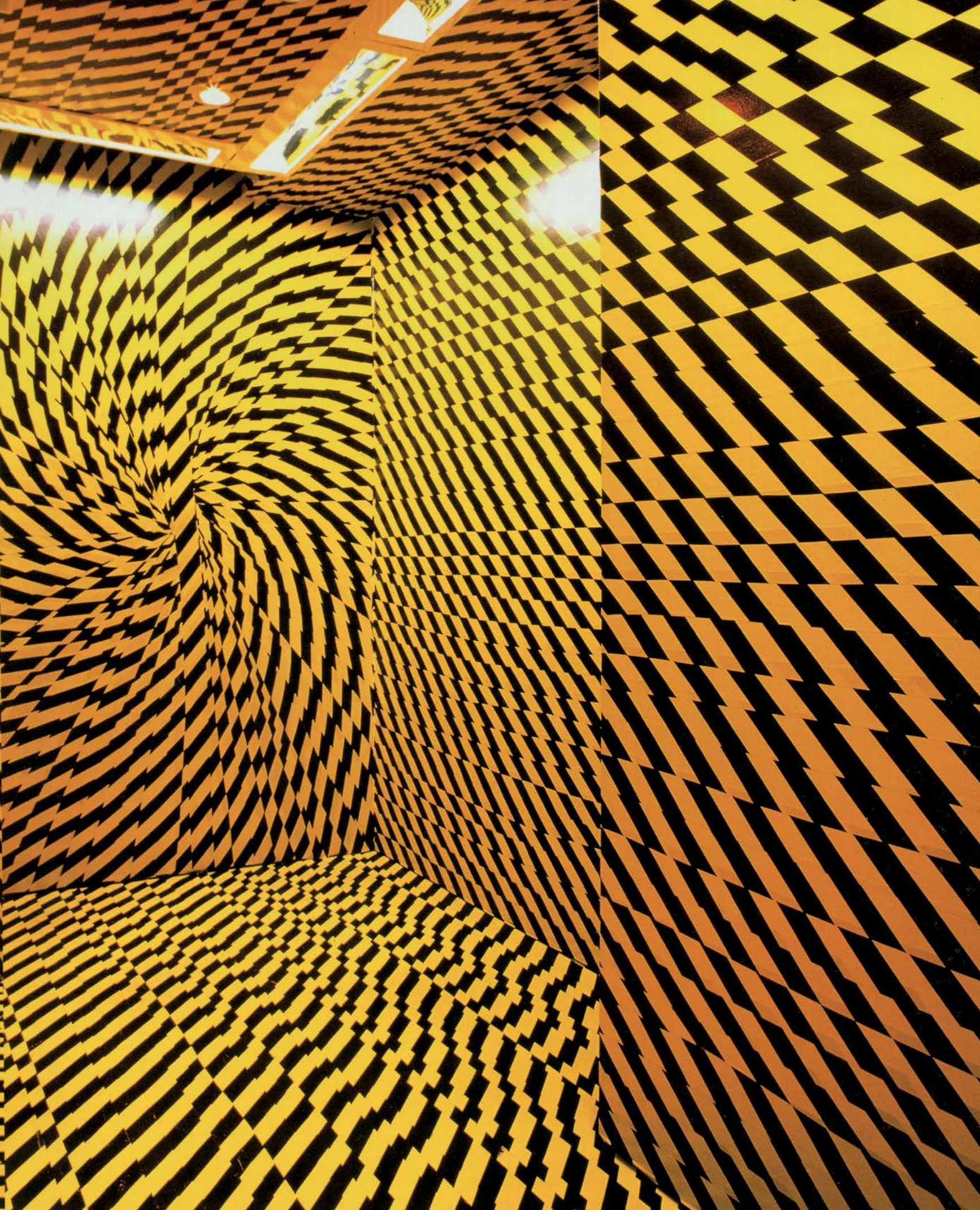
O engenheiro de fábulas (Ivens Machado)

Pela primeira vez na história do Museu Vale, duas exposições foram abertas ao público simultaneamente. A intenção foi a de estabelecer um diálogo entre as obras de dois artistas: o artista plástico e arquiteto Marcos Chaves ❶, que apresenta obras que transitam livremente por diversas mídias, com a produção de fotografias, desenhos, vídeos, palavras, sons e objetos, e o escultor, gravador e pintor Ivens Machado ❷ (1942-2015), cuja obra é centrada na reflexão sobre a memória histórica e social por meio de formas e materiais utilizados.



2

1

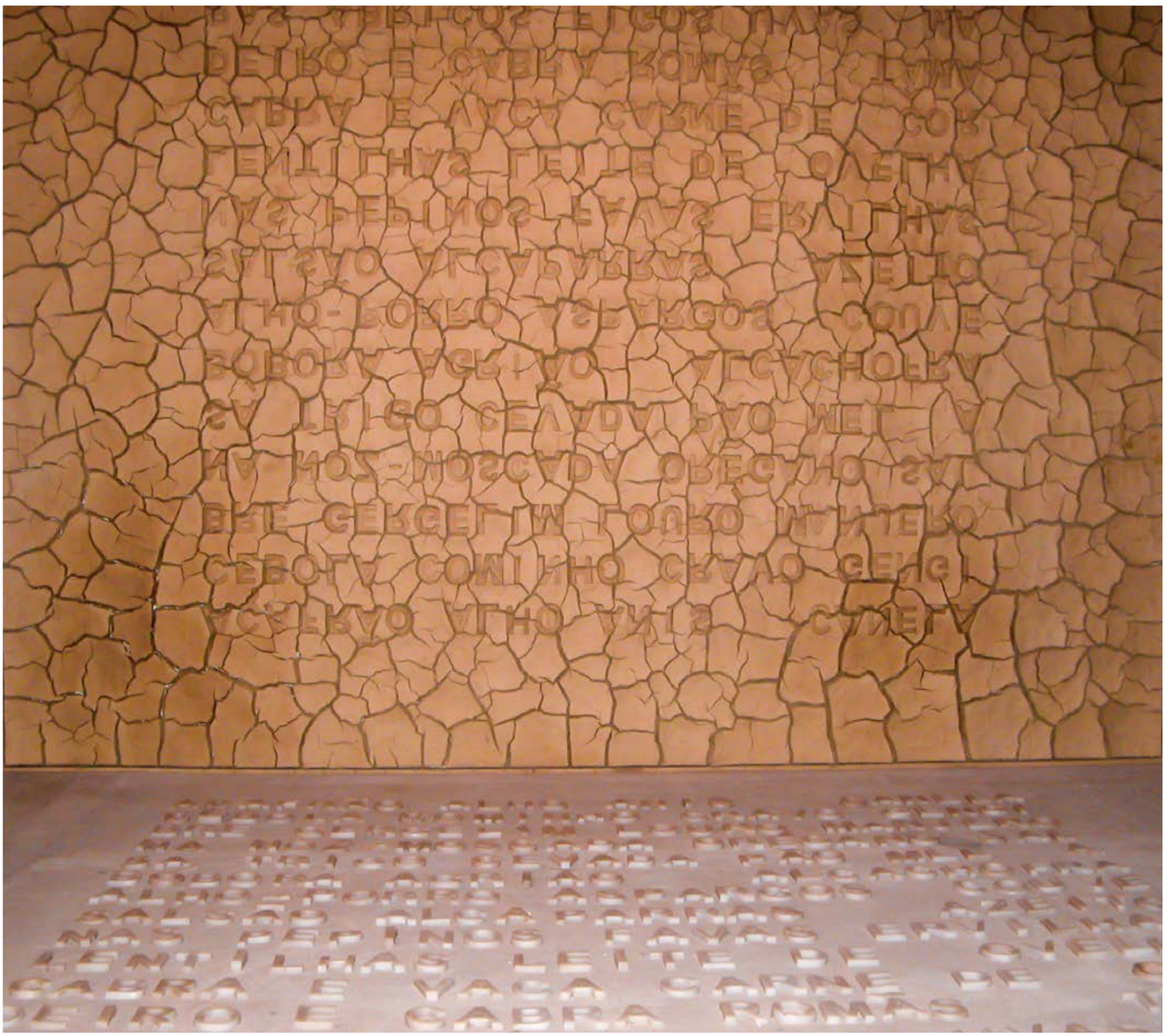


10.04—10.08.2003

O sal da terra (mostra coletiva)

A exposição apresentou 23 trabalhos realizados nos últimos 50 anos pelos mais representativos artistas brasileiros, modernos e contemporâneos e quatro *site specifics*, realizados por jovens artistas, que se serviram dos minérios para criar suas obras. Integraram a mostra trabalhos de Amilcar de Castro, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Daniel Senise, Franz Weissmann, Frida Baranek, Hilal Sami Hilal, Iole de Freitas, José Bechara, José Resende, José Spaniol ❶, Lygia Clark, Lygia Pape, Marcos Coelho Benjamin, Martha Niklaus, Nelson Felix, Nuno Ramos, Raul Mourão, Roberto Bethônico, Tunga e Waltercio Caldas.





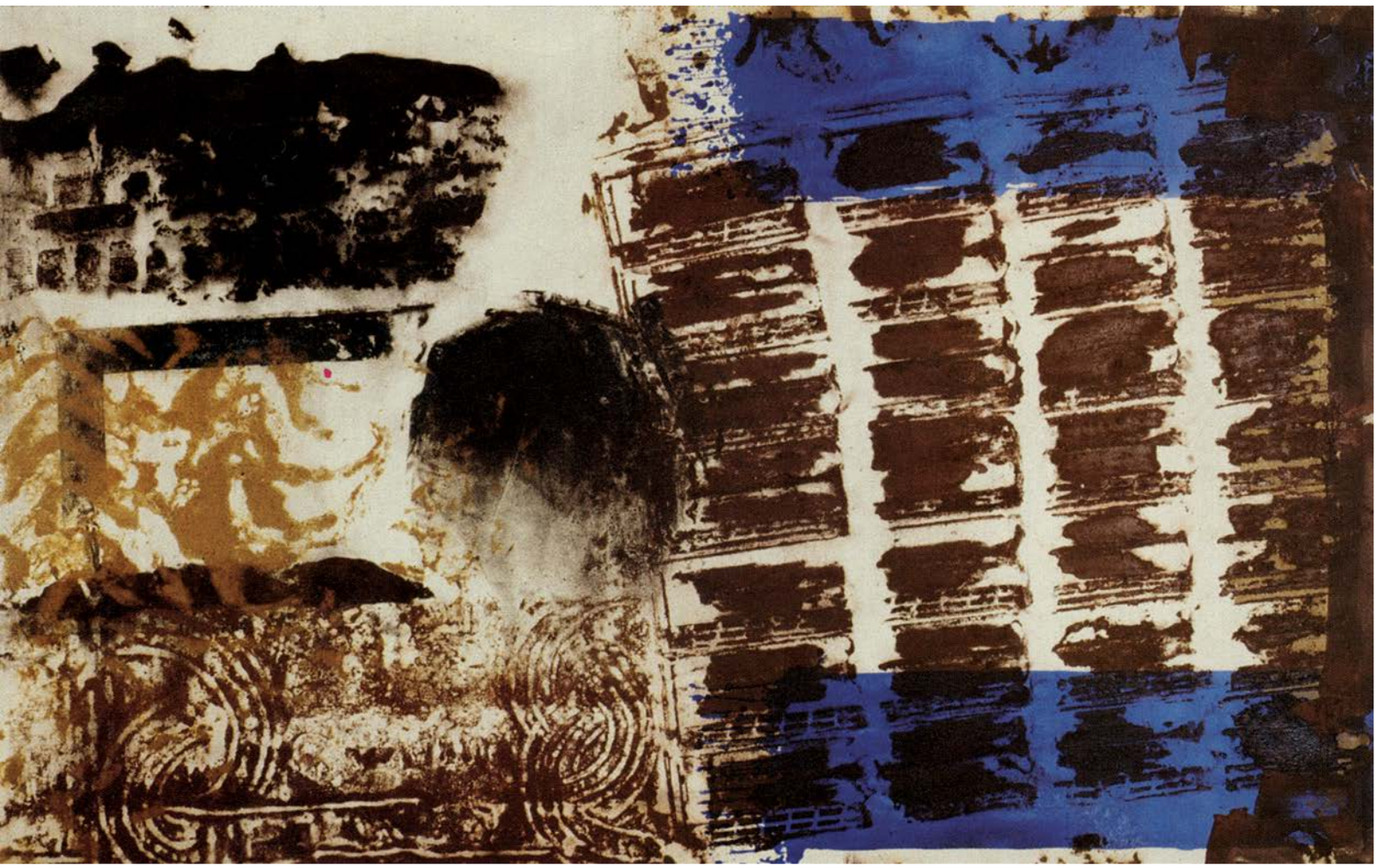
1

16.10.2003—18.01.2004

Carlos Vergara (Carlos Vergara)

Primeira grande retrospectiva do trabalho do gravador, fotógrafo e pintor Carlos Vergara. A exposição homônima demarcou a mudança do Projeto Educativo do Museu Vale, com o artista ministrando um *workshop* e trabalhando com crianças os elementos da terra para fabricar bastões de cera com pigmentos extraídos da mina de Itabira (MG), o mesmo material utilizado na produção de suas obras.





19.03—14.06.2004

Iole de Freitas (Iole de Freitas)

A escultora, gravadora e artista multimídia Iole de Freitas construiu no Museu Vale uma instalação monumental e inovadora, que chamou a atenção da mídia nacional, sendo considerada uma das maiores obras da artista até aquele momento.




PEDRO

15.07—12.09.2004

Invenção de mundos — Coleção Marcantonio Vilaça

A exposição apresentou obras do colecionador Marcantonio Vilaça, composta por obras dos artistas: Adriana Varejão, Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Charles Long, Cildo Meireles, Cindy Sherman, Courtney Smith, Daniel Senise, Doris Salcedo, Edgard de Souza, Emmanuel Nassar, Ernesto Neto, Fábio Miguez, Hadrian Pigott, Hiroshi Sugimoto, Hiroshi Sugito, Jorge Molder, José Antonio Hernández-Diez, José Leonilson, Julião Sarmento, Lari Pittman, Leda Catunda, Lia Menna Barreto, Luiz Zerbini, Mathew Antezzo, Mauro Piva, Miguel Rio Branco, Mona Hatoum, Nuno Ramos, Paul McCarthy, Paulo Monteiro, Paulo Pasta, Pedro Cabrita Reis, Rosângela Rennó, Takashi Murakami e Valeska Soares.

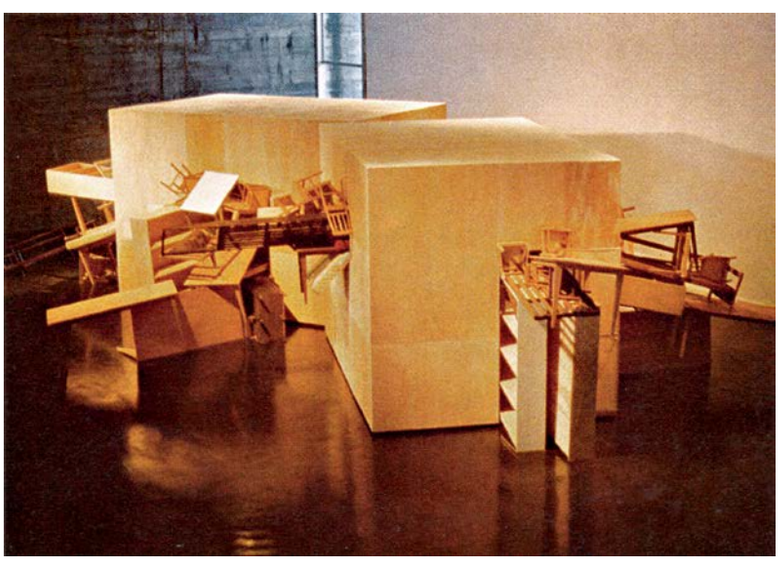




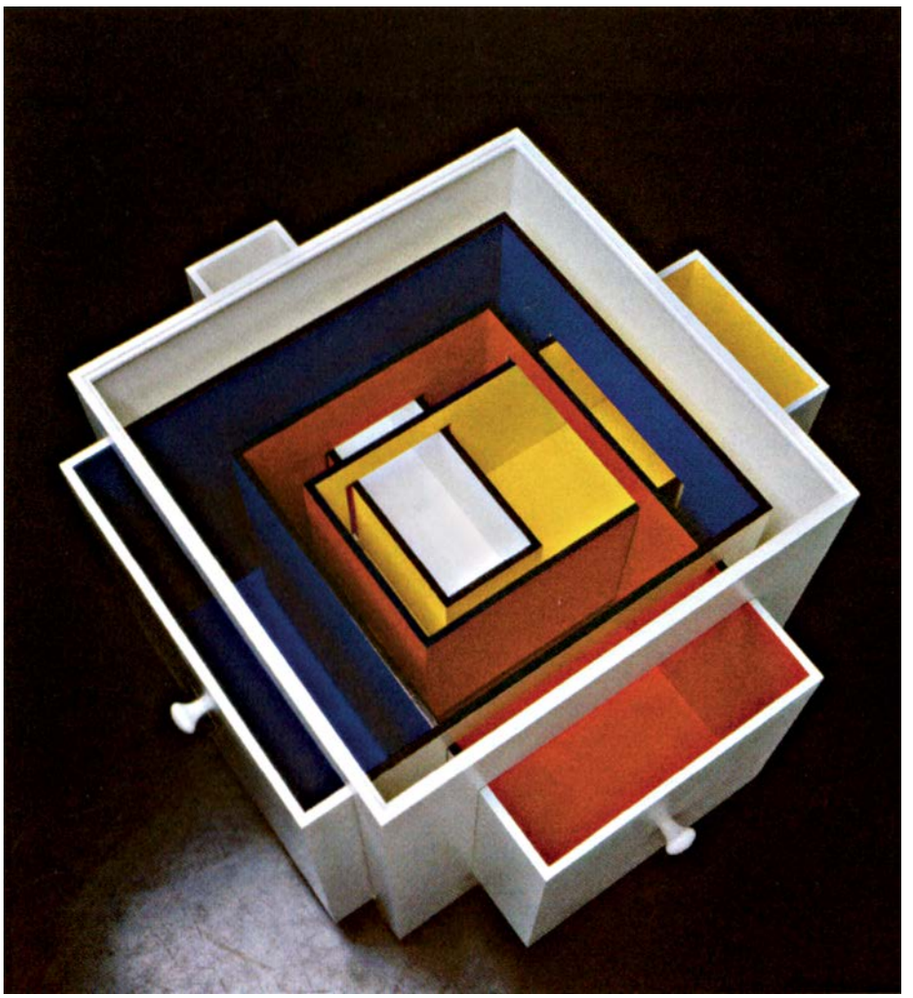
14.10.2004—13.02.2005

Casa — poética do espaço na arte brasileira (mostra coletiva)

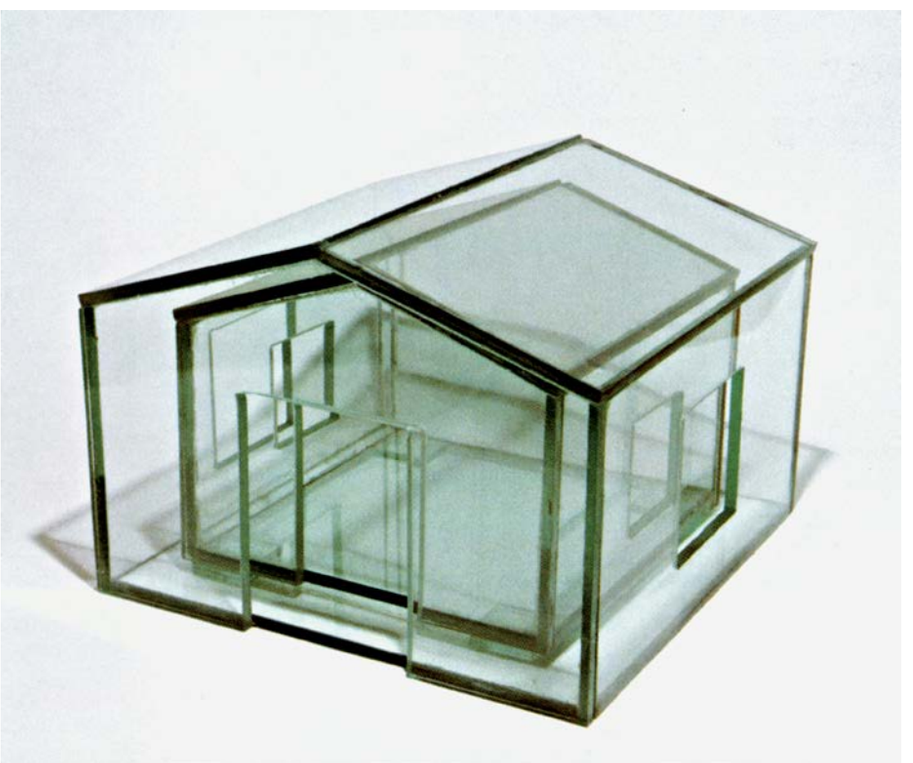
A proposta da exposição foi retratar como o espaço da casa vem sendo abordado pela arte brasileira desde os anos 1960. Foram reunidas mais de 40 obras, de 31 artistas: Ana Maria Tavares, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Arthur Lescher, Carlito Carvalhosa, Carlos Fajardo, Cildo Meireles, Courtney Smith, Daniel Senise, Edgard de Souza, Eduardo Coimbra ❷, Efrain Almeida, Ernesto Neto, José Bechara ❶, José Damasceno, José Resende, Lygia Clark, Marco Giannotti, Nelson Félix, Nelson Leirner, Nuno Ramos ❸, Orlando da Rosa Farya, Paula Gabriela, Raquel Garbelotti, Raul Mourão, Regina Silveira, Ricardo Basbaum, Rochelle Costi, Rubens Mano, Sandra Cinto e Waltercio Caldas.



1



2



3

14.04—12.06.2005

Passagens e itinerários da arte (mostra coletiva)

A exposição apresentou obras de dois pintores paisagistas capixabas, Homero Massena (1885-1974) e Levino Fanzeres (1884-1956), cuja temática e técnica de representação geravam um contraponto à instalação fotográfica de outro artista capixaba, Orlando da Rosa Farya ❶.



1

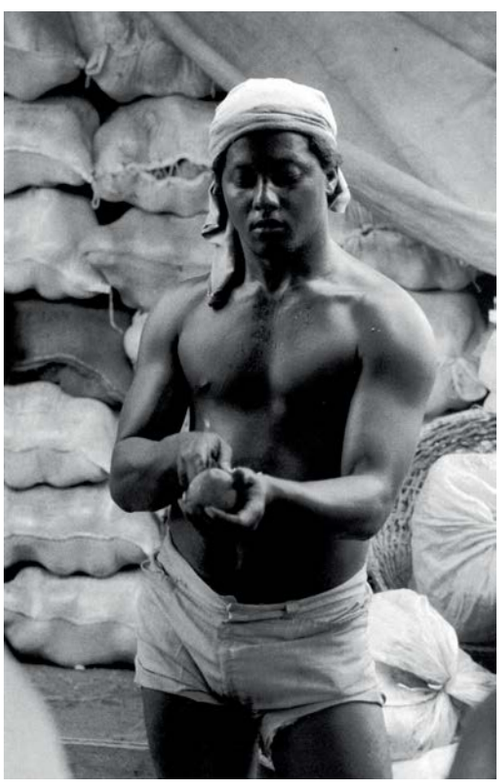


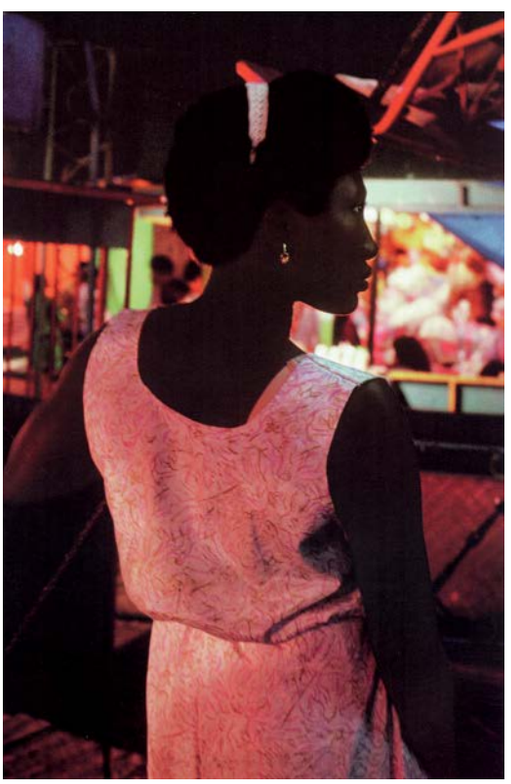
1

07.07—11.09.2005

Território do Olhar (Luiz Braga)

A mostra levou ao Museu Vale o olhar do artista sobre a população ribeirinha de Belém (PA), sua cidade natal. Entendendo a fotografia como um campo ótico de lentes, filtros e espelhos no mundo de água amazônico, o olhar do artista Luiz Braga é o ponto sensível de articulação entre a tecnologia, a natureza, o tempo e a cultura material, percorrendo um cotidiano brasileiro a ele tão familiar, formulando gestos do imaginário e cortes estéticos sobre o real, revelando corpos-escultura, cor-coisa, pele-luz, silhuetas, dentre outros matizes nos registros fotográficos da exposição.







27.10.2005—19.02.2006

Intervenções Extensivas X (Eduardo Frota)

Em “Intervenções Extensivas”, Eduardo Frota infundiu nos objetos um status de provocador de crises. A instalação “Intervenções Extensivas X” criou nexos entre o espaço do Museu Vale e a história da arte, criando relações com a arte brasileira das décadas de 1950 e 1960, com artistas como Lygia Clark, Iberê Camargo, Ione Saldanha e Cildo Meireles. Apresentando grandes carretéis, cones ou tubos sinuosos formados com placas de compensado de madeira cortadas e coladas, a mostra permitiu um diálogo em margens opostas entre o espaço do Museu e a unidade portuária.

A obra itinerou no MAM do Rio de Janeiro (RJ) e no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (MG).





13.04—28.05.2006

Ocupações (Mariannita Luzzati)

Pintora, gravadora, desenhista, Mariannita Luzzati embarcou em um trem da EFVM para entrevistar viajantes, fotografar e registrar graficamente paisagens capixabas e mineiras. Utilizou essas informações na produção de pinturas, gravuras e um vídeo que integraram a mostra.

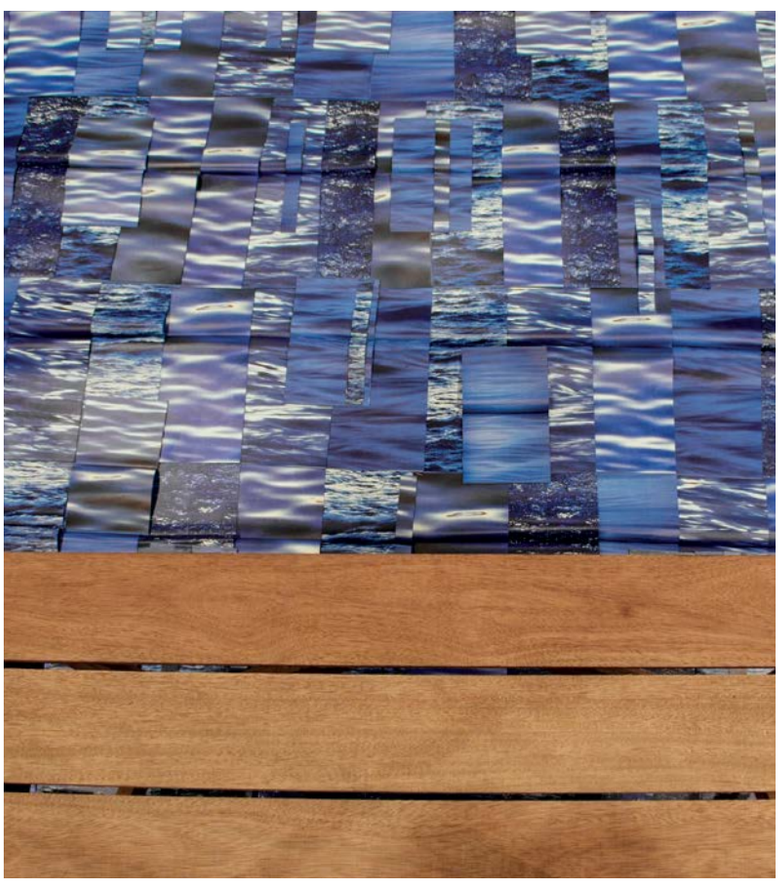


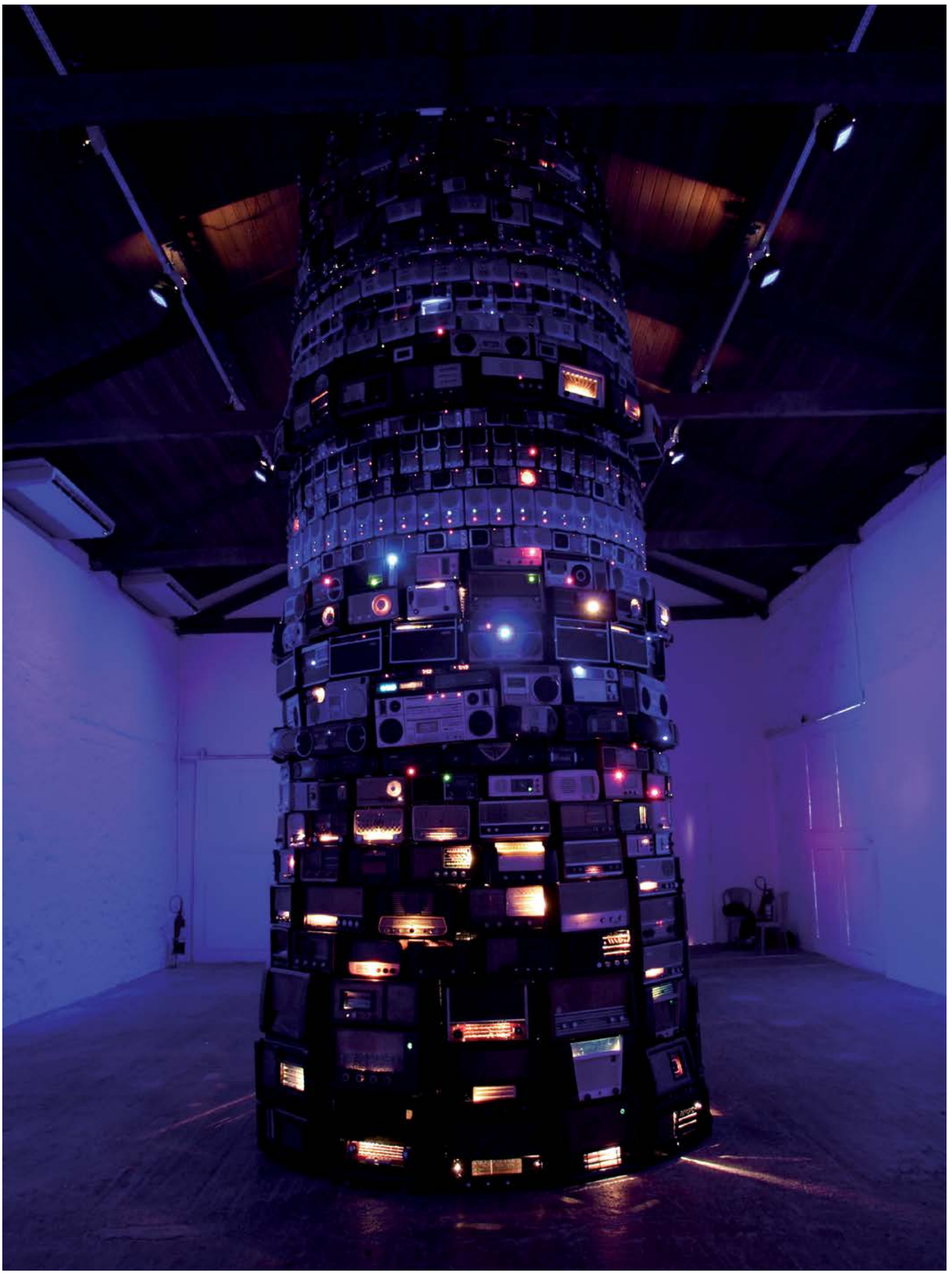


29.06 — 17.09.2006

Babel
(Cildo Meireles)

O artista multimídia Cildo Meireles é reconhecido como um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos. A exposição do Museu Vale foi uma panorâmica que tinha como conceito central a questão do som em sua obra. Produzida no Brasil pela primeira vez no Museu Vale, “Babel” também foi exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2006 e em uma retrospectiva do artista na Tate Modern de Londres em 2008, com menção ao Museu na publicação da mostra.





26.10.2006 — 11.02.2007

Camiri (Nelson Felix)

Muitos trabalhos do escultor, desenhista e professor Nelson Felix são posicionados utilizando o *Global Positioning System* (GPS), de forma a organizá-los num espaço real dado pelo sistema de coordenadas de latitude e longitude. No Museu Vale, a mostra foi composta por cubos e anéis, posicionados a partir do alinhamento do Sol em relação a Terra, numa angulação de 23 graus – mesma latitude de Vila Velha e da cidade boliviana de Camiri, daí o nome da exposição.





19.04—20.06.2007

Arte para crianças — uma exposição de arte contemporânea para o público infantil (mostra coletiva)

Concebida especialmente para ocupar o galpão de exposições do Museu Vale e direcionada ao público infantil, a mostra reuniu 16 dos mais importantes artistas contemporâneos do Brasil e dos Estados Unidos: Amilcar de Castro, Eduardo Sued, Eder Santos, Ernesto Neto, Lawrence Weiner, Mariana Manhães, Rubem Grilo, Tunga ❶, Yoko Ono e Manoel de Barros.

"Arte para crianças" teve itinerâncias no MAM do Rio de Janeiro (RJ), na Casa das Onze Janelas em Belém (PA), no Convento das Mercês em São Luís (MA), no CCBB de Brasília (DF) e no Sesc Pompeia em São Paulo (SP).

Lezarts III, 1990/2007
Cobre, ferro, ímãs, tecido e perfomance
Dimensões variadas
Cortesia do Instituto Tunga



1



26.07—27.09.2007

Ficções (Regina Silveira)

A artista multimídia, gravadora, pintora e professora Regina Silveira produziu obras e intervenções especialmente para dialogar com o espaço do Museu Vale, potencializando o diálogo entre o trabalho e a arquitetura, um *site specific* e obras especialmente criadas para a ocupação de espaços públicos. Mais do que uma exposição artística, “Ficções” foi uma mostra de ordem maior, cujas características estéticas foram redimensionadas à luz de novos sentidos.



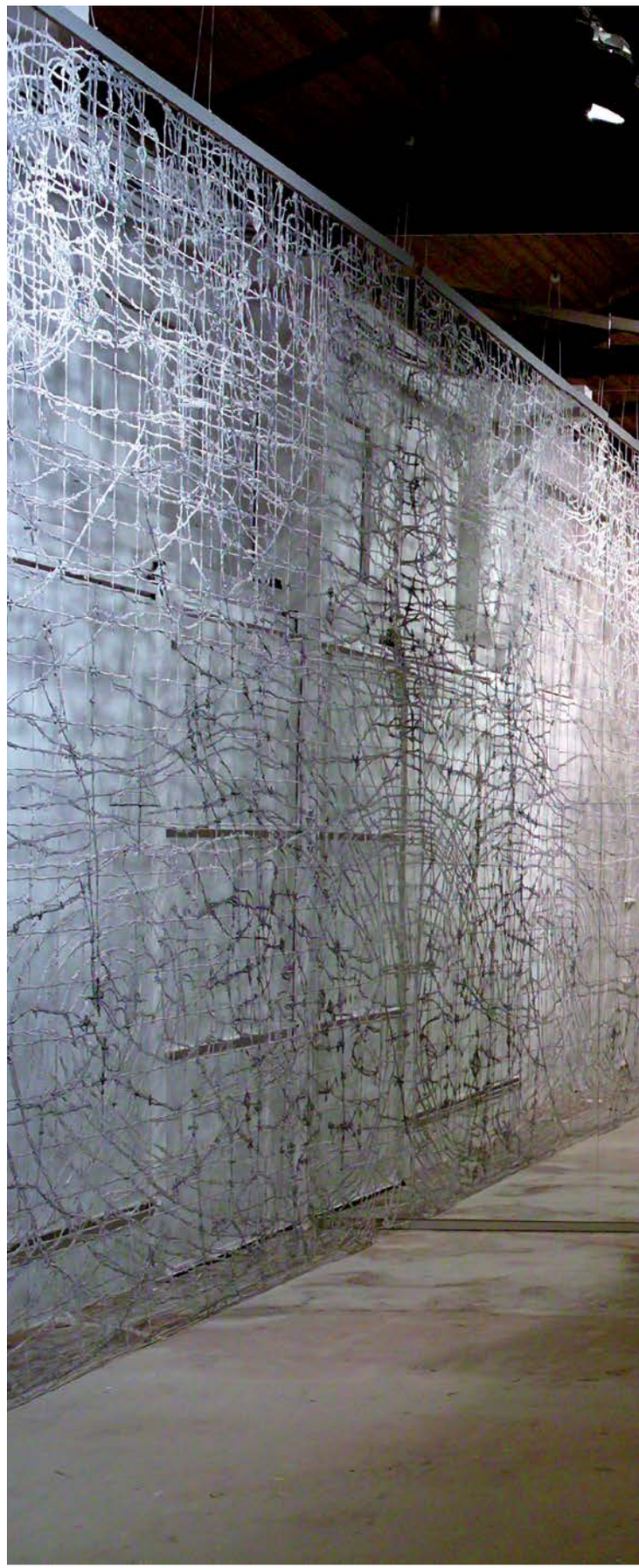


25.10.2007—17.02.2008

Seu Sami (Hilal Sami Hilal)

A exposição “Seu Sami” foi concebida pelo artista capixaba Hilal Sami Hilal como uma homenagem ao pai, falecido quando o artista tinha apenas 12 anos. As obras foram criadas especialmente para o galpão de exposições do Museu Vale, formando uma sequência de luz e sombras que ocupou toda a extensão da sala de exposições (60 metros). Nos extremos, “a Sala do amor e a Sala da dor”, separadas pela escuridão, pelo vazio. Complementando a mostra, foi feita a instalação “Sherazade”, em que capas e miolos de livros foram infinitamente emendados uns aos outros.

“Seu Sami” itinerou no MAM do Rio de Janeiro (RJ), no Palácio das Artes de Belo Horizonte (MG) e no Sesc Pompeia, em São Paulo (SP).





09.08 — 28.09.2008

Vestidas de branco (Nelson Leirner)

Nelson Leirner é pintor, desenhista, cenógrafo e professor. Considerado por muitos um artista polêmico, Leirner utiliza estratégias estéticas ou comportamentais de forma experimental para fazer críticas sociais.

A exposição “Vestidas de branco” é uma ironia bem-humorada sobre o casamento. O artista se inspirou no fato de o Museu Vale ser muito procurado por casais de noivos para o registro fotográfico dos tradicionais álbuns de casamento.





01.11.2008—15.02.2009

1 + 7 — Arte Contemporânea no Espírito Santo (mostra coletiva)

Em comemoração aos 10 anos do Museu Vale, a exposição prestou homenagem especial ao artista Dionísio Del Santo (1925-1999) e, juntamente com obras de seis artistas contemporâneos capixabas – Alvaro Abreu, Filipe Borba, Gustavo Vilar, Paulo Vivacqua, Tom Boechat e Regina Chulam, além do grupo Cine Falcatrua – formou o conjunto que deu forma à mostra de arte contemporânea.





26.06 — 06.09.2009

Lugar sem nome (Rosilene Luduvico)

Quando perguntavam seu local de nascimento, a artista capixaba radicada na Alemanha Rosilene Luduvico costumava responder que era um “lugar sem nome”, uma vez que a localidade é um pequeno distrito da região serrana do Espírito Santo. Esse foi, portanto, a denominação que ela escolheu para sua mostra individual no galpão de exposições do Museu Vale.

Rosilene Luduvico reúne características românticas e contemporâneas em uma linguagem internacional. Distante da ilustração, do realismo e do modismo, seu foco recai sobre o ser humano introspectivo e seu hábitat.

A exposição apresentou trabalhos inéditos, entre pinturas de grandes dimensões e também menores, desenhos e retratos que representavam de alguma forma o “Lugar sem nome” de Luduvico.



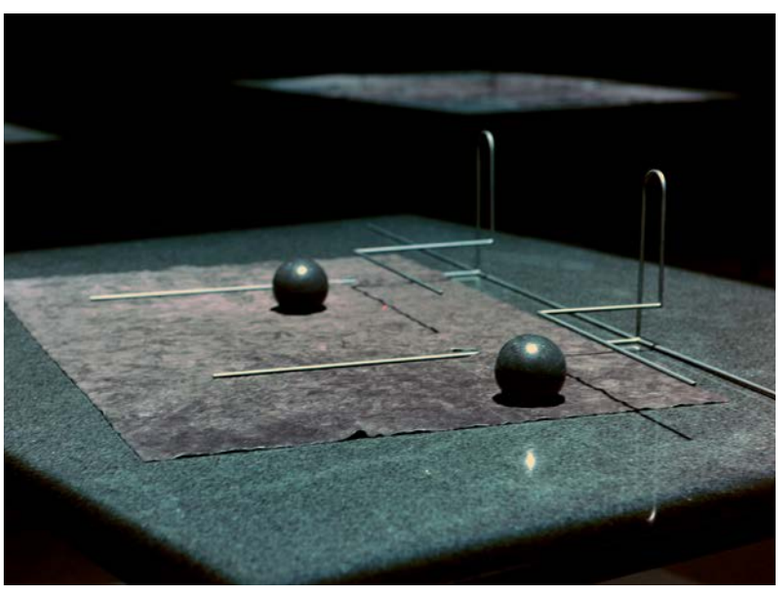


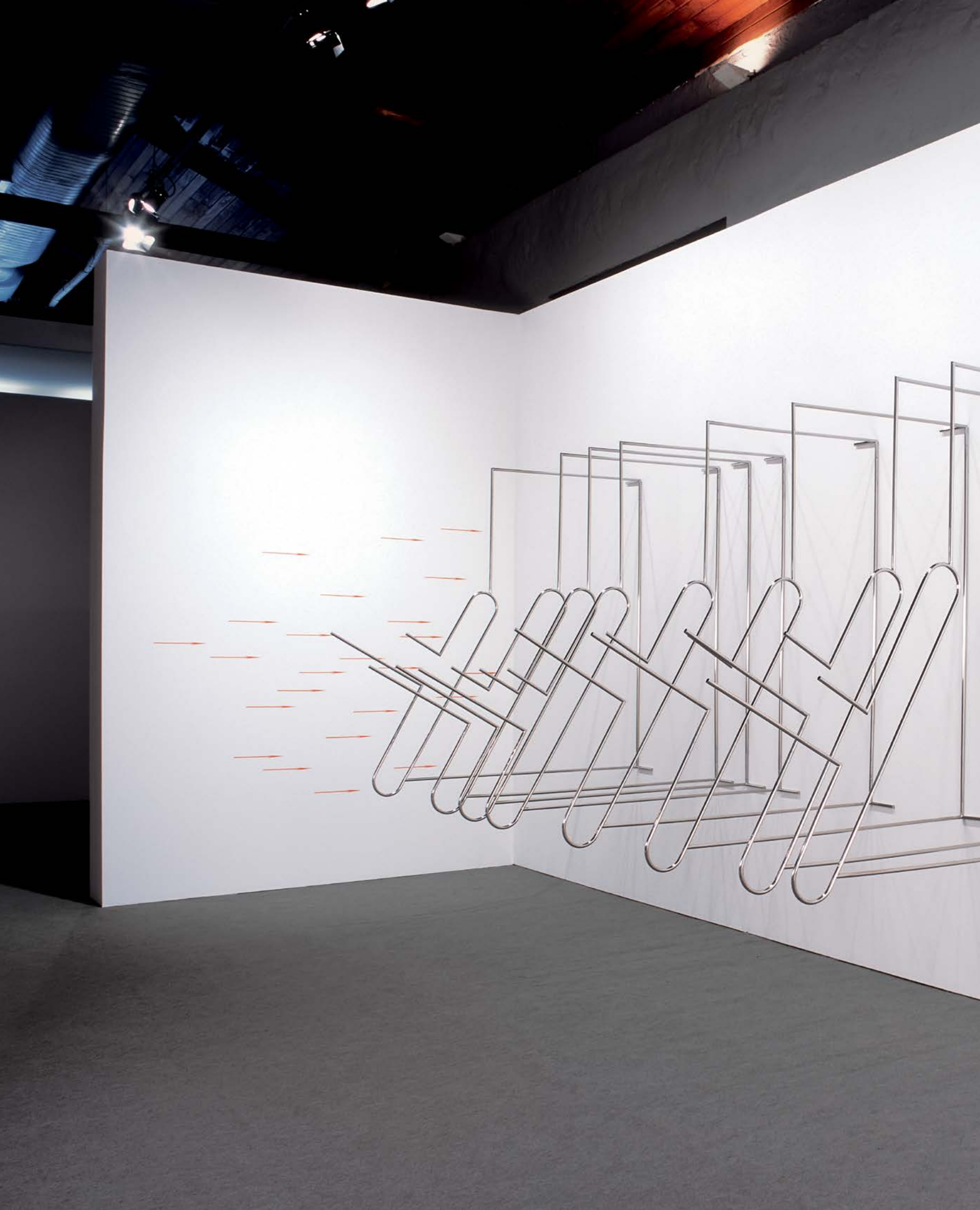
24.10.2009 — 21.02.2010

Salas e abismos (Waltercio Caldas)

“Salas e abismos” reuniu pela primeira vez nove instalações do artista – ou ambientes, como Waltercio preferiu descrever – em um mesmo espaço, criando uma nova visão de sua obra através de um universo singular. Havia uma sala inédita, “Silêncio do mundo”, concebida especialmente para o Museu Vale, que foi exposta na primeira sala do galpão de exposições.

A mostra foi complementada por um livro referência, que traz 22 ambientes realizados pelo artista, ensaio crítico de Paulo Venâncio Filho e textos de Sonia Salzstein e Paulo Sergio Duarte.



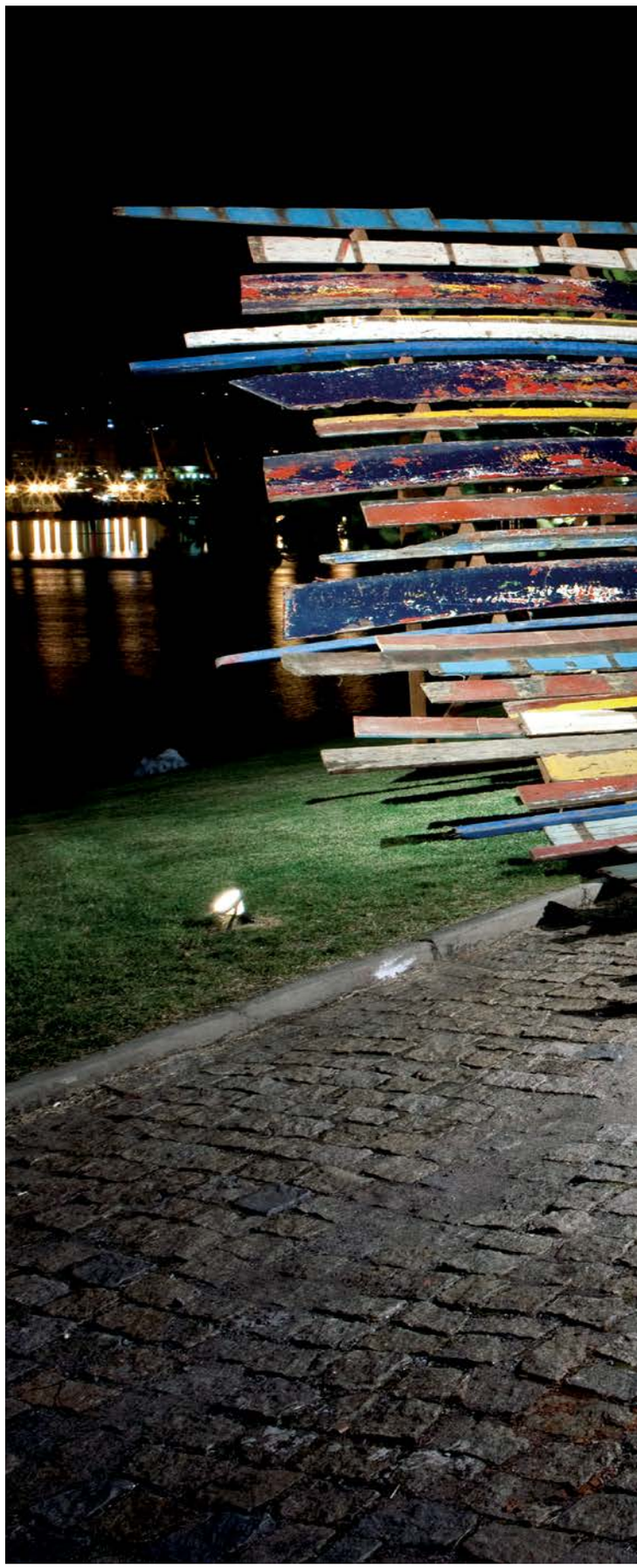


19.06 — 05.09.2010

Amazônia, a arte (mostra coletiva)

A pluralidade da Amazônia foi o tema da exposição que reuniu pinturas, fotografias, objetos, vídeos e instalações de 32 artistas dos estados do Amazonas, Acre, Amapá, Roraima, Pará, Rondônia e Maranhão, convidados especialmente para participar: Hélio Melo, Grupo Urucum, Roberto Evangelista, Naia Arruda, Thiago Martins de Melo, Acácio Sobral, Alexandre Sequeira, Armando Queiroz, Armando Sobral, Alberto Bitar, Berna Reale, Cláudia Leão & Leonardo Pinto, Dirceu Maués, Éder Oliveira, Edilena Florenzano, Elza Lima, Emmanuel Nassar, Lise Lobato, Luiz Braga, Maria Christina, Melissa Barbery, Marcone Moreira ❶, Miguel Chikaoka, Otávio Cardoso, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Walda Marques, Coletivo Madeirista (Joesér Alvarez, Ariana Boaventura e Rinaldo Santos), Claudia Andujar, Orlando Nakeuxima Manihipi-Theri (da terra Indígena Yanomami em Roraima), Katie van Scherpenberg e Cildo Meireles.

Em “Amazônia, a arte” foi apresentado um fragmento da produção contemporânea que apontava para a necessidade de se conhecer mais a região e o próprio país. Considerado fundamental para a reflexão da cena de arte amazônica, o projeto possibilitou um diálogo rico e inspirador sobre a região.



1


TRANQUITO

22.10.2010—20.02.2011

Atrás do porto tem uma cidade (Eder Santos)

Em “Atrás do porto tem uma cidade”, Eder Santos representou a trajetória do minério de ferro desde as minas até sua saída para o porto, questionando o olhar sobre a atividade da mineração e sua importância para a humanidade. Com uma exposição repleta de surpresas, como um trem com vagão cenográfico, cujos monitores remetiam a uma viagem pelas serras de Minas Gerais, o artista propunha uma interpretação muito particular sobre o que é real ou virtual.



20.04 — 03.07.2011

Anticorpos Fernando e Humberto Campana 1989–2009 (Fernando e Humberto Campana)

Realizada pelo Vitra Design Museum, Weil am Rheim, Alemanha, em 2010, a exposição percorreu outros importantes centros culturais da Europa e foi montada pela primeira vez no Brasil, no Museu Vale.

A mostra teve como foco o conjunto dos trabalhos dos irmãos Fernando e Humberto Campana, incluindo artes plásticas, peças de mobiliário, joias e grandes instalações. Buscou expor suas estratégias, fontes de inspiração e as variadas abordagens do design utilizadas, que ignoram as convenções e brincam com a noção de funcionalidade, formando objetos poéticos a partir de realidades contraditórias.





27.10.2011—12.02.2012

Fermata (OSGEMEOS)

Gustavo e Otávio Pandolfo compõem uma das duplas mais importantes da arte contemporânea brasileira em nível internacional, sobretudo na área de arte urbana. A exposição “Fermata” levou ao Museu Vale pinturas inéditas dos artistas, obras interativas e uma escultura gigante.

Como desdobramento da mostra, teve início o Projeto WholeTrain, uma parceria da Fundação Vale com OSGEMEOS e com o artista Ise, patrocinado pela Vale, no qual a parede externa de quatro vagões de passageiros se tornou suporte para manifestações artísticas. WholeTrain teria vários desdobramentos nos anos seguintes na região Norte do país. A partir dele, foi realizado um projeto educativo coordenado pelo artista plástico e museólogo Paulo Portela Filho. Entre março e dezembro de 2012, Portella e Ise coordenaram a implantação e desenvolvimento do projeto em quatro municípios incluídos no percurso do trem: Ipatinga, Tumiritinga e Aimorés, em Minas Gerais, e Colatina, no Espírito Santo. Segundo Paulo Portela: *fui convidado para criar o Programa Educativo para o Projeto WholeTrain, na etapa contemporânea à exposição dos artistas em Vila Velha, e realizado com escolas públicas e professores dos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, e mais tarde, em continuação, com escolas públicas e professores nos Estados do Pará e do Maranhão. Essa parceria resultou em dois livros com ampla documentação de todas as etapas do projeto.*



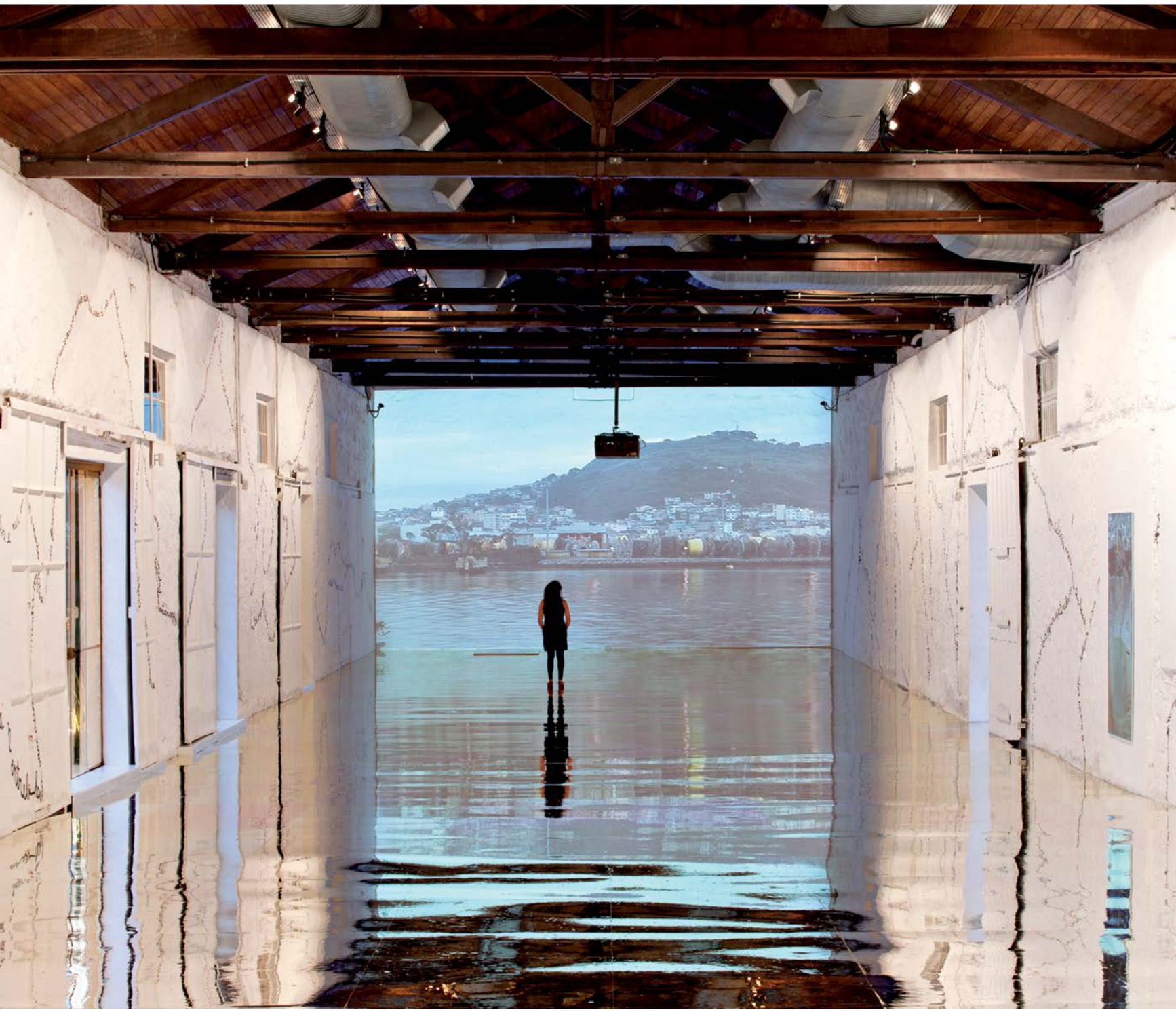


01.07—12.08.2012

Água viva (Shirley Paes Leme)

A principal proposta da exposição "Água viva" foi criar um ambiente líquido que inter-relaciona literatura, cidade, pertencimento e memória. O piso do galpão revestido de espelhos tornava o espectador parte da obra. Além disso, foram usadas várias referências e materiais alusivos à cidade de Vitória, como as tradicionais paneleiras do bairro de Goiabeiras e desenhos feitos com tinta extraída da casca de árvores dos mangues locais, que formavam linhas entrelaçadas com um emaranhado de palavras e frases extraídas do livro "Água viva", de Clarice Lispector, que deu nome à mostra.





25.10.2012—17.02.2013

Paulo Mendes da Rocha: a Natureza como Projeto (Paulo Mendes da Rocha)

A exposição foi a mais completa retrospectiva dos trabalhos do arquiteto, natural de Vitória, e um dos dois únicos brasileiros a receber o Prêmio Pritzker. Até então, somente ele e Oscar Niemeyer mereceram a honraria. Apresentou 20 dos trabalhos mais importantes de sua carreira, por meio de grandes maquetes e dois filmes feitos especialmente para a mostra pelo documentarista Gustavo Moura.





12.07—15.09.2013

Reinventando o mundo (mostra coletiva)

As obras selecionadas para a mostra evocavam a questão tecnológica desde a década de 1960, época da tecnologia mecânica, até as mais atuais, era das tecnologias digitais e interativas. A exposição reuniu artistas precursores da arte cinética no Brasil, como Abraham Palatnik, Mauricio Salgueiro e Regina Silveira, e estendeu seu alcance aos jovens artistas, todos conectados às possibilidades plásticas, lúdicas e sensoriais da tecnologia.





27.10.2013—16.02.2014

Regina Chulam — Desenhos e Pinturas (Regina Chulam)

Em comemoração aos 15 anos do Museu Vale, a exposição da capixaba Regina Chulam apresentou 50 trabalhos entre aquarelas, pinturas e desenhos inéditos, com uma linguagem poética coerente e representativa do lugar onde nasceu, vive e trabalha: as montanhas capixabas.

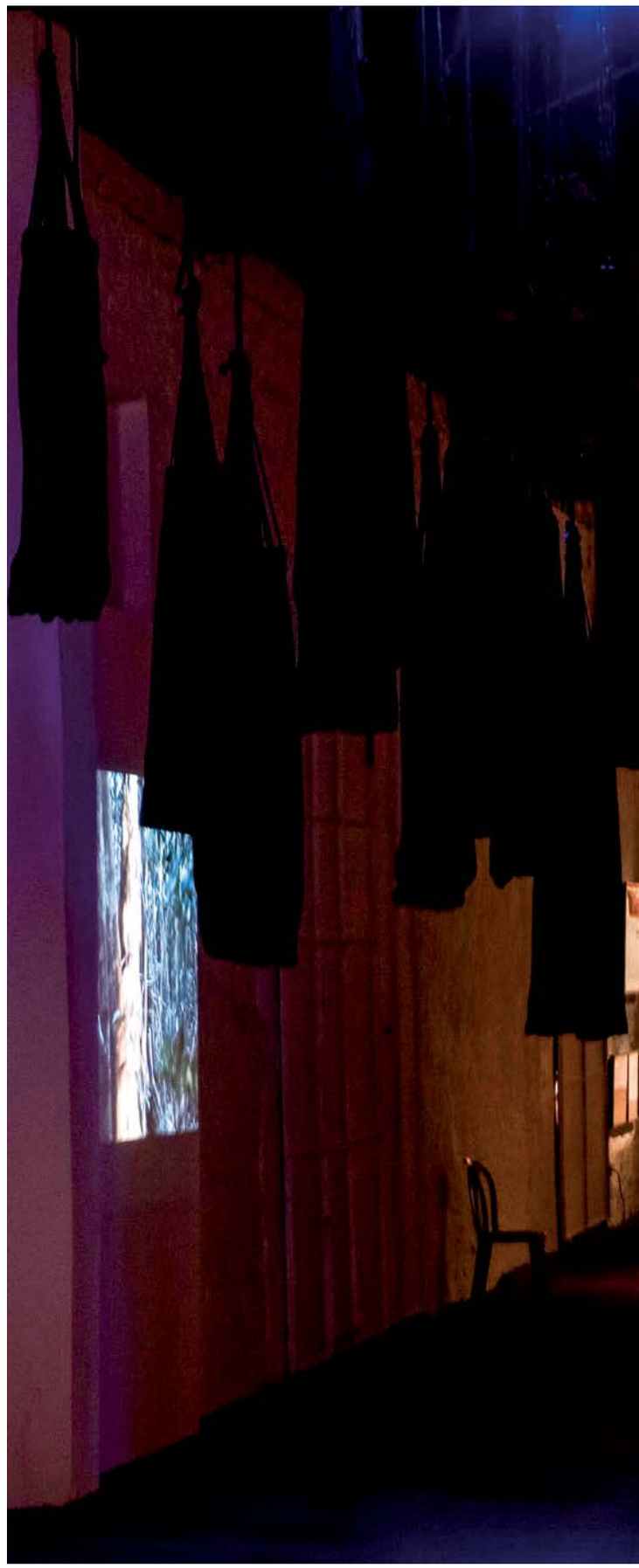




29.08 — 02.11.2014

Das viagens, dos desejos, dos caminhos (mostra coletiva)

A exposição apresentou uma coletânea de trabalhos de artistas das regiões Norte e Nordeste: Leonilson, Yuri Firmeza, Virginia de Medeiros, Marcone Moreira, Jonathas de Andrade, Armando Queiroz, Rodrigo Braga e Karim Ainouz + Marcelo Gomes. Entre objetos, instalações, fotografias, pinturas e vídeos, a exposição indagava a questão da territorialidade e suas relações afetivas, de identidade e pertencimento.





05.12.2014 — 08.03.2015

Atlântica moderna: purus e negros (Ana Maria Tavares)

A exposição resultou de um projeto de instalação especialmente desenvolvido em 2014, durante os meses em que a artista esteve em Houston, Texas (EUA), convidada pelo Humanities Research Center da Rice University para realizar pesquisa e ministrar a disciplina *Brazil Built – the clinic, the tropical and the aesthetic*, em colaboração com a historiadora e crítica de arquitetura Fabiola López-Durán.

Na concepção da mostra, Ana Maria inspirou-se na Mata Atlântica para recriar de forma singular a mesma natureza que influenciou esses ícones. Pensada como uma grande instalação com esculturas, vídeo e sonorização, a exposição trouxe à tona questões como a relação entre natureza, arquitetura e modernidade.



21.05—30.08.2015

Códice — do Risco ao Risco (mostra coletiva)

A exposição reuniu cerca de 200 desenhos, anotações, projetos, pesquisas, esboços e escritas dos mineiros Amilcar de Castro ❶, Marco Túlio Resende ❷ e Thaïs Helt ❸, demonstrando seu processo de criação e desenvolvimento. A exposição, pensada sobre o universo gráfico dos artistas, apresentou produções inéditas especialmente criadas para o Museu Vale por Thaïs Helt (gravuras, livros objeto, desenhos) e Marco Túlio Resende (desenhos e livro pintura), bem como, obras do mestre Amilcar de Castro, litografias, esculturas e seus poemas, pela primeira vez expostos.



1



2



3

16.10.2015—14.02.2016

Vik Muniz
(Vik Muniz)

A exposição apresentou um panorama do trabalho de Vik Muniz, em mais de 120 obras nas quais foram usadas matérias-primas como chocolate, açúcar, geleia, materiais recicláveis, entre outros. Com isso, a mostra convidava os espectadores a não apenas contemplarem, mas também a refletirem sobre a obra do artista.





09.08 — 02.10.2016

Territórios de Direitos (mostra coletiva)

Organizada pela Fundação Vale em parceria com o Museu e a Oficina de Imagens, a mostra apresentou 61 fotografias de autoria de adolescentes e jovens participantes de oficinas de foto sobre temáticas dos Direitos Humanos, como parte do projeto Proteger é Preciso, uma iniciativa da Fundação Vale.

O objetivo do projeto e da exposição foi promover ações e discussões para a prevenção e enfrentamento das violações dos direitos de crianças e adolescentes. Cada série mostrou a sensibilidade desses jovens artistas em expressar a realidade dos territórios onde vivem e a conscientização do próprio corpo como um território de direito, contra a violência e a exploração sexual.



22.11.2016—12.03.2017

Acaso Controlado (Daniel Feingold)

Depois de ser montada no Rio de Janeiro e em Curitiba, a exposição levou ao Museu Vale uma versão mais completa. Foram apresentados 21 trabalhos de grande escala, divididos em cinco séries. As obras da série “Yahweh” eram pinturas monocromáticas com linhas desenhadas ao acaso pela tinta em preto e branco. As séries “Estruturas”, “Espaço empenado” e a inédita “Banda larga”, incorporada especialmente para a mostra no Museu Vale, apresentaram trabalhos em pintura. A série fotográfica “Homenagem ao retângulo”, por sua vez, foi composta por 40 fotografias feitas pelo artista em 2007, no Jardin des Plantes, em Paris.





29.06 — 24.12.2017

Jardins Móveis (Rosana Ricalde e Felipe Barbosa)

Depois de passar pela Cidade do México e por Lausanne, na Suíça, os artistas Rosana Ricalde e Felipe Barbosa instalaram no Museu Vale a mostra “Jardins Móveis”, uma versão ampliada do trabalho. O entorno do Museu foi ocupado por um conjunto de 21 esculturas coloridas e de grandes dimensões, elaboradas com quatro mil bichos e outros infláveis de formatos diversos que ganharam novos significados. A proposta remetia à fantasia e ao mesmo tempo à reflexão sobre a relação entre a natureza e o consumo.

A mostra funcionou aos fins de semana em horário estendido para oferecer ao público o contato com as obras durante a noite, uma vez que as esculturas receberam iluminação especial para ressaltar a intensidade das cores que saltavam aos olhos do espectador.

“Jardins Móveis” foi a primeira exposição de arte contemporânea a fazer parte do Programa de Itinerância Cultural, iniciativa da Fundação Vale que prevê a troca de conteúdo artístico e cultural entre os espaços culturais da Vale, favorecendo a difusão e a valorização da cultura em três das cinco regiões do país. O trabalho também foi apresentado no Memorial Minas Gerais Vale e na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte (MG).



24.05 — 09.09.2018

Penumbra (Angelo Venosa)

O escultor Angelo Venosa foi um dos expoentes da Geração 80 e hoje tem esculturas públicas instaladas no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Jardim do Ibirapuera); na Pinacoteca de São Paulo (Jardim da Luz); na praia do Leme, no Rio de Janeiro; em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul e no Parque José Ermírio de Moraes, em Curitiba. Utiliza em seus trabalhos materiais como madeira, alumínio, fibra de vidro, plástico e peças feitas em impressoras 3D.

"Penumbra" deu início às celebrações dos 20 anos do Museu Vale, apresentando esculturas incorporadas às próprias sombras, o que conferiu instigante universo poético ao espaço.

Um recorte da exposição foi apresentado no Memorial Minas Gerais Vale como parte do Programa de Itinerância Cultural.





30.10.2018—24.02.2019

20/20
(mostra coletiva)

No ano em que comemora seus 20 anos, o Museu Vale celebra a arte produzida no Espírito Santo com a mostra coletiva "20/20". O nome que dá título à exposição faz referência aos 20 anos da instituição, bem como à quantidade de artistas convidados a compor a mostra. Andreia Falqueto, Rafael Pagatini, Sandro Novaes, Rick Rodrigues, Luciano Feijão, Fredone Fone, Vilar, Juliana Pessoa, Hélio Coelho, Polliana Dalla, Jocimar Nalesso, Thiago Arruda, Leo Benjamim, Miro Soares, Bruno Zorzal, Re Henri, Luiz Filipe Porto, Fernando Augusto, Gabriel Borem ❶ e Elton Pinheiro representam de forma efetiva a potência da arte contemporânea produzida em terras capixabas.



1


DESVIO

Programa Educativo



F29 Workshop da exposição “Jardins Móveis” (Felipe Barbosa e Rosana Ricalde)



F30 **Resultado do workshop da exposição "Jardins Móveis"**



F31 **Workshop da exposição “Ficções” (Regina Silveira)**











F33 **Workshop da exposição “Acaso Controlado” (Daniel Feingold)**



F34 Resultado do workshop da exposição “Acaso Controlado”



F35 Visitação e resultado do workshop da exposição “Vik Muniz” (Vik Muniz)












TOQUE








CARIACICA














SIGA





Iniciado em 2005, o Programa Aprendiz, é voltado a estudantes do Ensino Médio, entre 16 e 18 anos, provenientes das comunidades vizinhas ao Museu Vale. Os jovens selecionados participam de um curso que aborda, de forma geral, as atividades relacionadas à montagem de exposições de arte, oferecendo conhecimento teórico e prático. O principal objetivo é capacitar esses novos profissionais, despertando seu interesse para esse mercado de trabalho específico e para as atividades ligadas a museus, galerias e centros de artes.

F36 **Programa Aprendiz, montagem da exposição.**


Aprendiz
Aprendiz
Aprendiz


Aprendiz


Sony Ericsson
FUNDAÇÃO VAL

Vale Museum 20 years

English Translation

This book celebrates the history of the implementation and the 20-year path of the Vale Museum since its inauguration on October 15, 1998.

Committed to development: The 20th anniversary of the Vale Museum

During a story that spanned 50 years, the Vale Foundation has potentialized its social footprint as a catalyst for territorial development, contributing to integrated development – economically, environmentally and socially – and strengthening the positive impacts on the areas where Vale has activities. The Company operates based on three thematic axes: Education, Health, and Employment & Income Generation. Initiatives related to Sports and Culture are also developed.

In the cultural area, Vale Foundation's objective is to contribute to turning Culture more democratic and to preserve the Brazilian Material and Immaterial Heritage, in particular by implementing and managing cultural equipment and developing projects that value culture identity in the territories where Vale has operations.

Here, emphasis is given to the Vale Museum as a pioneer initiative in implementing and managing cultural equipment and running social inclusion projects. At a greater extent, the work developed in the Museum stimulated the development of the other cultural spaces run by the Foundation: Memorial Minas Gerais Vale, Casa de Cultura de Canaã dos Carajás, and the Centro Cultural Vale Maranhão.

The Vale Foundation celebrates the 20th anniversary of the Vale Museum and congratulates all those who were and still are part of this history. We thank those people whose commitment and will turned the project into a reality and whose enthusiasm and engagement to the transforming role of art and culture have been continuously renewed, reaching a multiple and increasingly larger audience.

Isis Pagy
Director and President, Vale Foundation

Vale Museum: A Cultural Heritage of the State of Espírito Santo

In 1927, the initial landmark of the Vitória-Minas Railroad was inaugurated: the São Carlos Station. Since the 19th century had this achievement been considered to connect both states. Later, in 1935, the station was named after one of the most notable designers of the railroad, engineer Pedro Nolasco.

Located on the banks of the Bay of Vitória, the capital of Espírito Santo, the station was a place of embarkation and disembarkation not only of inputs, but also of many life stories. Between comings and goings, as time went by and modernity arrived, the building was left in oblivion, unlike the contrasting scenery of the opposite banks, where a lively bay in constant movement could be seen.

It was obvious that the place had a more promising vocation. Therefore, in the 1980s, some employees and former employees of the then Companhia Vale do Rio Doce, now Vale, dreamed of establishing a museum there dedicated to the railroad memory, based on the restoration and revitalization of the former station. The project gained momentum and the certainty that it would move into the next decade, more precisely in 1996.

The Museu Ferroviário Vale do Rio Doce (Vale do Rio Doce Railroad Museum), our current Vale Museum, was inaugurated on October 15, 1998, when I had the honor of being appointed its cultural director, after my previous engagement with its implementation, when I was in charge of the museography of the permanent exhibition.

After these 20 years of hard work, I am pleased to note that the Museum has become a heritage of Espírito Santo and brought relevant contributions to the socio-cultural scenario of Brazil, in addition to being a reference for other institutions nationwide.

Its primary mission was to preserve the patrimonial memory of the Vitória-Minas Railroad, but we dared to expand the Museum's scope to contemporary art as well, so that all the society of Espírito Santo could have free access to exhibitions of comparable quality as those of reference Brazilian and international museums. After the inaugural exhibition, *"Múltiplos" (Multiple)*, by Joseph Beuys (1999), we welcomed artists such as Antônio Manuel, with *"Fantasma" (Phantom)* (1999); Cildo Meireles, with *"Babel"* (2006); Waltercio Caldas, with *"Salas e Abismos" (Rooms and Abysses)* (2009/2010); the Campana Brothers, with *"Anticorpos" (Antibodies)* (2011); OSGEMEOS, with *"Fermata"* (2011/2012); Vik Muniz with a homonymous exhibition (2015/2016), among several other prominent names in Brazilian contemporary art. Altogether, in the past two decades we have had the presence of 215 Brazilian and international artists in 48 individual and collective exhibitions.

These indicators are really important, and highlighting the social role that the Vale Museum has played is equally relevant. In close partnership with the Vale Foundation, our administrator, we have developed educational, formative and cultural actions that aim at continuously integrating and dialoguing with the community from the metropolitan region of Vitória. We have already welcomed more than 1,700,000 visitors and we are recognized by the press and specialized institutions as one of the most remarkable cultural experiences of the last decades in Brazil that have a social impact. This is the case, for example, of the 2004 Special Mention Prize awarded by the Brazilian Association of Art Critics (ABCA) to the Vale Museum for its "contribution to Brazilian culture and art".

These results confirm that we have been on the right track. Now, we could say that consistent cultural actions have an enormous transforming power for communities, especially when they become accessible to children and young people.

As we celebrate our 20th anniversary, we have found out that the stories we tell also help us build our own, which we systematized in this book. May it become our reference and inspiration, so that it can continue to serve as an instrument for the construction of identity and social dignity, which are related to art and the preservation of this memory that belongs to us all.

Our GREAT THANKS to everyone who made all this possible:

The Vale Foundation, our administrator, for supporting us throughout these 20 years and for believing in the transforming role of culture and art.

Vale's managers and employees, always so sensitive to the social importance of the work we do.

The members of our Board, who share with us the mission of managing the Vale Museum.

The federal, state and local authorities, who have always supported the projects and actions of the Museum, whether through laws that foster culture or by supporting our activities.

The regional and national press, which have always honored and helped us promote the Museum and our actions.

Artists, curators and intellectuals, who always honor, inspire and teach us.

The entire community of Espírito Santo, in particular our neighbors in the Argolas region.

The teachers and students that make our daily routine livelier and are our main reason for being.

We would also like to give special thanks to those professionals who, over all these years, have worked in the implementation of the Museum by monitoring it, welcoming visitors, performing administrative tasks, working in the restaurant and in the Memory Center, taking care of the security and conservation of the space, working in the construction, putting exhibitions together, performing educational actions, producing support materials, giving seminars and doing everything that brings life to the Vale Museum.

Finally, our appreciation to all who those made the publication of this book possible by providing materials, recording their testimonies or being facilitators of the research work.

Ronaldo Barbosa
Cultural Director, Vale Museum

A place for memory

The iron [ore] route

"The more pathways there are, the more mischief there will be". This statement is part of a decree issued in 1704 by the Overseas Council, a kind of regulation enacted by King John IV of Portugal to standardize the administration of the overseas colonies It determined that the transport of the gold that had been newly discovered in the Captaincy of Espírito Santo (in the region that would later be known as Minas Gerais) could only be made via the so-called Royal Road, a set of pathways that connected Minas Gerais with the capital, Rio de Janeiro. The coastline of the Captaincy was considered very vulnerable to external attacks and a potential smuggling route.

This is the main reason why, until the 19th century, the countryside of Espírito Santo and the North of Minas Gerais, the region of the Rio Doce valley, remained a "geographic shield": a large, almost untouched area. Only a few travelers, miners and Court officers reported having taken this route and warned of the dangers of the inhospitable nature and the presence of cannibal indigenous tribes, such as the Botocudos.

The situation only began to change with the end of the gold cycle, given the need for seeking new areas that could be economically exploited. Attempts were made to open roads by land and establish river lines, but all of them faced immense difficulties to penetrate and effectively occupy the territory, making it clear that a railroad was the only thing that could be the "brave civilizing element that, by getting into the woods, crossing rivers, meandering through the floodplains and climbing mountains, would connect both States", as wrote engineer Delecarliense de Alencar Araripe in the book *História da EFVM 1904-1954 (The History of EFVM: 1904-1954)*.

Also in the dawn of the 19th century, concessions began to be granted to establish railroad tracks crossing the region. The first of such concessions was granted in 1875 to the Companhia Estrada de Ferro Vitória a Natividade (Vitória-Natividade Railroad Company) (the place that originated the city of Aimorés, on the border between Minas and Espírito Santo). Two years later the concession expired due to the lack of interest of investors, given the immense difficulties to surmount the Rio Doce Valley.

In 1890, two concessions would represent the origin of the Vitória-Minas Railroad: the first authorized

the creation of the EF Vitória a Peçanha (Vitória-Peçanha Railroad) and the second authorized the construction of a track from Peçanha (MG) to Araxá (MG), which would connect with the Estrada de Ferro Central do Brazil (Brazil Central Railroad), in the stretch between Itabira (MG) and Jatobá (MG).

F1. *Duplication and rectification of EFVM, 1971-1972. Vitória-Minas Railroad Memory Center Collection, Vale Museum.*

F2. *Inauguration party of the first section of EFVM, May 13,1904, Porto Velho, Greater Vitória region. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

In 1894, the Companhia Peçanha a Araxá (Peçanha-Araxá Company) was organized and technical studies were hired from engineers A. L. Caetano da Silva and Pedro Nolasco, who eventually became one of the Company's directors. Construction was initiated from Araxá, but it was paralyzed due to the difficulties in transporting machinery and materials. It was just in 1901, after obtaining external funds and the renewal of the concessions, that the Company was reorganized, now under the name Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas – EFVM (Vitória-Minas Railroad Company), by which the previously approved route had been modified to stretch from Vitória (ES) to Diamantina (MG).

Pedro Nolasco, An Entrepreneur

Pedro Augusto Nolasco Pereira da Cunha was born in 1865 in the city of Niterói, Rio de Janeiro. An engineer graduated from the Polytechnic School, he led and/or participated in commercial, industrial and financial undertakings throughout Brazil and in Latin America. His name is related to several works of infrastructure, mainly railroads, his greatest passion. Between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century, he worked at the Mogiana Railroad, then at the Sorocabana Mogiana Railroad; also as a contractor of the Rio-São Paulo Railroad and as one of the organizers of the railroad Noroeste do Brazil (Northwest of Brazil) Railroad, which connected the city of Bauru, in the countryside of São Paulo, with the border with Bolivia, where the current city of Corumbá (MS) is located. He also worked in other railroads nationwide, such as the Estrada de Ferro Goyas (Goyas Railroad), the Estrada de Ferro Paracatu (Paracatu Railroad) and, of course, the Vitória-Minas Paracatu, which is regarded as his greatest achievement.

As an engineer, he was responsible, for instance, for the construction of the building of the House of Representatives in Rio de Janeiro, then the Brazilian Federal Capital, and carried out sanitation studies for locations such as São João Del Rey (MG), Rio Claro and Botucatu (SP), as well as he built the first 550 meters from the pier of the Port of Vitória (ES)

Pedro Nolasco's initiatives as a businessman also deserve a special mention: along with other investors and entrepreneurs, he founded and directed the Banco do Rio de Janeiro, founded a rail plant in Petrópolis (RJ), Cometa, organized the insurance company A Popular and Companhia Radio Thelegraphica Brasileira (Brazilian Radio and Telegraph Company), which was granted radio patents He was also the director of the Crédit Foncier du Brésil and one of the organizers of the Companhia Brasileira de Exploração dos Portos (Brazilian Company for the Exploration of Ports), having worked as director of the company Docas in Santos, Bahia and Rio de Janeiro.

Pedro Nolasco died in 1935 and left a legacy of "half a century of prodigious efforts for the development of a whole series of sources of wealth of the country", as journalist and businessman Assis Chateaubriand wrote in a posthumous tribute.

F3. *Image of document 'Funerary Speeches, Engineer Pedro Nolasco, Tribute.' 1935. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

From Vitória to Minas

The EFVM design was approved in 1902 and works began the next year. On May 13, 1904, the first stretch was opened with 30 kilometers between the stations Porto Velho, in Cariacica (ES), and Alfredo Maia, in the city of Santa Leopoldina, in the mountain region of the state of Espírito Santo. The operations began with two Mogul Hartman locomotives made in Germany, 12 open wagons and 1 covered, as well as a passenger car.

Soon afterwards, the discovery of iron ore deposits in Minas Gerais caused a great turning point in the history of EFVM. In 1905, a group of Englishmen collected samples of iron ore, terrain plans photos of the region of Itabira do Mato Dentro (MG), in an attempt to attract large mining companies to explore the area. Four years later, the Brazilian Hematite Syndicate was incorporated in England, a company that obtained the option to purchase the entire area and which, in 1910, also negotiated the purchase of more than 70% of EFVM's stock capital. With ownership of the land and the control of the railroad, the Hematite Syndicate was reorganized in 1911 and gave rise to Itabira Iron Ore Co. Ltd.

By that time, the railroad had reached the banks of the Rio Doce, going beyond the border between Espírito Santo and Minas Gerais. It meant nearly 450 kilometers of rails and more than 20 stations, but many challenges still had to be overcome to get to Itabira. The whole region was virtually unknown, detailed maps were not even available. The topography was extremely rugged in the mountainous region and dominated by woods and unhealthy quagmires in the lowlands. If that was not enough, the outbreak of World War I (1914-1918) forced the works to stop.

One year after the end of the conflict, Itabira Iron was sold to a group of US investors led by Percival Farquhar, who had arrived in Brazil 15 years earlier and specialized in business involving foreign companies and the Government. In 1920, Farquhar entered into an agreement with the Federal Government, in which he agreed to build a steel mill in Brazil and complete the railroad. In 1928, an amendment was signed, where Farquhar waived the exclusivity on the railroad, so as not only to transport the ore extracted from his own deposits, but also from other miners, as well as agricultural products and passengers.

F4. *Rail setting. Aimorés, between 1906 and 1907. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

When everything seemed ready to take off, then came the World Crisis of 1929, which dramatically reduced investment, and, the following year, the so-called Revolution of 30, which made Getúlio Vargas the President of the Republic. Vargas established policies to stimulate the implementation of the basic industry and other sectors considered strategic, such as the steel industry and mining, although he wanted national companies to lead this process. So much so that the Constitution of 1937 stated that concessions for the use of mines and mineral deposits could only be granted to Brazilians by birth or organizations incorporated by Brazilian majority stockholders (the previous legislation allowed companies formed by foreigners to be concessionaires, provided they were organized in Brazil).

To continue with his projects, in 1940 Farquhar joined forces with Brazilian investors and founded the Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia (Brazilian Mining and Steel Milling Company), obtaining a new concession to explore the EFVM and start the operations with iron ore. Even though there were about 50 kilometers for the rails to reach Itabira, the first ore was loaded that year: 5,750 tons traveled on the backs of mules and trucks to the newly opened Desembargador Drummond station, in the city of Nova Era (MG). From there, the cargo continued along the railroad for about 24 hours until the Pedro Nolasco Station, in Vila Velha (ES), where it was again put onto trucks to be taken to the Port of Vitória and shipped on the Greek steamer Modesta, bound for Baltimore, in the United States.

F5. *Ore being manually dumped by truck, Port of Vitória, 1940. CVRD, Sucem Archive. Photo: Erich Hess.*

Pedro Nolasco Station — Km 0

Although considered the starting point of the EFVM, the Pedro Nolasco Station was only inaugurated in December 1905, a year after the operations of the railroad were initiated, which then stopped at the Porto Velho Station in Cariacica, about 7 kilometers away. Shortly after the construction of the Pedro Nolasco Station, the Porto Velho Station was closed.

Initially, the new station was named after the island where it was located, São Carlos, on the banks of the Bay of Vitória, near the Port of Argolas and the preexisting station, Leopoldina, which was part of the Estrada de Ferro Sul dos Espírito Santo (South Espírito Santo Railroad). It was a modest wooden building that gave access to a rock anchorage through which the maritime interconnection to Victoria was made.

The building of the station headquarters was built only in 1927. Next to it a large shed was erected, designed to store and transship cargoes that went to the neighboring ports of Argolas and Vitória.

In 1935, the São Carlos Station was renamed after Pedro Nolasco, who had died that year. From the following decade, the railroad's specialization in the transportation of iron ore greatly increased the movement of cargoes, which generated operating difficulties, since the space for maneuvering trains was insufficient. Thus, the Station was closed three decades later. The building housed Vale's offices, but remained inactive between the 1970s and 1980s, when it was listed and chosen to host a future museum.

Also in the 1980s, the "new" Pedro Nolasco Station was built in the Jardim América neighborhood, in the city of Cariacica, about 1 kilometer away from the original station. From there, all the EFVM passenger trains depart and arrive every day, bound to Belo Horizonte (MG).

F6. *São Carlos Station, 1933. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

Modernity on Rails

The rush for the first shipment even without the conclusion of the railroad was mainly due to the great demand for ore during World War II (1939-1945), which would intensify even more when the United States joined the allies in 1941.

The war also caused important changes in the direction of Brazil, which would be directly related to the trajectory of the EFVM. Given the strategic geopolitical role that Brazil had, President Vargas negotiated US support for his industrialization project, one of the most important pillars of which was the implementation of the modern steel industry. In 1941

the Companhia Siderúrgica Nacional – CSN (National Steel Milling Company) was created in Volta Redonda (RJ), but its actual construction demanded support and external funds.

F7. *Ship loaded with iron ore, 1940s. Jornal da Vale Archive, CVRD P. 22 Pedro Nolasco Station. Future Railway Museum, 1984. Jornal da Vale Archive, CVRD.*

This was made possible as of the so-called Washington Agreements, signed in March 1942, in which Brazil, the United States and England established an official political, economic and military cooperation. The agreements would put an end to the old impasse around Itabira Iron because the company's stockholders were British and American and eventually transferred the possession of the ore deposits in the Itabira region to their respective governments, which deposits were, in turn, transferred to the Brazilian government free of charge.

The United States subsequently provided funding of almost US$ 15 million for the purchase of the equipment required for the development of the mines, EFVM and the Port of Vitória.

On the other hand, Brazil guaranteed the export of 1.5 million tons of iron ore/year to both countries for a period of three years, at a price lower than the market price, provided that the three-year agreement could be renewed until the end of the war.

F8. *Transport of equipment for the construction of a track, 1940's. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

Therefore, the conditions were created so that, on July 1, 1942, President Getúlio Vargas founded the Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), later known as just Vale[1], which was originally a semi-public corporation. Vale incorporated the Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia (which had merged with EFVM) and the Companhia Itabira de Mineração (Itabira Mining Company), which was undergoing an incorporation process. It was granted the possession of the Minas Gerais iron ore deposits by the Federal Government.

Thereafter, there were no major impasses in the completion and improvement of the railroad. Finally, in 1943, the stations that were missing to complete the line were completed – one in the city of Nova Era (Capoeirana Station) and three in Itabira (Oliveira Castro, Engenheiro Laboriau e Itabira stations).

F9. *Exploration of iron ore at Itabira.1942. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

In next years, Vale invested in structural and technological improvements, such as the replacement of steam locomotives with diesel ones. The route was improved with the construction of tunnels and bridges to avoid the bottlenecks that increased the travel time. With this, the route between the Pedro Nolasco and Itabira stations was reduced, totaling 557 kilometers. As early as the 1970s, a major investment in duplication would be made, turning the EFVM into the first fully duplicated railroad in the Americas.

F10. *Atalaia Pier, Vila Velha, ES, 1940's. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

One of the most visible benefits of the operation of the railroad was the actual occupation of vast regions of the Rio Doce valley, giving rise to cities such as Colatina in Espírito Santo and Aimorés, Resplendor, Governador Valadares and Coronel Fabriciano in Minas Gerais, which used to be just small villages in the past.

The easier transportation and increase of the ore flow, in turn, favored the entire production chain, from mine to port. Therefore, one of Vale's first steps after its creation was to build a specialized pier for shipping coarse ore in the region known as Morro do Atalaia or "Pela Macaco", in Vila Velha (ES). Named after its builder, Eumenes Guimarães, the pier was completed in the late 1940s.

A decade later, Vale began exporting fine ore and, in partnership with the Government of Espírito Santo, built another specialized pier, the Paul Pier. As this structure was still insufficient, in the 1960s the project of the Tubarão Terminal, located at the end of Camburi Beach, in Vitória, was considered. Pier I was inaugurated in 1966 and had the potential to receive ships with capacity to transport up to 150 thousand tons of ore, although at that time the world fleet would not exceed 60 thousand tons. It was the largest iron ore pier on the Brazilian coast.

F11. *Panoramic view of the construction of the Port of Tubarão. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

As of 1969, Tubarão became an integrated unit. Pelleting (a process whereby fine ore particles are agglutinated by heat treatment and become more suitable for use in blast furnaces) plants were installed, courtyards for handling coal, coke and manganese, as well as terminals for liquid bulks and for various products, such as grains and fertilizers. In 1973 Pier II was inaugurated.

The Tubarão Unit closed the mine-railroad-port cycle that became the backbone of the modern economy of Espírito Santo. The infrastructure attracted other large companies to the state, such as Celulose Nipo Brasileira (Cenibra), Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), Albrás – Alunorte, Mineração da Serra Geral and Aracruz Celulose (Fibria).

Today, EFVM stretches over more than two thousand kilometers and connects to other important railroads, such as Centro-Atlântica and MRS Logística, besides the Port of Barra do Riacho, in Aracruz (SP). Connecting the Southeast and Midwest of Brazil, EFVM runs about 30% of Brazil's rail freight annually, which corresponds to more than 120 million tons of 40 different products in addition to iron ore, its main product (about 80%), it also transports steel, coal, limestone and soy beans.

All this evolution demonstrates the leading role that EFVM has had and still has in the history of Espírito Santo, evidencing the pertinence of creating a space dedicated to preserving and disseminating the railroad memory and heritage.

Vale Museum: an old dream

"Twin siblings born from one single captaincy, Minas and Espírito Santo can no longer be dissociated. Let alone by the history of the railroad, an umbilical way to establish the connection between field and port. Between past and modernity. Between hope and future. Between culture and homesickness. Along its beds, straight and curved sections, cities, coffee plantations, mines, industries and herds were planted. The eyes of perspective were planted. Ways of living, of being and seeing were arranged. This will be the Museum's mission".

The excerpt from the promotion material of the Vale Museum sums up poetically its reason of being, since the beginning. And it can actually be placed well before its inauguration on October 15, 1998.

The first reference that has been made about the intention to create a museum dedicated to EFVM dates back to an internal publication of Vale's employees called O Minério (The Ore), dated 1967. But there are no records on how the initiative would run for the next 12 years, and only in 1979 did it identify a mobilization of its own staff around the idea. It is a correspondence dated January of that year in which engineer Sérgio Meyer suggests to his superior, then at Suest (Road Superintendency), the creation of a "dynamic museum that would display all the development of EFVM. A museum that would be the railway showcase [...]". Further on, Meyer says: "For the headquarters of the museum, a suggestion: the Pedro Nolasco Station".

At that moment the second office of Eliezer Batista as the CEO of Vale had begun, which established a new phase in the Company's trajectory. As the Company's first CEO from its own staff (and therefore with an obvious emotional relationship to the organization's history), he would have given full support to the museum project, as some correspondence shows at the time.

F12. *Facade of the former Pedro Nolasco Station before the restoration process.*

Eliezer Batista

Eliezer Batista (1924-2018) graduated as a railroad engineer from the University of Paraná in 1948 and joined Vale the following year. Known for his entrepreneurial spirit and self-learning (he spoke seven languages, for example), he was the Company's CEO between 1961 and 1964 and between 1979 and 1986.

F13. *Eliezer Batista (seating), in a locomotive bound do Nova Era (MG), 1990's. Vitória-Minas Railroad Memory Center Collection, Vale Museum.*

Starting Point

The suggestion to use the beautiful Pedro Nolasco Station building to house the museum was accepted from the outset. Its historical importance, together with the representativeness of the eclectic architecture, were indisputable attributes so that the destination of the building would be to host the future museum. Incidentally, there are no records that would remotely suggest using another site for this purpose.

Similarly, there are no records of how the project was institutionalized. What is known is that a group of Suest railroad workers gathered around it and started to collect pieces, equipment, furniture, documents, photographs, among other materials related to the history of the railroad, and encouraged other employees to do the same, sending circular letters to virtually all the managers of the time. This was how the initial collection began to be gathered.

In 1984, the Ceciliano Abel de Almeida Foundation, subject to the Federal University of Espírito Santo (Ufes), was hired by Vale to provide technical advice in the preparation of the project. A team that included professionals specialized in Museology and History did the first screening of the collection pieces and gathered and systematized relevant information about EFVM.

F14. *Former Pedro Nolasco Station, 1930s. Car accident. Vitória-Minas Railroad Memory Center Collection, Vale Museum.*

Ceciliano Abel de Almeida

Ceciliano Abel de Almeida (1878-1965) was an engineer, teacher, administrator, historian, writer and public man

1. The Companhia Vale do Rio Doce went private in 1997 and in 2007 it changed its name and logo to reflect its new position in the market as a multinational corporation. Thus, it become just "Vale".
To make the text of this book more fluid, we used the current name whenever referring to the Company or the Museum, which after 2007 was also known just as "Vale Museum".

of great notoriety in Espírito Santo. His career as an engineer began at EF Peçanha-Araxá and reached its peak at the time of the construction of EFVM, alongside Pedro Nolasco. At the same time, he dedicated himself to teaching, which earned him the invitation by Governor Jones dos Santos Neves in 1954 to become the dean of the newly created Federal University of Espírito Santo (Ufes).

Therefore, its name was given to the foundation created by the university in 1977, with the purpose of providing technical and scientific services and develop research related to public and private cultural programs, among other tasks.

F15. *Ceciliano Abel de Almeida. Image of the book 'History of the State of Espírito Santo', by José Teixeira de Oliveira, p. 453. Nelson Abel de Almeida Collection.*

In parallel, also in 1984, a process was initiated to have the Pedro Nolasco Station listed by the State Council of Culture, then subordinated to the Secretary of Culture of the Government of Espírito Santo, an initiative that was supported by Vale. After two years, the building was officially listed, guaranteeing legal protection and the preservation of the patrimony. It would be the only protected asset in the EFVM rail system.

The Vale Museum Building

The Pedro Nolasco Station building was built between 1914 and 1927 by engineer Bartolomeu de Oliveira, based on a project created by a French architect from Rio de Janeiro. Originally, the building had two stories in a rectangularly based volume from which a centralized dome stood out. It had two facades, one facing the Bay of Vitória, where the entrance door to the station was, and the other facing the platform for boarding and disembarking. The central hallway was a symmetrically positioned lobby, where passengers circulated and where the ticket booths were located. The second floor housed administrative activities. The third floor was later built in the 1930s.

Everything seemed ready to make the project come true. In 1987 a bidding process was carried out for the execution of the restoration and revitalization works, as recommended by technicians from the Ceciliano Abel de Almeida Foundation. But it seemed that the time had still not come.

For a number of reasons, the project was paralyzed and would only return to the agenda about a decade later, at the Fundação Vale do Rio Doce de Habitação e Desenvolvimento Social (Vale do Rio Doce Foundation for Housing and Social Development)[2]. In 1995, the Foundation hired a specialized company from Rio de Janeiro to develop the project of restoration and revitalization of the building. Subsequently, expert Maria Clara Medeiros Santos Neves was invited to prepare the museological proposal that would determine collection lines, themes and form of action.

F16. *Pedro Nolasco Station, 1947. Collection of the Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

Vale Museum Highlight

The locomotive Mikado, manufactured in 1945 by The Baldwin Locomotives Works in Philadelphia, was one of the last steam locomotives purchased by EFVM in the 1940s. It was operated by a machinist, a stoker (responsible for feeding wood into the boiler) and a greaser.

2. As for the Vale Museum and Vale cases, in order for the text to be more fluent, we used in this book the current name Fundação Vale, or just Fundação, whenever referring to Fundação Vale.

Vale gradually replaced steam locomotives with diesel-electric vehicles during the 1950s and 1960s. But the Mikado was preserved, stored with great care in the Wagon Workshop that used to be located at the Tubarão Unit. Even a special cover to protect it from the weather had been provided.

F17. *Locomotive Mikado 185 restored. Photo: Walter Monteiro, 1997.*

Vale Foundation

Created in 1968, the Vale do Rio Doce Foundation for Housing and Social Development for decades was responsible for attaining, for Vale employees, the dream of most Brazilians: the purchase of one's own home.

In 1998, after the Vale privatization process, the Foundation redirected its activities to social development in an integrated manner. It began to support the communities present around the Company, with actions focused on education, professional training, health, community development, sports and culture.

In the following years, the Foundation's proposal was transformed and accompanied the shift of mentality in Brazil regarding the principles of social responsibility and sustainability. As a result, the Foundation recognizes itself as an entity that seeks to contribute to integrated development – economically, environmentally and socially – through actions developed locally in the territories where Vale operates: more than 80 cities in the states of Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará and Rio de Janeiro. In these actions, it works in partnership with a network of institutions with proven experience and expertise in the different thematic areas of action: Education, Work & Income Generation and Health, as well as complementary themes such as Culture and Sport.

In addition to the Vale Museum, in Vila Velha, the Vale Foundation sponsors several other cultural assets and social facilities in the Company's operating territories. The five Knowledge Stations, the Deodoro Training Center, the Minas Gerais Vale Memorial, the Casa da Cultura Canaan dos Carajás and the Vale Maranhão Cultural Center are specially built or adapted hubs for various activities directed to people of all ages.

The Museum Takes Shape

In order to prepare the museum project, Maria Clara Santos Neves set out in search of the collections that had already been gathered by the "faithful and passionate" railroad workers, as she defined in the project memorandum. She interviewed dozens of them to gather information, researched and systematized data. In some cases, it was necessary to overcome resistance, as occurred with the beautiful composition formed by a locomotive and two-one cargo and one passenger-wagons, besides the trolley – a simple maintenance vehicle – that would become major highlights of the Museum.

It took a lot of talk to persuade those responsible for the preservation of such equipment that the museum would, after all, be a more appropriate and nobler destination for the relics, where far more people could admire and learn about the steam train and its time.

The enthusiasm for getting the locomotive and the wagons caused it to consider putting the composition back in operation in a small circuit that would have the museum as the starting and end point. There were, however, many hindrances to this: feeding the boilers with the necessary firewood was no longer feasible, the few railroad workers who still knew how to operate the locomotive had been retired for a long time, as were the mechanics capable of performing the maintenance. Not to mention the scarce availability of rails, given the constant (and of course, priority) circulation of trains loaded with iron ore and other goods.

In any case, obtaining the locomotive reinforced the original intention that the thematic line of the Museum gravitated around the railroad memory, specifically that of EFVM, and the whole immaterial universe that surrounds it. From the contact with the railroad workers would come the other thematic pillar, in fact a complementary subject that resulted from the history of the road *stricto sensu*, which was the links with the communities along its route, aspects that were deeply related to the "Minas-Espírito Santo" identity of the cities of the Rio Doce valley.

Other collections of salvaged items indicated sub-themes of interest: the workers, technologies and techniques involved in the construction of the railroad; operation and maintenance for the transport of cargo and passengers, as well as the life of the railroad, its symbols, stations and workspaces.

This provided the inspiration for three environments in the Museum: in the first, the history of the construction, reconstruction and duplication of the railroad; in the second, maintenance aspects, work in the workshops and on the railroad, and, in the third, the operation of the stations. Also, a small room was designed for temporary exhibitions to house exhibitions somehow related to the railroad based on the Museum's own or third-parties' collections.

Complementing the scope of the proposal, a space was created to hold a large model, which would be specially designed to portray the course and objectives of EFVM: the Itabira mines, the Port of Tubarão and industries served by the railroad, as well as the extraction and transportation of ore, without forgetting the cities, towns and stations, including Pedro Nolasco itself, the Museum's headquarters. With more than 34 square meters of constructed area, the model would be designed and structured by members of the Associação Mineira de Ferromodelismo (Minas Gerais Model Railroading Association). According to them, at that time it was the largest model of Brazil representing a specific railroad.

Finally, nothing would be more natural than to baptize the Museum according to its main theme. The Vale do Rio Doce Railroad Museum was almost a reality.

Chance, Partnerships and Achievements

The last challenge to be overcome to establish the Museum was to raise the necessary funds. Just to remember: Vale was still a state-owned company at the time, so the idea was to look for sponsoring partners.

Then a great chance changed the story completely. At the time, the Vale Foundation had repositioned its operations in line with the new concepts of corporate sustainability – which had been assimilated by the Brazilian society and organizations since the late 1980s. Created mainly to help the Company's employees to buy their own homes, the Foundation started to invest in different social projects, including some that were not in Vale' scope. Because of this, for example, it was invited to be a co-sponsor of the educational television Futura, a project that was being organized in the early 1990s by the Roberto Marinho Foundation, a member of the Globo Organizations.

So, in the same waiting room at Globo's headquarters in Rio de Janeiro, Vale's then Communications Superintendent, Hugo Mourão, and the Regional Manager for Espírito Santo, Frederico Moncorvo, happened to meet with architect and artist Beatriz Henriques, who worked as a cultural project manager at Banco Real. All had the same purpose of discussing the support for the creation of Futura.

Banco Real (later sold to ABN Amro and then to Santander) had organized a sector dedicated to developing and sponsoring cultural projects in various segments, such as restoration, art exhibitions, theater and music. This sector was headed by Beatriz and had been working in partnership with the Roberto Marinho Foundation in several projects in the area of restoration of heritage assets and their resignification.

As conversations went on, Beatriz heard Hugo and Frederico talked enthusiastically about the plans for the Pedro Nolasco Station and the need for raising funds to make them feasible. At that time, she was working on the implantation of another museum sponsored by Banco Real in Salvador (BA), the Bahia Nautical Museum, and considered that the Railroad Museum had all the preconditions to be part of the list of projects supported by the Bank.

F18. *Renovation of the former Pedro Nolasco Station, July 1996. Vitória-Minas Railroad Memory Center Collection, Vale Museum.*

In fact, after a few rounds of negotiations, Banco Real decided to sponsor 50%, and the rest should be financed by Vale itself with funds from the National Program to Support Culture (Pronac), through the Rouanet Act.

In August 1996 the restoration works at the old Pedro Nolasco Station began, which would last until March 1997, two months before Vale's privatization. The change, however, did not bring significant impacts to the direction of the Railroad Museum.

In that same year, Espírito Santo born designer Ronaldo Barbosa, who was responsible for the work of the Bahia Nautical Museum, was invited to develop the museum project. At the time, Ronaldo already had a long career as an artist and designer in Brazil and abroad, and taught at the Federal University of Espírito Santo (Ufes), where he had helped implement the Design course.

Ronaldo worked on the basic proposal prepared by Maria Clara Santos Neves in 1995, reviewed in 1997. The museography was innovative, and included materials and objects from the railroad's own collection. Rails, springs, locomotive valves, ties and other work equipment had become a poetic element to serve as bases and shop windows. Colors, textures and elements referring to the railroad were also used, including sand and gravel, to create a modern and vibrant environment.

F19. *Inauguration of the Vale do Rio Doce Railroad Museum, October 15, 1998. Photo: Flávio Santos. Vitória-Minas Railroad Memory Center Collection, Vale Museum.*

Memory + Contemporary Art

One of Ronaldo's greatest contributions, however, was to assign the Temporary Exhibition Room (SET) to contemporary art. It was a small space on the second floor that could potentially become a window into the universe of art, since there were virtually no galleries or museums dedicated to the subject in the Greater Victoria area and throughout the state. Both the Vale Foundation and Banco Real adhered to the idea immediately, considering that the initiative would magnify the project by joining memory and heritage preservation and art.

The Vale do Rio Doce Railroad Museum was inaugurated on October 15, 1998. On the same day, Ronaldo Barbosa became its Cultural Director, along with a Board, consisting of Vale and Foundation members and professionals related to the arts and culture in Espírito Santo – including Maria Alice Lindenberg, a journalist and Institutional Development advisor at the Gazeta Network. Gallery owner Ana Coeli Piovesan would also be joining the Board later. The Board had and has a fundamental role to share and endorse all decisions regarding the management and programming of the Museum.

F20. *The model features thousands of miniatures – in addition to the locomotives and passenger and cargo wagons that move on trails, there are 740 trees, 370 "people", 103 light poles, 80 houses, 30 railroad signs, 17 bridges, 3 tunnels, 5 trucks and 2 mine tractors, and a ship, all on a 1:87 (HO) scale. It is one of the attractions that enchant visitors the most, especially children (from 8 to 80 years).*

A living and pulsing museum

"The arrival of a monographic exhibition by German artist Joseph Beuys (1921-1986) to Brazil is amazing itself, but the fact that it will be visiting eight Brazilian museums, in several regions, and beginning in Vila Velha, in Espírito Santo, which is not even the capital of the state, is something really hard to believe.

Hard but not impossible. The small town in Espírito Santo today is present in the arts circuit with the opening of an exhibition featuring 47 works (38 multiple and 9 single pieces) from one of the most influential protagonists of the contemporary arts in this second half of the century. The pieces come from the collection of Italian collector Paola Colacurcio, from Naples, and will be exhibited at the Vale do Rio Doce Railroad Museum.

After Vila Velha, they will be visiting Recife, Fortaleza, Salvador, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo and Niterói. In São Paulo, the exhibition will take place at the MAC (Museum of Contemporary Art)".

The article in the *Folha de S.Paulo* newspaper dated July 8, 1999, entitled "Joseph Beuys multiplies throughout Brazil" and signed by journalist Celso Fioravante, leaves no doubt about the rapid and unusual rise of the Vale Museum in the great circuit of visual arts in Brazil.

He also reiterated the suitability of the decision to expanding the Museum's scope beyond the memory and the preservation of the railroad heritage, its original reason for being. At first, the idea of dedicating the temporary exhibition room to contemporary art was almost intuitive. The good repercussion of the work of Espírito Santo born artist Hilal Sami Hilal, exhibited on the spot for the inauguration of the Museum, was a very positive indicator, but virtually the only certainty was that art would play an important social role given the lack of suitable places for aesthetic experimentation, particularly of contemporary art, in the Great Vitória region and in Espírito Santo as a whole. This role expanded considering the possibility of using funds provided by the Rouanet Act (federal culture incentive act) making the programming accessible to all the population for free.

One thing nobody could foresee in the beginning was that the response would be so positive. In the expositions carried out between 1999 and 2000 alone, a total audience of over 50 thousand people visited them. In the meantime, after Beuys, the temporary exhibition room housed works by nationally and internationally acclaimed artists Antonio Manuel, José Damasceno, Leda Catunda and Arthur Omar.

F21. *Bay of Vitória as seem from the Vale Museum reception.*

F22. *Interior of the Museu Vale exhibition shed.*

Given the success, the area dedicated to contemporary art has been expanded, extending to a 800 square meter shed that had been used as a warehouse when Pedro Nolasco was still an active station. When the Museum was inaugurated, the space was used by the rowing team of Clube Desportiva, a soccer team created by Vale employees. They kept their boats and equipment there.

The rustic and modest building still had its initial characteristics: colonial roof, cement flooring and masonry walls with some parts in concrete and stone. The internal amplitude, almost without walls, was ideal for larger items, and the possibility of integration with the external environment made it an excellent space for site specific exhibitions.

After some minor adaptations, on October 26, 2000, the exhibition hall was inaugurated with the collective exhibition "A forma e os sentidos – um olhar sobre Minas" (Form and the Senses: A View over Minas), curated by Kátia Canton and Ronaldo Barbosa himself. The exhibition brought together in the same space works by Amilcar de Castro, José Bento, Cristiano Rennó, Renato Madureira, Marcus Coelho Benjamim, Cao Guimarães, Solange Pessoa, Valeska Soares and Lygia Clark. Over 18 thousand people were present during the little more than three months when it was open.

Since then, the prominence given by the specialized and general press in the main capitals helped consolidate the prestige of the Museum together with the society of Espírito Santo and professionals related to the arts nationwide. This led, in fact, to the decision to change its name, by removing the word "Ferroviário" – from 2001, it was just Vale do Rio Doce Museum.

No one else was surprised by the fact that a great exhibition was inaugurated at the Vale Museum, which definitively became part of the great circuit of visual arts in Brazil. More and more artists have been interested in developing new projects for the shed, in accordance with the site specific concept. Some of these works were adapted to roam through other cultural institutions, such as the exhibition "Babel" (2006), by Cildo Meireles, who went on to Estação Pinacoteca do Estado de São Paulo and was considered the best of the year by the São Paulo Association of Art Critics (APCA).

The exhibitions in the shed also helped give more visibility to artists from the state of Espírito Santo. Hilal Sami Hilal, for example, who had one of his works demarcating the territory destined to contemporary art at the Temporary Exhibition Hall at the inauguration of the Museum in 1998, returned in 2007 with a work especially designed for the shed: the exhibition "Seu Sami" (Sami Senior), a reference to his father. The following year, the exhibition covered three states, being adapted for MAM Rio (RJ), the Palace of Arts in Belo Horizonte (MG) and Sesc Pompeia, in São Paulo (SP).

Other artists from Espírito Santo had their works exhibited in the Museum: Álvaro Abreu, Falcatrua, Dionísio Del Santo, Filipe Borba, Gustavo Vilar, Paulo Vivacqua, Tom Boechat, Regina Chulam and Rosilene Luduvico are some of the names that gained a national and international dimension, but who were in some cases lesser known locally.

Education, Citizenship and Social Inclusion

For decades, museums have ceased to be just guardians of things past, where people are only allowed to observe and contemplate. This was made possible by the use of interactive resources and, in particular, by developing a set of educational and cultural activities that allow visitors to immerse themselves in the history that is told in the Museum, stimulating their creativity, perception and critical sense, especially children.

Since the very beginning, the Vale Museum adhered to this proposal; in 1998, it launched the Educational Program, now an "umbrella" that integrates many social and art-education projects. The Program

was created with the objective of training mediators and art educators to conduct visits, especially with students from public and private schools. Visitors are encouraged to reflect on topics that are cross-cutting to the history of the railroad, which can be somehow related to the affective memory of children, their families and the community as a whole. Each piece of the collection, therefore, represents a small "journey" through its meaning in time.

In order to measure the result of these actions, to encourage the children's leading role and to interact directly with teachers from public and private schools of the metropolitan region, writing and drawing contests began. Teachers were trained to address subjects related to memory and art in the classroom, and then returned to the Museum for a mediated visit. Then, the students were encouraged to develop texts or drawings to be assessed by a judging commission The authors of the best works received symbolic prizes, such as miniature freight trains and visits to the Tubarão Unit, where a special lunch was offered.

In spite of the good acceptance of the competition, in 2003 the Museum Board decided to reformulate the program and eliminated its competitive character. Since then, the primary activity of the Program became the direct incentive and at the Museum itself with educational, heritage-related actions, based on the permanent exhibition about the history of the construction of EFVM, and immersion in the universe of art, through workshops inspired by temporary contemporary art exhibitions.

For the workshops, teachers undergo a preliminary preparation, where they receive information and participate in the activity with the team of mediators of the Museum, then returning with their classes at previously scheduled time and date. After the visit to the contemporary art exhibition, students are taken to the art education room, located in a building adjacent to the Museum area. There they participate in the workshop, which can be an activity proposed by the very staff of the educational program, a guest art educator or as suggested by the artist himself/herself, in case he/she wants to share his/her creative process more viscerally with the participating school groups.

The workshops are given by staff mediators along with university interns, usually students of plastic arts, visual arts or related art courses. In the end, the works produced become part of an exhibition prepared at the Multimedia Room, which usually opens the same day of the opening of the subsequent contemporary art exhibition.

The workshops are given, on average, for two or three months, depending on the time of year in which the contemporary art exhibition is held.

The Educational Program covers between 2,500 to 3,000 children per month, most of them coming from elementary and high schools in the Greater Vitória region (encompassing the cities of Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha and Vitória).

International Seminars

Between 2006 and 2013 eight editions of the International Seminars were held, bringing together art, design and architecture critics, museum directors, philosophers, journalists, anthropologists and artists of various languages. Overall, there were more than a hundred speakers, Brazilians from various regions of the country, including Agnaldo Farias, Fernando Cocchiarale, Katia Canton, Nelson Brissac Peixoto, Suely Rolnik, Almerinda da Silva Lopes, Antonio Cícero, Paulo Sergio Duarte, Ana Maria Machado, Clarissa Diniz, José Miguel Wisnik, Maria Rita Kehl, Moacyr Scliar, Ivaldo Bertazzo, Heloisa Buarque de Hollanda and Roberto da Matta.

Prior to that, since 2007 the Museum had begun a series of events and programs, stimulated by the great acceptance of educational actions, such as the Chat with artists and curators, music, dance, theater and audiovisual festivals, photography exhibitions, workshops and other programming.

F23. *A record of the the 7th edition of the Vale Museum International Seminars, 2012. Topic: "If this street were mine... On Hopes and Cities".*

F24. *Registration of the 1st edition of Encounters with Contemporary Art at the Vale Museum.*

The first workshop in this format was held during the Carlos Vergara exhibition, between 2003 and 2004. The artist himself worked with the children on the elements that characterized his work – the use of natural pigments and minerals – and taught them how to produce wax crayons with iron ore from the Cauê mine in Itabira (MG). From that moment until 2018 the Vale Museum has hosted 32 exhibitions of contemporary art, each of which triggering a specific educational action.

Another project that integrates the Educational Program is the Guarda Histórias (History Keeper), a heritage-related action based on the Museum's permanent exhibition, the historical collection of the Vitória-Minas Railroad. As the name suggests, the idea is to get the children to reflect on their own history and that of their community based on the references they observed in the Museum. During the visit, mediators draw attention to certain pieces on display and ask questions about how they were used in the past and which objects or equipment perform similar functions today. Then, the children are invited to board into the steam locomotive "maria-fumaça" and make an imaginary trip to a place defined by the group, who also decides the "luggage" to be taken – their own experiences. The activity finishes in the art-education room, where each child receives an interactive album to be filled with drawings, clippings, words and texts that refer to their memories and life stories. The experience was also taken outside of the Museum, having been applied in some cities along the EFVM.

F25. *The Educational Program covers between 2,500 to 3,000 children per month, most of them coming from elementary and high schools in the Greater Vitória region (encompassing the cities of Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha and Vitória).*

In 2005 the Internship Program was created for students of Visual Arts and related areas, as well as the Apprentice Program, which trains young people in crafts related to preparing exhibitions. At each exhibition, ten young people from the communities around the Museum – a region considered to be under severe social vulnerability – are selected to participate in theoretical courses given by members of the permanent staff in the areas of museology, public art, visual communication and scenography, through an agreement with Senac, also attend classes in carpentry and painting.

After the basic training, they act as assistants during the setting up of the temporary exhibitions of contemporary art in the shed. By 2018, more than 120 young people had already participated in the Apprentice Program, and some have specialized in the areas for which they received a short training. The most anticipated result of the program, however, is to introduce young people into the world of art and culture, stimulating them to seek professional improvement for the labor market in the area.

The Vale Museum also held, between 2006 and 2013, the International Vale Museum Seminars, with the participation, as a curator and organizer, of philosopher Fernando Pessoa, from Ufes. The seminars addressed topics related to the meanings of contemporary art and all the lectures were published in full, in editions coordinated by the Museum's own staff. Directed to a public of different age groups, socioeconomic levels, educational backgrounds and experiences, the discussions addressed artistic and philosophical knowledge to understand the work of artists and thinkers. In its 8 editions, the International Vale Museum Seminars fostered the reflection on the role of contemporary art and its biases in the 21st century.

After a three-year gap, similar events were promoted again in 2017, the Encounters with Contemporary Art, with lectures that discussed different topics, always from the perspective of the artist, critic, curator and art historian.

The Place of Memory

As part of the Vale Museum's implementation process, a large number of documents, books, photographs and other materials was collected and, although they were not used as a piece of the exhibit, they had invaluable informative value regarding EFVM and Vale itself, including rare documents, such as internal company minutes and memoranda.

Aware of the importance of this collection for historians and researchers from various areas of knowledge, the Museum's management decided to establish a Memory Center open to the public. It was a work started behind the scenes, shortly after the inauguration in 1998. Little by little, a large room was prepared and provided with air-conditioning to accommodate the collection according to technical preservation recommendations, and a team of consultants, in partnership with selected interns from Ufes, carried out the archival organization of the collection and implemented a database for its management. In addition, works have been purchased to create a library specialized in the railroad theme.

The EFVM Memory Center was opened to the public in 2006. Today, it is responsible for a collection of more than 23 thousand cataloged items, including films, photos, maps, documents, audio testimonies and historical texts, as well as books, catalogs, magazines and folders related to railroad memory and art. The space is managed by an especially dedicated historian specialized in archive management, who is also responsible for collaborating with the various scholars who look for in the collection the raw material for their researches. Dozens of monographs, theses, final term papers and journalistic materials have already been developed using the Memory Center collection as their main source.

F26. *Vitória-Minas Railroad Memory Center, Vale Museum.*

Tourist and Gastronomic Destination

In order for the Vale Museum to consolidate itself as a tourist destination, it was necessary to invest in creating other attractions to the visitors. In addition to being away from the city center, the region where the Museum was implemented is surrounded by socio-economically vulnerable areas and has few urban improvements, coexisting with the movement of cargo trucks, as is typical of port areas.

Thus, the first steps were to implement adequate signaling and improve access, in partnership with the public authorities. A landscape design was also made, drawing special attention to the gardens in the surroundings of the main building and the view of the Bay of Vitória, with the construction of a pier to allow arrival by the sea, without forgetting to dedicate a large courtyard for parking, since most visitors drive saloon cars, vans or tour buses to get to the Museum.

It was still necessary to offer a good gastronomic option, but it should be something that was a visitor

magnet itself and in line with the proposal of bringing memory and art together. In 2000, the Café do Museu, a bistro run by chef Dinho and, later, by his sister-in-law, chef Cleonice was opened. Its biggest differential was being assembled inside a restored passenger car.

Due to great demand, the restaurant gained a covered deck to accommodate more tables and a fully equipped kitchen, installed in another adapted wagon, an old caboose – the last wagon of steam trains, which served to assist braking. All this made the Café a place to host cultural and social events, from birthday parties to book launches.

In a short time, the Vale Museum became one of the most visited points of the metropolitan region of Vitória, being identified as a destination that unites culture, art and gastronomy. Within its 20 years, more than 1,700,000 visitors have registered, including students, teachers and tourists in general. In 2014, 2016 and 2017, the Museum received the Certificate of Excellence from the TripAdvisor.com website, which placed it in the group of the only 10% of establishments rated "excellent" by the website's users.

However, a proof of the success of the Vale Museum's proposal is to check, whether on weekends or on weekdays, the great flow of people, including groups of students, tourists from other States or foreigners, and – curiously enough – brides, people celebrating birthdays and models who choose the place as a favorite setting for their photo shoots.

Recognition

There are several indicators that are able to objectively measure an institution's performance, such as the average number and profile of visitors, the quality of the attractions offered and the number of people directly or indirectly affected, the repercussion in the media, the awards granted by specialized organizations. The Vale Museum has achieved a remarkable performance in several of them.

In 2004, for example, the Brazilian Association of Art Critics (ABCA) awarded the Special Distinction Award to the Vale Museum for its "contribution to Brazilian culture and art", which reflected the recognition by personalities from Brazil's cultural scene. In 2013, as part of the celebrations of its 15 years, the Museum was honored at a solemn session at the House of Representatives of Espírito Santo, in Vitória. The following year, the Brazilian Institute of Museums (Ibram), an institution subordinated to the Ministry of Culture responsible for federal museums, appointed cultural director Ronaldo Barbosa as a member of the Advisory Council of Museum Heritage, primarily for regarding the Vale Museum as one of the relevant cultural experiences of Brazil.

There is also another kind of indicator, a little more difficult to measure, which is the perception that the population of the Greater Victoria area, in all its socio-cultural and economic diversity, incorporated the Museum. The locals are a constant presence, whether in daily visits, prestigious exhibitions and opening events, lectures on contemporary art and other educational and cultural activities that are part of the program, or just enjoying the place for a picnic, an encounter with friends, a business meeting or a photo shoot and selfies taking advantage of the landscape, the Mikado, the restaurant car or other beautiful surroundings and scenery.

Another indicator is the fact that the Vale Museum has gained prominence on websites, magazines and specialized tourist guides, where it is pointed out as one of the main attractions of the Greater Vitória region, along with the beaches and traditional historical monuments, such as the Penha Monastery. And, just like in the case of TripAdvisor.com, always with very positive ratings of the visitors on the websites that allow this type of interaction.

Finally, the main indicator to all the Vale Museum staff, which is to make sure that, rather than exposing, it is all about building stories. Life stories. There are several cases of children and young people so strongly impacted by the work developed in the Museum that they built their careers around art or art education. They are beautiful, strong testimonies, full of determination and resilience, that deserve a separate book.

In these 20 years, the Vale Museum has become a valuable heritage of Espírito Santo and Brazil. With its unique and transformative experiences, it has strongly contributed to value and enrich art, education and culture in Brazil.

F27. *A record of the workshop of the exhibition Fermata by artists OSGEMEOS, in the Vale Museum.*

Art that makes history

Vale Museum: The place for contemporary art in Espírito Santo

At the launching of the Vale Museum in 1998, a work by Espírito Santo born artist Hilal Sami Hilal set the vocation of the then Temporary Exhibition Hall as a place for contemporary art. Since then, important Brazilian and foreign artists have exhibited their works in the Museum.

The extremely positive impact reiterated the suitability of that work and extended it to the area of the shed, now celebrated by artists and curators as a privileged space for installations of site-specific exhibitions. There, the exhibits are not restricted by walls, doors and windows – the possibilities are immense both because of the flexibility of the architecture of the shed and the beautiful gardens that surround it and the landscape dominated by the Bay of Vitória.

The public, especially that from the metropolitan region of Vitória, began to attend massively at the vernissages and exhibitions, and soon the media throughout the country took a closer look at what was happening there. Naturally and quickly, the Vale Museum integrated the Brazilian arts circuit, including inaugurating exhibits that would later be hosted in other outstanding cultural spaces in the other states of Brazil.

As a retrospective exhibition, to celebrate the 20th anniversary of the Vale Museum, we present below a photographic record of the 47 exhibitions carried out between 1988 and 2018.

F28. *Exhibition Hall, Vale Museum.*

08.07—15.08.1999
Múltiplos / Multiple (Joseph Beuys)
Regarded as the most important German artist after World War II, Joseph Beuys developed works in several artistic languages that were referred to as "art multiples". The term was crafted by the New York group Fluxus, bringing together artists who opposed the commercialization of art, with performances and exhibitions of their own.

30.09—30.11.1999
Fantasma / Phantom (Antonio Manuel)
Antonio Manuel is a sculptor, painter, engraver and drawer. In 1994 he presented the first version of *Fantasma*, which proposes a reflection on the Brazilian social and political context. The installation was assembled with pieces of coal suspended from nylon wires, which seemed to float. The public was invited to walk through the space and be touched or marked by the coal. *Fantasma* was also presented in the *Galerie Nationale du Jeu de Paume*, of Paris (France), in the The Serralves Museum, in the city of Porto (Portugal), and the Guggenheim Museum, in New York (USA).

9.12.1999—09.03.2000
Marcio Espindula Collection (Jorge Guinle)
Jorge Guinle was one of the most notable artists of the so-called Generation 80s. A painter and a drawer, he became a reference for contemporary painting. The exhibition celebrated not only the artist's production but also one of the most important art collections of Espírito Santo, belonging to the private collection of art dealer Marcio Espindula.

26.04—19.06.2000
Cinemagma (José Damasceno)
Roaming: MAM Rio (August / September 2000)

José Damasceno has been working in the visual arts since the 1990s, creating objects and installations that explore the limits of the sculptural form through industrial materials such as wood, concrete and aluminum.

In Cinemagma, he created mazes on the floor with small bricks of marble and tow, forming a volume, on which an open door was placed that allowed to glimpse some glass jars. On the walls, designs were stuck with nails and elastic bands. The installation was a criticism to everything that makes one think rigidly. The model of the installation was purchased by collector Gilberto Chateaubriand and was produced and exhibited for the first time in the Vale Museum.

29.06—17.08.2000
Pinturas Moles, uma outra costura do mundo / Soft Paintings, another sewing of the world (Leda Catunda)
Leda Catunda is a visual artist, sculptor, graphic artist and teacher. In her work, she explores the properties of materials in search of what she calls the "poetry of softness". The "soft paintings" are made from procedures close to collages: texture rich fabrics and of intense colors are overlapped, interlaced, cut and painted. The result is a bulky, stuffed surface.

24.08—15.10.2000
Antropologia da face gloriosa / Anthropology of the glorious face (Arthur Omar)
A photographer, multimedia artist and sociologist, Arthur Omar works with different languages, such as cinema, video, photography, installations, music, poetry and drawing.

In the series of photographs *Anthropology of the Glorious Face* (1973-1998), made in black and white, he interpreted the Brazilian carnival frenzy in 161 portraits reworked in processes such as development and enlargement. For the Vale Museum 20 photos were selected for the exhibition.

26.10.2000—31.01.2001
A forma e os sentidos — Um olhar sobre minas / The form and the senses — a view over minas (collective exhibition)
The exhibition that inaugurated the Vale Museum shed, according to curator Kátia Canton: *[it] was born in the work of two masters from Minas Gerais, whose paths and legacies have intertwined, mixing the body and soul of contemporary Brazilian art with ingredients that convey rigor and formal economy and penetrate the lands of sensorial exploration, as well as the very physicality of the artistic object. At both ends of this symbolic map are Amilcar de Castro and Lygia Clark. And, in the course that interconnects them, the work of other names of contemporary Brazilian art materializes, who share such concerns and thoughts, adding their intense particularities to them. These include: Marcus Coelho Benjamin, José Bento, Renato Madureira, Cristiano Rennó, Solange Pessoa, Cao Guimarães and Valeska Soares.*

25.04—23.08.2001

Murmuratio (José Rufino)

The works of visual artist José Rufino are formed based on the articulation and resignification of objects such as furniture, documents, letters and photographs. In "Murmuratio", the artist used objects from Vale's railroad memorabilia, as provided by the Company, which became supports for the works.

23.05—23.07.2001

Bilbao, a transformação de uma cidade / Bilbao, the transformation of a city

The international exhibition aimed at bringing the capital of Espírito Santo closer to the province of Bilbao, the capital of Biscay, Spain, in parallel to the event Qualicidades (Qualicities), aimed at the management of cities with quality and organized by the City of Vitória. The exhibition focused on 13 ambitious architectural and infrastructure projects in Bilbao, such as the Guggenheim Museum.

30.08—07.10.2001

O país inventado / The invented country (Antonio Dias)

Regarded as one of the most important exhibitions of multimedia artist Antonio Dias in Brazil, "O País Inventado" was an installation featuring 36 works that represent the artist's career since 1965. An artist with roots in the state of Paraíba, Antonio Dias died in the city of Rio de Janeiro in 2018, at the age of 74.

31.10.2001—31.01.2002

Outra coisa / Something else (collective exhibition)

Unlike the collective exhibtions of the 1970s, motivated by political issues against the military dictatorship, in the beginning of the years 2000 the Agora Group resumed the artistic collective creation, now based on the subject of criticism against the lack of public cultural policies. During the time of the exhibition, independent groups Agora and Capacete merged together as the Agora/Capacete group in the city of Rio de Janeiro. The project aimed at giving performances and presenting other artistic languages.

The collective exhibition "Outra Coisa" gathered works by artists Raul Mourão, Eduardo Coimbra, Brígida Baltar, Ricardo Basbaum and João Modé.

10.04—31.07.2002

Desiderata (collective exhibition)

The collective exhibition gathered works by artists Andréa Abreu, Edison Arcanjo, Elisa Queiroz, Fabrício Coradello, Hélio Coelho, Hilal Sami Hilal, José Cirillo, Juliana Morgado, Júlio Tigre, Lara Felipe, Orlando da Rosa Farya, Rosana Paste, Rosindo Torres, Thiago Lessa and Yvana Belchior, all native to the state of Espírito Santo.

03.10.2002—31.01.2003

Logradouro / Street (Marcos Chaves)
O engenheiro de fábulas / The fable engineer (Ivens Machado)

For the first time in the history of Vale Museum were two exhibitions opened to the public simultaneously. The purpose here was to establish a 'dialog' between the works of two artists: the sculptor, engraver and painter Ivens Machado (1942-2015), whose work is focused on the reflection about the historic and social memory through the forms and material used, and the visual artist and architect Marcos Chaves (1961), who presents works that transit freely through various media, like photographs, drawings, videos, words, sounds and objects.

10.04—10.08.2003

O sal da terra / The salt of the earth (collective exhibition)

The exhibition showed 23 works created in the past 50 years by the most representative Brazilian modern and contemporary artists, as well as four site specific pieces made by young artists, who used iron ore to create them. It included works by Amilcar de Castro, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Daniel Senise, Franz Weissmann, Frida Baranek, Hilal Sami Hilal, Iole de Freitas, José Bechara, José Resende, José Spaniol, Lygia Clark, Lygia Pape, Marcos Coelho Benjamin, Martha Niklaus, Nelson Felix, Nuno Ramos, Raul Mourão, Roberto Bethônico, Tunga and Waltercio Caldas.

16.10.2003—18.01.2004

Carlos Vergara (Carlos Vergara / 1941)

The first big retrospective of the works by engraver, photograph and painter Carlos Vergara. The exhibition also set a shift in Educational Project of the Vale Museum, where the artist himself gave a workshop where the attending children worked with earth elements and made wax sticks with pigments obtained from the mine at Itabira (MG), the very material used in the production of his own works.

19.04—14.06.2004

Iole de Freitas (Iole de Freitas, 1945)

At the Vale Museum, sculptor, engraver and multimedia artist Iole de Freitas built a monumental and innovative installation that drew the attention of the Brazilian media, and was regarded as the artist's boldest work so far.

15.07—12.09.2004

Invenção de mundos — Coleção Marcantonio Vilaça / Invention of worlds — Marcantonio Vilaça Collection

The exhibition presented works from the Marcantonio Vilaça collection by artists Adriana Varejão, Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Charles Long, Cildo Meireles, Cindy Sherman, Courtney Smith, Daniel Senise, Doris Salcedo, Edgard de Souza, Emmanuel Nassar, Ernesto Neto, Fábio Miguez, Hadrian Pigott, Hiroshi Sugimoto, Hiroshi Sugito, Jorge Molder, José Antonio Hernández-Diez, José Leonilson, Julião Sarmento, Lari Pittman, Leda Catunda, Lia Menna Barreto, Luiz Zerbini, Mathew Antezzo, Mauro Piva, Miguel Rio Branco, Mona Hatoum, Nuno Ramos, Paul McCarthy, Paulo Monteiro, Paulo Pasta, Pedro Cabrita Reis, Rosângela Rennó, Takashi Murakami and Valeska Soares.

14.10.2004—13.02.2005

Casa — poética do espaço na arte brasileira / House — the poetry of space in brazilian art (collective exhibition)

Curator: Paulo Reis

The purpose here was to depict how the household space has been addressed by the Brazilian art since the 1960s. The exhibition gathered more than 40 works by 31 artists: Ana Maria Tavares, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Arthur Lescher, Carlito Carvalhosa, Carlos Fajardo, Cildo Meireles, Courtney Smith, Daniel Senise, Edgard de Souza, Eduardo Coimbra, Efrain Almeida, Ernesto Neto, José Bechara, José Damasceno, José Resende, Lygia Clark, Marco Giannotti, Nelson Félix, Nelson Leirner, Nuno Ramos, Orlando da Rosa Farya, Paula Gabriela, Raquel Garbelotti, Raul Mourão, Regina Silveira, Ricardo Basbaum, Rochelle Costi, Rubens Mano, Sandra Cinto and Waltercio Caldas.

14.04—12.06.2005

Passagens e itinerários da arte / The passages and routes of art

The exhibition presented the works of two landscape painters Homero Massena (1885-1974) and Levino Fanzeres (1884-1956), whose theme and representation techniques created a counterpoint to the photo installation of another artist from Espírito Santo, Orlando da Rosa Farya.

07.07—11.09.2005

Território do Olhar / Visual territory (Luiz Braga)

The exhibit brought to the Vale Museum the artist's view on the riverside population of Belém (PA), his home town. Understanding photography as an optical field of lenses, filters and mirrors in the Amazonic water world, the eye of artist Luiz Braga is the sensitive point of articulation between technology, nature, time and the material culture, going through a Brazilian routine that is so familiar to him, formulating imagination gestures and aesthetic snapshots of reality, revealing bodies-sculptures, color-thing, skin-light, silhouettes, among other details of photographic records of the exhibition.

27.10.2005—19.02.2006

Intervenções Extensivas X / Extensive Interventions X (Eduardo Frota)

In "Intervenções Extensivas", Eduardo Frota infused the objects with the status of trouble makers. The installation "Intervenções Extensivas X" built connections between the space of the Vale Museum and the history of art, creating relations with the Brazilian art from the 1950s and 1960s, with artists such as Lygia Clark, Iberê Camargo, Ione Saldanha and Cildo Meireles. Featuring large-size spools, cones or sinuous tubes formed with plywood boards cut and glued together, the exhibition allowed for a dialog on opposite banks between the space of the Museum and the port facilities.

The work roamed through MAM (Museum of Modern Art) of Rio de Janeiro (RJ) and the Palácio das Artes (Palace of the Arts), in Belo Horizonte (MG).

13.04—28.05.2006

Ocupações / Occupations (Mariannita Luzzati / 1963)

A painter, engraver and drawer, Mariannita Luzzati embarked on an EFVM train to interview travelers, photograph and graphically register landscapes from Espírito Santo and Minas Gerais. She used this information in the production of paintings, engravings and a video, which are part of the exhibition.

29.06—17.09.2006

Babel (Cildo Meireles)

Multimedia artist Cildo Meireles is known as one of the most important Brazilian contemporary artists. The exhibition at the Vale Museum was a panoramic the core concept of which was the subject of sound in his body of work. Produced in Brazil for the first time at the Vale Museum, "Babel" was also displayed at the Pinacotheca of the State of São Paulo in 2006 and in a retrospective exhibition at the Tate Modern, London, in 2008, where the Museum was referred to in the exhibit book.

26.10.2006—11.02.2007

Camiri (Nelson Felix)

Many works by sculptor, drawer and professor Nelson Felix are positioned using the Global Positioning System (GPS), so as to organize them in a real space given by the latitude and longitude system. At Vale Museum, the exhibition was made up by cubes and rings positioned from the alignment of the sun and the Earth at an angle of 23 degrees – the same latitude as that of Vila Velha and the Bolivian city of Camiri, thence the exhibition title.

19.04—20.06.2007

Arte para crianças — uma exposição de arte contemporânea para o público infantil / Art for children — a contemporary art exhibition for children (collective exhibition)

Especially prepared for children, the exhibition gathered 16 of the most important contemporary artists from Brazil and the United States: Amilcar de Castro, Eduardo Sued, Eder Santos, Ernesto Neto, Lawrence

Weiner, Mariana Manhães, Rubem Grilo, Tunga, Yoko Ono and Manoel de Barros.

"Arte Para Crianças" was displayed at the MAM of Rio de Janeiro (RJ), the Casa das Onze Janelas in Belém (PA), the Convento das Mercês in São Luís (MA), the CCBB in Brasília (DF) and SESC Pompeia in São Paulo (SP).

26.07—27.09.2007

Ficções / Fictions (Regina Silveira)

A multimedia artist, engraver, painter and professor Regina Silveira produced works and interventions specially to interact with the Vale Museum's area, potentializing the dialog between her work and architecture, a site-specific item and works especially created to occupy public spaces. More than an art exhibition, "Ficções" was a major show, whose aesthetical characteristics were re-dimensioned at the light of new senses.

25.10.2007—17.02.2008

Seu Sami / Sami Senior (Hilal Sami Hilal)

The exhibition "Seu Sami" was designed as a tribute to his father, who had died when the artist was just 12. The works were specially created for the Vale Museum, forming a sequence of light and shadows that occupied all the extension (60 meters) of the exhibition room. In both ends, the *Love Room* and the *Pain Room*, set apart by darkness, by the void. As a complement to the exhibition, the installation *Shahrazad* was displayed; here, the covers and middle of b books were endlessly mended one to the other.

"Seu Sami" was displayed at the MAM in Rio de Janeiro (RJ); the Palácio das Artes, in Belo Horizonte (MG) and at Sesc Pompeia, in São Paulo (SP).

09.08—28.09.2008

Vestidas de branco / Dressed in white (Nelson Leirner)

Nelson Leirner is a painter, drawer, set designer and professor. He is regarded as a controversial artist that uses aesthetic or behavior strategies experimentally to make social criticism.

The exhibition "Vestidas de Branco" is a witty irony about marriage, inspired by the fact that the Vale Museum is a very desired destination by marrying couples as a backdrop for traditional marriage photo albums.

01.11.2008—15.02.2009

1 + 7 — Arte Contemporânea no Espírito Santo / 1 + 7 — Contemporary Art in Espírito Santo (collective exhibition)

To celebrate the 10th anniversary of the Vale Museum, the exhibition paid a special tribute to the artist Dionísio Del Santo (1925-1999) and, based on the works of six contemporary artists from Espírito Santo – Alvaro Abreu, Filipe Borba, Gustavo Vilar, Paulo Vivacqua, Tom Boechat and Regina Chulam, in addition to the Cine Falcatrua Group – it formed the group that gave shape to the contemporary art exhibition.

26.06—06.09.2009

Lugar sem nome / A place without a name (Rosilene Luduvico)

When she was asked where she was born, the artist – born in Espírito Santo and radicated in Germany – Rosilene Ludovido used to answer at "a place without a name", since her home town, was a small village in the mountains of Espírito Santo. This was, therefore, the name she chose for her individual exhibition at the Vale Museum's shed for contemporary art.

Rosilene Ludovico gathers romantic and contemporary characteristics into an international language. Distant from illustrations, realism and fads, her focus is on the introspective human being and their habitat.

The exhibition presented original works, including large-size and smaller paintings, drawings and portraits that somehow represented Ludovicos "place without a name".

24.10.2009—21.02.2010

Salas e abismos / Rooms and abysses (Waltercio Caldas)

"Salas e Abismos" gathered for the first time nine installations by Waltercio – or environments, as he described them – in a single space, creating a new look on her work through a unique universe. An original room was available, "Silêncio do Mundo" (Silence of the World), especially devised for the Vale Museum, that was displayed in the first room of the exhibition shed.

The exhibition was complemented by a reference book that depicts 22 environments created by the artist, a review by Paulo Venâncio Filho and texts by Sonya Salzstein and Paulo Sergio Duarte.

19.06—05.09.2010

Amazônia, a arte / Amazon, the art (collective exhibition)

Curator: Orlando Maneschy

The plurality of the Amazon was the theme of the exhibition, which gathered paintings, paragraphs, objects, videos and installations by 32 artists from the states of Amazonas, Acre, Amapá, Roraima, Pará, Rondônia and Maranhão that were especially invited to take part in the exhibition.

In "Amazônia, a Arte", a fragment of the current production was presented that pointed to the need for knowing the region and the country better. Regarded as fundamental for the reflection of the Amazon art scene, the project allowed for a rich and inspiring dialogue about the region.

22.10.2010—20.02.2011

Atrás do porto tem uma cidade / There is a city behind the port (Eder Santos)

In "Atrás do porto tem uma cidade", Eder Santos represented the route of iron ore from the mine down to the port, questioning the perspective on the mining activity and its importance to mankind. With an exhibition full of surprises, like a train with a fake wagon that went on a "journey" through the mountains and hills of Minas, the artist proposed a very personal interpretation of what is real or virtual.

20.04—03.07.2011

Anticorpos Fernando e Humberto Campana 1989-2009 / Antibodies Fernando & Humberto Campana 1989-2009 (Fernando & Humberto Campana)

Organized by the Vitra Design Museum, Weil am Rhein, Germany, in 2010, the exhibition was present in other cultural centers in Europe and was assembled in Brazil for the first time in the Vale Museum.

The exhibition focused on the body of work of the brothers Fernando and Humberto Campana, including visual arts, furniture, jewelry and large-size installations. It sought to display their strategies, sources of inspiration and the various approaches to design used, which ignore conventions and play with the idea of functionality, by forming poetic objects from opposing realities.

27.10.2011—12.02.2012

Fermata (OSGEMEOS)

Gustavo and Otávio Pandolfo are one of the most important duos and world-level Brazilian contemporary art, especially in the urban art area context. The exhibition "Fermata" took original paintings by the artists to the Vale Museum, as well as interactive works and a giant sculpture.

As a consequence of the exhibition, the WholeTrain Project began: a partnership between the Vale Foundation with OSGEMEOS and artist Ise sponsored by Vale, where the external wall of four passenger wagons became a support for artistic expressions. WholeTrain would unfold into a number of events in the next years in many regions throughout Brazil. Based on it, an educational project was made, coordinated by visual artist and museologist Paulo Portela Filho. Between March and December, 2012, Portela and Ise coordinated the implementation and development of the project in four cities crossed by the train route: Ipatinga and Tumiritinga, in Minas Gerais, and Aimorés and Colatina, in Espírito Santo. According to Paulo Portela, I was invited to create the Educational Program for the WholeTrain Project, at the step that ran in parallel with the artists' exhibition in Vila Velha; it was carried with public schools and teachers from the states of Minas Gerais and Espírito Santo and, later, with public schools and teachers from the states of Pará and Maranhão. This partnership resulted in two books with extensive records of all the steps of the project.

01.07—12.08.2012

Água viva / Living Water (Shirley Paes Leme)

The main proposal of the "Água viva" exhibition was to create a liquid environment that would interrelate literature, city, belonging and memory. The shed floor covered with mirrors turned the visitor into part of the work. Also, various references and materials related to the city of Vitória were used, such as the traditional *pan producers* of the neighborhood of Goiabeiras and drawings made with the ink taken from the bark of local mangrove trees, which formed intertwined lines depicting entangled words and sentences from the book "Água viva", by Clarice Lispector, after which the exhibition was named.

25.10.2012—17.02.2013

Paulo Mendes da Rocha: a Natureza como Projeto / Paulo Mendes da Rocha: Nature as a Project

The exhibition was the most complete retrospective of the works of the architect, who was born in Vitória and is one of the two Brazilians to be awarded a Pritzker Prize. Until then, only him and Oscar Niemeyer deserved that honor. He displayed 20 of the most remarkable works of his career in two large-size scale models and two movies specially shot for the exhibition by documentarist Gustavo Moura.

12.07—15.09.2013

Reinventando o mundo / Reinventing the world (collective exhibition)

The works selected for the exhibition made reference to the technologic issue since the 1960s, the time of mechanical technology, up to the most up-to-date ones, the digital and interactive technologies. The exhibition gathered artists who were pioneers of the kinetic art in Brazil, such as Abraham Palatnik, Mauricio Salgueiro and Regina Silveira, and extended its reach to younger artists, all of whom connected to the visual, playful and sensory possibilities of technology.

27.10.2013—16.02.2014

Regina Chulam — Desenhos e Pinturas / Regina Chulam — Drawings and Paintings (Regina Chulam)

To celebrate the 15th anniversary of the Vale Museum, the exhibition by Regina Chulam, born in Espírito Santo, presented 50 original works, including aquarelles, paintings and drawings, with a poetic language that was consistent and representative of the place where she was born, lives and works: the mountains of Espírito Santo.

29.08—02.11.2014

Das viagens, dos desejos, dos caminhos / Travels, desires, journeys (collective exhibition)

The exhibition presented a collection of works by artists from the North and Northeast regions. Featuring objects, installations, photos, paintings and videos,

the exhibition aimed at inquiring the territoriality issue and its emotional, identity and belonging issues.

05.12.2014 — 08.03.2015

Atlântica moderna: purus e negros / Modern atlantic: purus and african-american (Ana Maria Tavares)

The exhibition was an installation project especially created in 2014 during the months the artist spent in Houston, Texas/USA, invited by the Humanities Research Center of Rice University, to do a research and teach the assignment "Brazil Built – the clinic, the tropical and the aesthetic", in collaboration with historian and architecture critic Fabiola López-Durán.

According to the exhibition idea, Ana Maria was inspired by the Atlantic Forest to recreate in a unique way the same nature that had influenced those icons. Devised as a large-size installation with sculptures, videos and sound, the exhibit brought to light issues such as the relation between nature, architecture and modernity.

21.05 — 30.08.2015

Códice — do Risco ao Risco / Codex — from Sketch to Risk (collective exhibition)

The exhibition gathered about 200 works and surveys by artists Amilcar de Castro, Thaïs Helt and Marco Túlio Resende, from Minas Gerais, demonstrating their creative and development process. It was imagined based on the artists' graphic universe, and presented original works especially created for the Vale Museum by Thais Helt (engravings, object books, drawings) and by Marco Túlio Resende (drawings and painting object), as well as works by master Amilcar de Castro, lithographs, sculptures and his poems, displayed for the very first time.

16.10.2015 — 14.02.2016

Vik Muniz (Vik Muniz)

The exhibition shoed an overview of the work of Vik Muniz in over 120 pieces in which he used raw materials such as chocolate, sugar, jelly, recyclable materials, to name a few. With this, the exhibition invited the visitors not only to contemplate, but also reflect on the artist's work.

09.08 — 02.10.2016

Territórios de Direitos / Territories of Rights (collective exhibition)

Organized by the Vale Foundation in partnership with the Museum and the Image Workshop, the exhibition displayed 61 photographs by teenagers and young people who participated in the photography workshops on Human Rights, as part of the project Proteger É Preciso (Protection is Needed), an initiative of the Vale Foundation.

The goal of the project and the exhibition was to promote actions and discussion to prevent and fight violations of children's and teenagers' rights. Each series showed the sensitiveness of thee young artists in expressing the reality of the territory where they live and the awareness of their own body as a territory of rights, against violence and sexual exploration.

22.11.2016 — 12.03.2017

Acaso Controlado / Controlled chance (Daniel Feingold / 1954)

After being displayed in Rio de Janeiro and Curitiba, the exhibition brought to the Vale Museum its more complete version. Twenty-one large-scale works were presented, divided into five series. The works of the *Yahweh* series were monochrome paintings with lines randomly drawn by the black and white paint. The series *Estruturas, Espaço Empenado (Structures, Warped Space)* and the brand new *Banda Larga (Broadband)*, especially incorporated to the exhibit at the Vale Museum, had paintings. The photographic series *Homenagem ao Retângulo (Tribute to the Rectangle)*, of 2007, in turn, included 40 photographs taken by the artist in 2007 at the Jardin des Plants, in Paris.

29.06 — 24.09.2017

Jardins Móveis / Wandering Gardens (Rosana Ricalde and Felipe Barbosa)

After visiting Mexico City and Lausanne, in Switzerland, "Jardins Móveis" brought to the Vale Museum big, colorful sculptures build with four thousand inflatable animals and other objects that were given new meanings. The proposal referred to fantasy and simultaneously to the reflection on the relation between nature and consumption.

The exhibition occupied the external area of the museum, open on weekends for an extended time to offer visitors a different experience when they got contact with the works at night, since the sculptures had special lighting to highlight the intensity of the colors.

"Jardins Móveis" was the first contemporary art exhibition to be part of the Cultural Itinerance Program, an initiative of the Vale Foundation that involves the exchange of artistic and cultural contents between Vale's cultural spaces, favoring the dissemination and valorization of culture in three of the five regions in Brazil. The work was also shown at the Memorial Minas Gerais Vale, at Praça da Liberdade, in Belo Horizonte (MG).

24.05 — 09.09.2018

Penumbra (Angelo Venosa)

Sculptor Angelo Venosa was one of the pinnacles of the so-called Generation 80s and now some of his sculptures are installed at the São Paulo Museu of Modern Art (Ibirapuera Garden); the São Paulo Pinacoteca (Jardim da Luz); at the Leme Beach, in Rio de Janeiro; in Santana do Livramento, Rio Grande do Sul and at the José Ermírio de Moraes Park, in Curitiba. In his works, the artist uses materials like wood, aluminum, glass fiber, plastic and 3D-printed pieces.

"Penumbra" unleashed the celebrations of the 20th anniversary of the Vale Museum, presenting sculptures that were incorporated to their own shadows, with provided the space with a riveting poetic universe.

An extract of the exhibition was displayed at the Memorial Minas Gerais Vale as part of the Cultural Roaming Project.

30.10.2018 — 24.02.2019

20/20 (collective exhibition)

Curators: Ronaldo Barbosa and Neusa Mendes

In the year when the Vale Museum celebrates its 20th anniversary, it also celebrates the art produced in the state of Espírito Santo with the collective exhibit "20/20". This name makes reference to the institution's 20 years, as well as the number of local artists invited to participate in the collective exhibit, a team that includes young artists in an ascending career and already renowned artists: Andreia Falqueto, Rafael Pagatini, Sandro Novaes, Rick Rodrigues, Luciano Feijão, Fredone Fone, Vilar, Juliana Pessoa, Hélio Coelho, Polliana Dalla, Jocimar Nalesso, Thiago Arruda, Leo Benjamim, Miro Soares, Bruno Zorzal, Re Henri, Luiz Filipe Porto, Fernando Augusto, Gabriel Borem and Elton Pinheiro.

During the preparation of this book, as the assembling of the exhibition was in progress, the images of the works could not be shown.

Educational Program

F29. *Workshop of the exhibition "Jardins Móveis / Wandering Gardens" (Felipe Barbosa and Rosana Ricalde).*

F30. *Result of the workshop of the exhibition "Jardins Móveis / Wandering Gardens".*

F31. *Workshop of the exhibition "Ficções / Fictions" (Regina Silveira).*

F32. *Result of the workshop of the exhibition "Ficções / Fictions".*

F33. *Workshop of the exhibition "Acaso controlado / Controlled chance (Daniel Feingold)".*

F34. *Result of the workshop of the exhibition "Acaso controlado / Controlled chance".*

F35. *Visitation and workshop of the exhibition "Vik Muniz" (Vik Muniz).*

F36. *Apprentice Program, exposition's assembling.*

Initiated in 2005, the Apprentice Program is intended to High School students between 16 and 18 years of age originating from communities in the surroundings of the Vale Museum. The selected students participate in a course that generally addresses activities related to assembling art exhibitions, where they are offered theoretical and practical knowledge. The main purpose is to qualify these young professionals by awakening their interest in this particular market and in activities related to museums, art galleries and art centers.

F37. *Apprentice Program.*

Ordem cronológica das exposições temporárias

01 Múltiplos
Artista: Joseph Beuys | *Curadoria:* Paola Colacurccio | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | *Coordenação-Geral:* Maria Clara Rodrigues

02 Fantasma
Artista: Antonio Manuel

03 Coleção Marcio Espindula
Artista: Jorge Guinle | *Curadoria:* Ligia Canongia | *Fotografia:* Sagrilo | *Projeto Gráfico:* Heliana Soneghet Pacheco | *Fotografia do Artista:* Marco Rodrigues | *Impressão:* Gráfica Santonio

04 Cinemagma
Artista: José Damasceno | *Curadoria:* Ligia Canongia | *Fotografia:* Wilton Montenegro | *Projeto Gráfico:* José Damasceno, Sônia Barreto | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Impressão:* Gráfica Santonio

05 Pinturas Moles, uma Outra Costura do Mundo
Artista: Leda Catunda | *Curadoria:* Kátia Canton | *Fotografia:* Romulo Fialdini | *Projeto Gráfico:* Edison Arcanjo | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Impressão:* Gráfica Santonio

06 Antropologia da Face Gloriosa
Artista: Arthur Omar | *Curadoria:* Ligia Canongia | *Fotografia e Textos:* Arthur Omar | *Ampliações Fotográficas:* Studio Silvio Pinhatti | *Projeto Gráfico:* Sônia Barreto | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Impressão:* Gráfica Santonio

07 A Forma e os Sentidos — um Olhar sobre Minas
Artistas: Amilcar de Castro, Cao Guimarães, Cristiano Rennó, José Bento, Lygia Clark, Marcus Coelho Benjamim, Renato Madureira, Solange Pessoa, Valeska Soares | *Curadoria:* Kátia Canton, Ronaldo Barbosa | *Texto:* Kátia Canton | *Design da Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Design Gráfico:* Paulo Schmidt | *Produção:* Neusa Mendes | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Iluminação:* Ronaldo Barbosa – Studio Design | *Fotolitos e Impressão:* Rona Editora

08 Murmuratio
Artista: José Rufino | *Curadoria:* Luiz Camillo Osório | *Projeto Gráfico:* Contacta | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Impressão:* Gráfica Santonio

09 Bilbao, a Transformação de uma Cidade
Curadoria: Ronaldo Barbosa | *Design e Programação Visual:* Studio Ronaldo Barbosa | *Equipe:* Edison Arcanjo, Andrius Machado, Patrícia Linhares | *Projeto de Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Montagem de Luz:* Mario Jorge Kugler, Daniel Galvan, Marcos Paulo, Wellington Ribeiro | *Montagem:* Tuca Sarmento, Siqueira Júnior | *Marcenaria:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Ampliações Fotográficas:* Fotosfera Soluções Digitais | *Pintura:* Adalto Correa Santos | *Impressão:* Gráfica Santonio | *Comunicação Visual:* Sign Express | *Revisão de Texto:* Marly Erthal | **Diputación Foral de Bizkaia** | *Diputado General:* Josu Bergara Etxebarria | *Organização:* Bilbao Metropoli-30 | *Expositores:* A Alhóndiga, Abandoibarra, Aeroporto de Bilbao, Bonde de Bilbao, Bilbao Exhibition Centre, Metrô de Bilbao, Museu de Belas-Artes, Museu Guggenheim Bilbao, Palácio dos Congressos e da Música Euskalduna, Passarela para pedestres Zubi-Zuri, Plano Especial de La Aboleda, Plano Integral de Saneamento do Rio Nervión, Porto de Bilbao | **Prefeitura de Vitória** | *Prefeito:* Luiz Paulo Velloso Lucas | *Secretário-Chefe da Coordenadoria de Administração Estratégica:* Antônio Fernando Dória Porto | *Direção e Concepção do Qualicidades 2001:* Cezar Rogelio Vasquez | *Coordenador-Geral:* Dayse Maria Oslegher Lemos | *Produção Executiva:* Marisa Manfredini | *Equipe de Produção:* Célia Regina Smarzaro Siqueira Campos, Fábio Alexandre Rodrigues Vale, Floriza dos Santos, Rita de Cássia Tosi Mattos | *Assessoria de Imprensa:* A Dois Comunicação

10 O País Inventado
Artista: Antonio Dias | *Projeto e Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Tatiana Cerveira | *Texto:* Ligia Canongia | *Design de Montagem:* Maria Clara Rodrigues, Leila Scaf Rodrigues | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Montagem das Instalações:* Claudia Gama | *Projeto de Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Luminotécnicos:* Beto de Christo, Daniel Galvan

11 Outra Coisa
Artistas: Brígida Baltar, Eduardo Coimbra, João Modé, Raul Mourão, Ricardo Basbaum | *Realização e Curadoria:* Grupo Agora | *Coordenação de Produção:* Luiza Mello | *Texto:* Paulo Sergio Duarte | *Design Visual:* Andre Stolarski – Stolarski Pontes | *Estagiária de Produção:* Kelly Santos | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Projeto de Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Luminotécnicos:* Mario Jorge Kugler, Beto de Christo

12 Desiderata
Artistas: Andréa Abreu, Edison Arcanjo, Elisa Queiroz, Fabrício Coradello, Hélio Coelho, Hilal Sami Hilal, José Cirillo, Juliana Morgado, Júlio Tigre, Lara Felipe, Orlando da Rosa Farya, Rosana Paste, Rosindo Torres, Thiago Lessa, Yvana Belchior | *Curadoria:* Evangelina Seiler | *Produção:* Museu Vale do Rio Doce | *Texto:* Neusa Mendes | *Design Gráfico:* Heliana Soneghet Pacheco | *Fotografia:* Sagrilo | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Projeto de Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Luminotécnicos:* Mario Jorge Kuler, Beto de Christo | *Revisão de Texto:* Marly Erthal | *Impressão:* Gráfica Santonio | *Tradutor:* Paulo Henriques Britto

13 Logradouro
Artista: Marcos Chaves | *Curadoria:* Ligia Canongia | *Produção:* Museu Vale do Rio Doce | *Design Gráfico:* Heliana Soneghet Pacheco | *Fotografia:* Vicente de Mello | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Assistentes de Iluminação:* Beto de Christo, Jorge Kugler | Revisão de *Texto:* Marly Erthal | *Impressão:* Gráfica Santonio

14 O Engenheiro de Fábulas
Artista: Ivens Machado | *Curadoria:* Ligia Canongia | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | *Coordenação-Geral:* Maria Clara Rodrigues | *Projeto de Montagem:* Leila Scaf Rodrigues, Ivens Machado | *Coordenação de Montagem:* Leila Scaf Rodrigues | *Textos:* Débora Monnerat, Ligia Canongia | *Design Gráfico:* Andrius Machado | *Fotografia:* Nego Miranda, Vicente de Mello | *Assistente de Produção:* Débora Monnerat | *Revisão de Texto:* Sonia Cardoso | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Iluminação:* Jorginho de Carvalho | *Assistentes de Iluminação:* Beto de Christo, Jorge Kugler | *Luminotécnicos:* Daniel Galvan, Marcelo Bernardo, PD Gusmão, Black Peroba | *Vídeo:* Série RioArte Vídeo | Arte Contemporânea

15 O Sal da Terra
Artistas: Amilcar de Castro, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Daniel Senise, Franz Weissmann, Frida Baranek, Hilal Sami Hilal, Iole de Freitas, José Bechara, José Resende, José Spaniol, Lygia Clark, Lygia Pape, Marcos Coelho Benjamin, Martha Niklaus, Nelson Felix, Nuno Ramos, Raul Mourão, Roberto Bethônico, Tunga, Waltercio Caldas | *Curadoria e Design de Montagem:* Paulo Reis | *Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Assistente de Produção:* Cláudio Pereira, Denise Soares

| *Museologia:* Ana Cristina Evres, Attílio Colnago, Maria Angelo Menezes, Soraya Fernandes Lages, Tereza Kahl Fonseca | *Design de Luz:* Milton Giglio | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto Rosas, Márcio de Souza | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Assistentes de montagem:* Danilo Porfílio de Almeida, Sidney Porfílio de Almeida Jr. | *Design:* Carla Marins | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Paulo Reis | *Design Gráfico:* Carla Marins | *Fotografias:* Daniel Coury, Eduardo Giannini Ortega, Humberto Capai, Paula Pape, Paola Vandrasch, Romulo Fialdini, Sérgio Zalis, Thais Fundão, Thiago Bastos, Vicente de Mello, Wilton Montenegro | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Fotolitos:* Rainer Rio Artes Gráficas | *Impressão:* Sol Gráfica

16 Carlos Vergara

Projeto e Produção: Imago Escritório De Arte | *Coordenação-Geral:* Maria Clara Rodrigues | *Design de Montagem:* Carlos Vergara | *Projeto Gráfico:* Danowski Design | *Textos:* Paulo Sergio Duarte | *Fotografias:* Beto Felício, Paulo Scheuenstuhl | *Assistente do Artista:* João Vergara | *Assistente de Produção:* Débora Monnerat | *Assessoria Administrativa:* Adriana Meira | *Revisão de Texto:* Sonia Cardoso | *Museologia:* Attílio Colnago | *Iluminação:* Milton Giglio | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto dos Santos, Adilson de Assis | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Transporte:* Alves Tegam Embalagens e Transporte

17 Iole de Freitas

Projeto e Direção de Produção: Suzy Muniz | *Projeto da Exposição:* Iole de Freitas | *Textos:* Sônia Salzstein | Programação *Visual:* Zot Design – Rara Dias | *Consultoria e Projeto de Iluminação:* Milton Giglio | *Assessoria de Imprensa:* Raquel Silva | *Fotografias:* Vicente de Mello | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Assistente do Artista:* Anisvaldo Rodrigues | *Equipe de Produção:* Suely Weller (coord. Administrativo Financeiro), Nazaré Lopes (assistente de produção), Leonardo Barra (auxiliar administrativo) | *Execução da Escultura Externa:* Keepe Marine, Emilson Gomes, Edvan Santos, João Santos, Rogério Melo, Anisvaldo Rodrigues | *Assistente de Produção Local:* Tuca Sarmento | *Assistente de Montagem:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Gilberto | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto dos Santos, Adilson de Assis

18 Invenção de Mundos — Coleção Marcantonio Vilaça

Artistas: Adriana Varejão, Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Charles Long, Cildo Meireles, Cindy Sherman, Courtney Smith, Daniel Senise, Doris Salcedo, Edgard de Souza, Emmanuel Nassar, Ernesto Neto, Fábio Miguez, Hadrian Pigott, Hiroshi Sugimoto, Hiroshi Sugito, Jorge Molder, José Antonio Hernández-Diez, José Leonilson, Julião Sarmento, Lari Pittman, Leda Catunda, Lia Menna Barreto, Luiz Zerbini, Mathew Antezzo, Mauro Piva, Miguel Rio Branco, Mona Hatoum, Nuno Ramos, Paul McCarthy, Paulo Monteiro, Paulo Pasta, Pedro Cabrita Reis, Rosângela Rennó, Takashi Murakami, Valeska Soares | *Curadoria e Texto:* Moacir dos Anjos | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Projeto Gráfico:* Danowski Design | *Iluminação:* Milton Giglio | *Assessoria de Imprensa:* CWEA Comunicação – Cláudia Noronha | *Fotografias:* Eduardo Ortega, Flávio Lamenha, Valentino Fialdini | *Nota Biográfica:* Ileana Pradilla Cerón | *Revisão de Texto:* Sonia Cardoso | *Assistente Administrativo:* Adriana Meira | *Montagem das Obras:* Ivan Leandro Ventura (Ernesto Neto), Rômulo Fróes Carvalho (Nuno Ramos) | *Museologia:* Albino Oliveira, Rachel Diniz Ferreira | *Montagem e Produção Local:* Tuca Sarmento | *Assistentes de Montagem:* Danilo Almeida, Gilberto, Henrique Sarmento, Irio Leão, Jean Kassio, Sidney Junior | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto Rosa dos Santos, Adilson de Assis | *Transporte das Obras:* Metropolitan Transports | *Seguro das Obras:* Real Seguros, Instituto de Resseguros do Brasil

19 Casa — Poética do Espaço na Arte Brasileira

Artistas: Ana Maria Tavares, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Arthur Lescher, Carlito Carvalhosa, Carlos Fajardo, Cildo Meireles, Courtney Smith, Daniel Senise, Edgard de Souza, Eduardo Coimbra, Efrain Almeida, Ernesto Neto, José Bechara, José Damasceno, José Resende, Lygia Clark, Marco Giannotti, Nelson Felix, Nelson Leirner, Nuno Ramos, Orlando da Rosa Farya, Paula Gabriela, Raquel Garbelotti, Raul Mourão, Regina Silveira, Ricardo Basbaum, Rochelle Costi, Rubens Mano, Sandra Cinto, Waltercio Caldas | *Curadoria:* Paulo Reis | *Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Assistente de Coordenação:* Nazaré Lopes | *Projeto e Produção Executiva:* Suzy Muniz Produções Artísticas | *Assistente de Produção em Vila Velha:* Daniel Ferreira Bastos | *Programação Visual:* Zot Design – Rara Dias, Paula Delecave, Juarez Escosteguy (assistente) | *Museologia:* Ivanei Silva | *Assessoria de Imprensa:* Gaia Comunicação | *Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Iluminação:* Milton Giglio | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto Rosa dos Santos, Adilson de Assis | *Equipe de Cenografia e Montagem Local:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Gilberto | *Seguro:* Carrara Seguros | *Transporte:* Millenium Transportes | *Contabilidade:* Marcos Xavier

20 Passagens e Itinerários da Arte

Artistas: Orlando da Rosa Farya, Homero Massena, Levino Fanzeres | *Curadores:* Almerinda da Silva Lopes (Homero Massena, Levino Fanzeres), Ronaldo Barbosa (Orlando da Rosa Farya) | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Design da Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Texto:* Almerinda da Silva Lopes | *Projeto Gráfico:* Jarbas Gomes | *Fotografias:* Sagrilo, Orlando Farya | *Restauro das Obras do Palácio Anchieta:* Núcleo de Restauração da Universidade Federal do Espírito Santo – Prof. Attílio Colnago | *Restauro das Molduras do Palácio Anchieta:* Borsoi Móveis e Restauração – Marcelo Guimarães | *Revisão de Texto:* Sonia Cardoso | *Iluminação:* Milton Giglio | *Museologia:* Rachel Diniz Ferreira | *Montagem e Produção Local:* Tuca Sarmento | *Assessoria de Imprensa:* CWEA Comunicação – Cláudia Noronha | *Assistente de Produção:* Amalia Giacomini | *Assistente Administrativo:* André Meira de Medeiros | *Assistentes de Montagem:* Danilo Almeida, Gilberto Souza, Henrique Sarmento | *Assistentes de Iluminação:* José Roberto Rosa dos Santos, Adilson de Assis

21 Território do Olhar

Artista: Luiz Braga | *Curadoria:* Paulo Herkenhoff | *Projeto e Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Design de Montagem e Projeto Gráfico:* Felipe Taborda | *Designer Associada:* Ana Fortes | *Designer Assistente:* Lygia Santiago | *Textos:* Paulo Herkenhoff | *Iluminação:* Júlio Catona | *Assessoria de Imprensa:* Raquel Silva | *Pesquisa de Acervo:* Flávia Portela, Monique Colares | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Assistentes de Produção:* Leonardo Oliveira e Neto | *Montagem:* Tuca Sarmento

22 Intervenções Extensivas X

Artista: Eduardo Frota | *Direção de Produção:* Suzy Muniz | *Texto Crítico:* Paulo Herkenhoff | *Projeto Gráfico e Programação Visual:* Manitó | *Projeto e Montagem de Iluminação:* Antonio Mendel | *Assessoria de Imprensa:* CWEA Comunicação | *Fotografias no Ateliê do Artista:* Ana Carolina Leite | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Administrativo-Financeiros:* José M. Muniz Neto, Iaci Matuck | *Assistente de Produção / Auxiliar Administrativo:* Leonardo Oliveira | *Auxiliar Administrativa:* Daia Oliveira | *Auxiliares de Montagem:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Henrique Barberá Sarmento | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Santos | *Assistentes no Ateliê do Artista:* Damião de Freitas Júnior, Fernanda Costa dos Santos, Francisco Wellington Silva, Helamã Souza de Oliveira, Joaquim Honorato de Souza Neto, Jonathan Hudson Evaristo Silva, José Wagner Rodrigues da Silva, Kedson Freitas da Silva, Márcio Cleiton Rodrigues de Freitas, Messiê Borges da Penha, Rafael Anorato Oliveira, Rafael Avelino de Oliveira, Wilker Luís Martins Barreto, Wilmar Rubens da Silva | *Equipe de Montagem do Artista em Vitória:* Damião de Freitas Júnior, Jonathan Hudson Evaristo Silva, José Wagner Rodrigues da Silva, Kedson Freitas da Silva, Nelson José da Costa Neto | **Projeto-arte educação** | *Workshop:* Marília Panitz | *Aprendizes de Montagem:* Artur Venâncio, Diego Leite, Wédson Azevedo | *Aprendizes de Pintura:* Antonio Rodrigues, Fledson Mendonça, José Carlos Ramalho, Robson Ramalho

23 Ocupações

Artista: Mariannita Luzzati | *Projeto e Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Produção Executiva:* Leonardo Oliveira, Iara Faccini | *Administrativo-Financeiro:* Iaci Matuck | *Ensaio:* Paulo Herkenhoff | *Assistente de Pesquisa:* Alfredo Herkenhoff | *Revisão e Padronização de Textos:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Izabel Murat Burbridge | *Fotografia:* Mariannita Luzzati, Marcelo Bratke, Romulo Fialdini | *Identidade Visual e Design Gráfico:* JR Design | *Projeto de Montagem:* Mariannita Luzzati | *Instalação Sonora:* Marcelo Bratke e Mariannita Luzzati | *Projeto e Montagem de Iluminação:* Antonio Mendel | *Montagem:* Tuca Sarmento | *Auxiliar de Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida, Henrique Barbera Sarmento | *Aprendizes de Montagem:* Artur Venâncio, Laene Campana, Moisés Barcellos, Willians Delton Junior | *Assessoria de Imprensa:* Raquel Silva, Anna Accioly

24 Babel

Artista: Cildo Meireles | *Curadoria:* Moacir dos Anjos | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro | *Produção:* Artviva Produção Cultural | *Produção Executiva:* Clarice Magalhães | *Assistente Administrativo:* Antônio Tomé de Araújo Goes | *Assistentes do Artista:* Max Meireles, Rubens Teixeira dos Santos | *Engenharia Elétrica (instalação Babel):* Fama Engenharia e Arquitetura – Roberto Mansur | *Consultoria em Refrigeração (instalação Babel):* João Tiziani | *Técnico em Rádio (instalação Babel):* Luiz Carlos Ferreira | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem Assessoria, Promoção e Marketing – Ana Lígia Petrone | *Apoio:* Ivan Francisco da Encarnação, Ronaldo Leopoldo Soares | *Projeto de Iluminação:* Antonio Mendel | *Museologia:* Natércia Pons | *Coleções:* MAM RJ, Caci-Instituto Cultural Inhotim, Galeria Luisa Strina | *Equipe de Montagem:* Tuca Sarmento, Rivelino Martins, Marcelo Sant'Anna | *Projeto Gráfico:* Tecnopop – André Stolarski, Sônia Barreto | *Produção Gráfica:* Sidnei Balbino | *Impressão:* Gama Gráficos | *Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Renato Rezende | **Projeto Social (Aprendizes das comunidades)** | *Pintura:* Jackson Lorran, William de Oliveira | *Montagem:* Artur Venâncio, Felipe Ferreira, Laene Campana, Moisés Barcelos, Thiago Ferreira | *Fotografia:* Wilton Montenegro [Espaços virtuais: cantos, Cruzeiro do Sul, Missão/Missões (como construir catedrais), Sal sem carne, Babel (making of), Estojo de geometria (neutralização por oposição e/ou adição), Marulho, Mutações Geográficas: Fronteira Rio-São Paulo, Malhas da liberdade] Luís Asine [Através], Vicente de Mello [Babel (ateliê do artista), Condensado 1: deserto], Hannu Karjalainen Central Art Archives, Helsinki [Babel (capa)], Hans Sonneveld [Glove Trotter]

25 Camiri

Artista: Nelson Felix | *Projeto Expográfico:* Nelson Felix | *Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Ensaio Crítico:* Ronaldo Brito | *Entrevista:* Nuno Faria | *Produção Executiva:* Suzy Muniz Produções | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Paula Delecave | *Engenheiro de Cálculo:* Ary Perez | *Fotografia:* Sérgio Araújo | *Assessoria de Imprensa:* Ana Ligia Petrone | *Projeto de Iluminação:* Milton Giglio | *Tratamento de Imagens:* André Cossich | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Rebecca Atkinson | *Transcrição da Entrevista:* Carla Cristina Soares Madeira | *Assistente do Artista:* Ivan Henriques | *Montagem Galpão:* Adailton Santos Bandeira, Adauto Correa dos Santos, Carlos Henrique O. Gonçalves, Gilson de Souza Barbalho, Gezildo Rodrigues Segal, João Ramtelli, Júlio de Freitas Vaz, Sullyvan dos Santos Araújo | *Montagem Desenhos:* Tuca Sarmento | *Montagem de Iluminação:* Márcio Giglio, José Roberto Rosas dos Santos, Adilson de Assis Vieira, Renato Vieira de Oliveira | *Seguro:* JMS Seguros | *Making of:* Adriana Richaid, Luís Felipe Sá, Orlando Farias (Lando) | **Projeto Social** | *Aprendizes de Montagem:* Artur Venâncio, Felipe Ferreira, Samuel Venâncio, Thiago Ferreira, Misael Prado, Moisés Prado | *Aprendizes de Iluminação:* Nívea Ferreira Pinheiro, Layonel Tiago Araújo

26 Arte para Crianças — Uma Exposição de Arte Contemporânea para o Público Infantil

Artistas: Amilcar de Castro, Eder Santos, Eduardo Sued, Ernesto Neto, Lawrence Weiner, Manoel de Barros, Mariana Manhães, Rubem Grilo, Tunga, Yoko Ono | *Concepção, Curadoria e Direção-Geral:* Evandro Salles | *Direção de Produção:* Daiana Castilho Dias | *Produção:* Daniela Estrella e Gustavo Magalhães | *Assistentes de Produção:* Claudia Alves, Vinicius Martins Gonzales | *Coordenadores de Produção Videográfica:* Marcia Roth (animação) e Sergio Azevedo (edição) | *Cocuradoria de Yoko Ono e Lawrence Weiner:* Jon Hendricks | *Programação Visual:* Evandro Salles | *Assistente de Programação Visual:* Marcia Roth | *Arte-Final:* Jarbas Delani | *Projeto de Montagem:* Evandro Salles e Gustavo Magalhães | *Desenho de Projeto de Montagem:* Andrei Hermuche | *Coordenação de Montagem:* Gustavo Magalhães | *Montadores:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida | *Assistentes de Montagem:* Karoline Marques Stelder, Renato Marianno Junior e Moisés Oliveira Barcellos | *Montagens Especiais:* Mauricio L. Pereira (Tunga), Ivan Ventura e Marcelo Muleta (Ernesto Neto), Aline Xavier (Eder Santos), Allen Roscoe (Amilcar de Castro), Antonio Moutinho (Mariana Manhães) | *Pintura:* Adalto Corrêa dos Santos | *Marcenaria Cenográfica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Carpintaria das Esculturas de Amilcar de Castro:* Jadir Aleixo | *Iluminação e Projeção:* Dalton Camargos | *Equipamento de Iluminação:* Atelier da Luz | *Divulgação:* CWEA Comunicação | *Fotografias do Catálogo:* Evandro Salles e Juan Pratginestós | *Tradução:* Pablo Barbosa Bergami | *Revisão de Texto:* Tania Rivera | *Programa de Arte-Educação:* Palavra Chave – Marília Panitz, Renata Azambuja | *Aprendizes de Montagem e Iluminação:* Artur Venâncio, Felipe da Silva Ferreira, Hélio Santana Júnior, Joel Soares da Silva Filho, Natiel Dias, Washington Dias | **Vídeos** | Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo | *Texto:* Manoel de Barros | *Direção e Desenhos:* Evandro Salles | *Roteiro:* Bianca Ramoneda | *Animação e Direção de Arte:* Marcia Roth | *Trilha Sonora Original:* Tim Rescala | *Voz da Trilha Sonora:* Isabela Mele Rescala | *Narração:* Bidô Galvão | *Assistente de Animação:* Tiago Miranda | *Assistentes de Vetorização:* Jarbas Delani, Sergio Azevedo | *Coordenação de Produção:* Daiana Castilho Dias | *Produção:* Daniela Estrella e Gustavo Magalhães | *Gravação da Narração:* Studio Prof | Xifópagas Capilares Entre Nós (a partir da obra Lezarts e do texto "Xifópagas Capilares Entre Nós", de Tunga) | *Direção e Roteiro:* Evandro Salles | *Atrizes:* Diana Hammar, Julia Hammar | *Montagem e Finalização:* Sérgio Azevedo | *Direção de Fotografia:* Jane Malaquias | *Fotografia de Still:* Juan Pratginestós | *Assistente de Direção:* Marcia Roth | *Narração:* Bidô Galvão | *Produção:* Daniela Estrella, Gustavo Magalhães | *Gravação da Narração:* Studio Prof | *Assistente de Iluminação:* Camilo Soldante | *Maquiagem e Peluqueria:* Carlos Veludo | *Camarim:* Maria de Lourdes | *Idealização e Produção do Projeto Arte para Crianças:* Lumen Argo Arte e Projeto

27 Ficções

Artista: Regina Silveira | *Curadoria:* Adolfo Montejo Navas | *Projeto Expográfico:* Regina Silveira | *Coordenação-Geral:* Luiza Mello – Automatica | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Assistente de Produção:* Arthur Moura | *Design Visual:* Dupla Design | *Produção e Montagem da Obra Mil e um dias:* Andre Costa – Olhar Periférico Filmes | *Edição e Videografia da obra Mil e Um Dias:* Matias Lancetti | *Trilha Sonora da Obra Mil e Um Dias:* Rogério Rochlitz | *Imagem Digital da Obra Entrecéu:* Eduardo Verderame, Rodrigo Barbosa | *Execução da Obra Entrecéu:* Krom Art Studio | *Montagem da Obra Entrecéu:* Edson Tibaldi, Israel Marques de Carvalho, Renato Marianno Junior, | Wellington Schwab de Placido | *Modelagem 3D para a Obra Mirante:* Thomaz Rezende – Estúdio Camisa 10 | *Documentários Lumen e Claraluz:* Andre Costa (direção), Olhar Periférico Filmes (produção) | *Assistentes da Artista:* Eduardo Verderame, Renato Pera, Thereza Salazar | *Iluminação, Projeção e Sonorização:* Be Light | *Projeto Luminotécnico:* Samuel Betts | *Montagem de Iluminação e Audiovisual:* Anderson Araujo, Ronaldo Santos | *Cenografia:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Equipe de Montagem e Manutenção:* Renato Marianno Junior, Tuca Sarmento | *Assessoria de Imprensa:* Ana Ligia Petrone – Meio e Imagem | *Padronização e Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Renato Rezende | *Transporte:* Alves Tegam | *Seguro:* Carrara Seguros | *Administração:* Gustavo Lacerda – Anima Projetos Culturais | **Catálogo** | *Organização Editorial:* Adolfo Montejo Navas | *Texto Crítico:* Adolfo Montejo Navas, Teixeira Coelho | *Biografia e Bibliografia Selecionada:* Margarida Sant'Anna | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Projeto Gráfico:* Dupla Design | *Revisão e Padronização:* Duda Costa | *Tradução:* Renato Rezende, Steve Yolen (Entreimagens) | *Tradução (espanhol/português):* Diana Araújo Pereira | *Revisão (idiomas):* Adolfo Montejo Navas (português/espanhol) | *Fotografia (exposição):* Ding Musa | *Fotografia (making of):* Débora Monnerat, Eduardo Verderame, Orlando da Rosa Farya, Regina Silveira | *Impressão e Acabamento:* Stilgraf | **Projeto Social** | *Aprendizes de Montagem:* Artur Venâncio, Felipe Ferreira, Natiel Dias, Waschington Dias | *Aprendizes de Iluminação:* Hélio Santana Júnior, Joel Soares da Silva Filho

28 Seu Sami

Artista: Hilal Sami Hilal | *Curadoria:* Paulo Herkenhoff | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro – Artviva Produção Cultural | *Design de Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Assistente do Artista:* Thaís Hilal – OÁ Objeto Arte | *Aprendizes do Artista:* Misael do Prado Pinto, Moisés Oliveira Barcellos, Samuel Guedes Venâncio, Thiago da Silva Ferreira | *Assistente Administrativo:* Gleice Nolding | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Paula Delecave | *Assessoria de Imprensa:* Ana Ligia Petrone – Meio e Imagem | *Projeto de Iluminação:* Antonio Mendel | *Cenografia:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Equipe de Montagem e Manutenção:* Carlos Magno, Danilo Porphirio de Almeida, Jean Kassio Palma, Misael do Prado Pinto, Moisés de Oliveira Barcellos, Tuca Sarmento | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Corrêa dos Santos | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Ana Regina Machado Carneiro – Artviva Editora | *Texto:* Paulo Herkenhoff | *Cronologia:* Neusa Mendes | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Paula Delecave | *Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Renato Rezende | *Fotografia:* Andrea Capela, Claudia Pedrinha e Sandra Martins, Daniel Coury, Edson Chagas, Eduardo Negrão, Emmanuel Nassar, Hilal Sami Hilal, Kitty Paranaguá, Leo Drumond, Marinho Neto, Pat Kilgore, Romulo Fialdini, Sagrilo, Thais Hilal, Wilton Montenegro | *Produção Gráfica:* Sidnei Balbino | *Pré-Impressão e Impressão:* Stilgraf | **Projeto Social** | *Aprendizes de Montagem:* Samuel Venâncio, Thiago Ferreira, Misael do Prado, Moisés Oliveira Barcellos | *Aprendizes de Iluminação:* Emanoel Silva Gonçalves, Joel Soares da Silva Filho, Jonathan Oliveira, Marcos Antonio de Carli Filho

29 Vestidas de Branco

Artista: Nelson Leirner | *Curadoria e Textos:* Moacir dos Anjos | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | *Coordenação-Geral:* Maria Clara Rodrigues | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Projeto Gráfico:* Glória Afflalo e Bitiz Afflalo – a+a Design | *Fotografia:* Edouard Fraipont, Egon Kroeff Neto, Sérgio Araújo, Sérgio Guerini | *Assistente do Artista:* Fernando Antonio Ribeiro | *Assistentes de Produção:* Bruno Monnerat, Mara Pereira | *Padronização e Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Paul Webb | *Câmera e Edição do Vídeo da Obra Jornal do não artista:* Lando Farya | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem | *Museologia:* Rachel Diniz Ferreira | *Montagem:* Tuca Sarmento, Barberá Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Gabriel Borém, Henrique Juliana Nicolini, Muriel Falcão, Renata Ribeiro, Victor Monteiro, Vinícius Guimarães | *Iluminação:* Milton Giglio – Atelier da Luz | *Cenotécnica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Corrêa dos Santos | *Transporte:* Alves Tegam | **Catálogo** | *Texto:* Moacir dos Anjos | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Produção Executiva:* Débora Monnerat – Orbita | *Projeto Gráfico:* Glória Afflalo, Bitiz Afflalo – a+a design | *Fotografia:* Sérgio Araújo, Sérgio Guerini | *Padronização e Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Paul Webb | *Pré-impressão e Impressão:* Ô de Casa, Sol Gráfica | *Aprendizes:* Cláudio Lemos Cornélio, Daniel Dias da Silva, Emanoel Silva Gonçalves, Jonathan de Oliveira, Nahiara de Souza Santos, Suelen Raiane de Macedo

30 1 + 7 — Arte Contemporânea no Espírito Santo

Artistas: Alvaro Abreu, Falcatrua, Dionísio Del Santo, Filipe Borba, Gustavo Vilar, Paulo Vivacqua, Regina Chulam, Tom Boechat | *Curadoria:* Almerinda da Silva Lopes, Ronaldo Barbosa | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro | *Design de Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Produção:* Artviva Produção Cultural | *Produção Executiva:* Ana Regina Machado Carneiro, Amanda Magalhães | *Assistentes:* Iris Ferreira, Gleice Nolding, Lucia de Oliveira | *Projeto Gráfico:* Dupla Design | *Assessoria de Imprensa:* Claudia Noronha – CWEA Comunicação | *Museologia:* Sandra Sautter | *Coordenador de Montagem:* Tuca Sarmento | *Equipe de Montagem:* Christel Bautz, Danilo Porphirio de Almeida, Henrique Sarmento | *Projeto de Iluminação:* Antonio Mendel | *Cenografia:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Corrêa dos Santos | *Auxiliar Administrativo:* Ronaldo Leopoldo Torres | *Assistente do Artista Filipe Borba:* Jhon Cleiton Mattos de Souza, Renan Corrêa da Silva |

Tratamento de Imagens (fotografias de Tom Boechat): Pablo Carneiro – USI | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Ana Regina Machado Carneiro, Ronaldo Barbosa | *Textos:* Almerinda Lopes, Fernando Pessoa | *Projeto Gráfico:* Dupla Design | *Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Renato Rezende | *Fotografia:* Diana Abreu, Edson Chagas, Glauco Gomes, Jorge Luiz Sagrilo, Luara Monteiro, Pat Kilgore | *Pré-Impressão e Impressão:* Stilgraf | *Aprendizes:* Cláudio Lemos Cornélio, Daniel Dias da Silva, Emanoel Silva Gonçalves, Jonathan de Oliveira, Naihara de Souza Santos, Suelen Raiane de Macedo

31 Lugar sem Nome

Artista: Rosilene Luduvico | *Curadoria:* Tereza de Arruda | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro | *Design de Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Produção:* Artviva Produção Cultural | *Produção Executiva:* Ana Regina Machado Carneiro | *Assistentes:* Gleice Nolding, Lucia de Oliveira, Walmur Florêncio de Moura | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Ana Carolina Carneiro, Paula Delecave | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem – Ana Ligia Petrone | *Museóloga:* Sandra Sautter | *Projeto de Iluminação:* Antonio Mendel | *Coordenador de Montagem:* Tuca Sarmento | *Equipe de Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida, Emanoel Silva Gonçalves, Vinicius Guimarães | *Preparação Técnica do Espaço:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Auxiliar Administrativo:* Ronaldo Leopoldo Torres | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Ana Regina Machado Carneiro, Ronaldo Barbosa | *Textos:* Tereza de Arruda | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Ana Carolina Carneiro, Paula Delecave | *Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* John Norman | *Fotografia:* Achim Kukulies, Bill Orcutt, Lepkowski Studios Berlim, Pat Kilgore, Tom Boechat | *Produção Gráfica:* Sidnei Balbino | *Impressão:* Gráfica Santa Marta | *Pré-Impressão:* Trio Studio | *Aprendizes:* Adilson Felis de Lima, Alana Santiago Nunes, Caroline Crys da S. Teixeira, Jhonathan Marcelino Pereira, Jonatã Oliveira Sales, Marcio Luiz S. Tonini, Paula Lima Barcellos, Pedro Paulo Passos Wyatt, Welington Cruz da Silva, Willian Joaquim da Silva

32 Salas e Abismos

Artista: Waltercio Caldas | *Coordenação-Geral:* Suzy Muniz Produções – Suzy Muniz | *Concepção da Exposição:* Waltercio Caldas | *Arquitetura:* Ivan Pascarelli | *Design gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Ana Carolina Carneiro, Paula Delecave | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem – Ana Ligia Petrone, Flávia Motta | *Museologia:* Ivanei Silva | *Assistente de Produção:* Cris Amorim | *Cenotécnica:* Camuflagem | *Montagem:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Moisés Oliveira Barcellos, Vinícius Guimarães | *Projeto de Iluminação:* Atelier da Luz – Milton Giglio | *Montagem de Iluminação:* Alexandro Alves da Silva, José Roberto Rosas, Renato Vieira de Oliveira | **Catálogo** | *Coordenação-Geral:* Suzy Muniz | *Concepção:* Waltercio Caldas, Rara Dias | *Design Gráfico:* Zot Design – Rara Dias, Ana Carolina Carneiro, Paula Delecave | Textos Salas e Abismos | *"Espaço solúvel":* Paulo Venâncio Filho | *"Ping-Ping: Sugerindo a Falha" e "Doppo Seurat":* Paulo Sergio Duarte | *"Acima e Abaixo do Horizonte":* Sônia Salzstein | *Revisão de Texto:* Rachel Valença, Flavia Lago | *Tradução:* Rebecca Atkinson | *Pré-Impressão e Impressão:* Ipsis Gráfica e Editora | *Aprendizes:* Adilson Celis de Lima, Alana Santiago Nunes, Caroline Crys da S. Teixeira, Jhonathan Marcelino Pereira, Jonatã Oliveira Sales, Marcio Luiz S. Tonini, Paula Lima Barcellos, Pedro Paulo Passos Wyatt, Welington Cruz da Silva, Willian Joaquim da Silva

33 Amazônia, a Arte

Artistas: Hélio Melo (AC); Grupo Urucum (AP); Roberto Evangelista (AM); Naia Arruda (AM); Thiago Martins de Melo (MA); Acácio Sobral, Alexandre Sequeira, Armando Queiroz, Armando Sobral, Alberto Bitar, Berna Reale, Cláudia Leão & Leonardo Pinto, Dirceu Maués, Éder Oliveira, Edilena Florenzano, Elza Lima, Emmanuel Nassar, Lise Lobato, Luiz Braga, Maria Christina, Melissa Barbery, Marcone Moreira, Miguel Chikaoka, Otávio Cardoso, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Walda Marques (PA); Coletivo Madeirista [Joesér Alvarez, Ariana Boaventura e Rinaldo Santos] (RO); por Roraima Claudia Andujar, Orlando Nakeuxima Manihipi-Theri (da terra Indígena Yanomami em Roraima), Katie van Scherpenberg e Cildo Meireles | *Curadoria:* Orlando Maneschy | *Concepção e Consultoria:* Paulo Herkenhoff | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Expografia:* Leila Scaf Rodrigues | *Projeto Gráfico:* Maria Cristaldi | *Assessoria Jurídica:* Gustavo Martins de Almeida | *Assessoria de Imprensa:* Ana Ligia Petrone – Meio e Imagem | *Assistente do Curador:* Maria Christina | *Administrador Financeiro:* Lídia Maria de Paiva Dias | *Assistente de Produção:* Samara Soriano | *Revisão de Texto:* Duda Costa | *Tradução:* Steven Berg (texto Claudia Andujar) e Steve Yolen | *Cenotécnica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Correa dos Santos | *Iluminação:* Milton Giglio – Atelier da Luz | *Chefe de Montagem:* Tuca Sarmento | *Montadores:* Alessander Souza, Danilo Porphirio de Almeida, Rodrigo Barros dos Santos, Victor Monteiro | *Molduras:* Arts e Molduras | *Logística:* Al Consultancy | *Transporte das Obras:* Arte3log | *Seguro das Obras:* Affinité Seguros | *Projeto e Produção:* Imago Escritório de Arte | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Orlando Maneschy, Paulo Herkenhoff | *Coordenação Executiva:* Maria Clara Rodrigues | *Textos:* Armando Queiroz, Marisa Mokarzel, Orlando Maneschy, Paulo Herkenhoff | *Padronização e Revisão de Texto:* Duda Costa, Rosalina Gouveia (entrevista) | *Tradução:* Paul Webb | *Imagem de Capa:* Luiz Braga – *Cortina do Lambe-lambe (1982)* | *Projeto Gráfico:* Maria Cristaldi | *Fotografias da Montagem no Museu Vale:* Sérgio Araújo | *Tratamento de Imagem:* Estúdio 321 | *Impressão e Acabamento:* Gráfica Pancron *Aprendizes:* Daiene de Oliveira, Dayane da Silva Oliveira, Erlaine Souza Rivas, Jader da Silva Matos, Jemima Carvalho da Cruz, Juliana Marvila Paz, Juliano da Silva Gomes, Pedro Henrique Gomes de Barros, Rainy Rodrigues de Oliveira, Weberson Lopes Júnior

34 Atrás do Porto Tem uma Cidade

Artista: Eder Santos | *Concepção e Projeto:* 4Art Produções Culturais e Trem Chic Videolab | **Exposição** | *Direção, Produção e Coordenação-Geral de Projeto:* Daiana Castilho Dias | *Direção e Coordenação-Geral de Produção Videográfica:* André Hallak | *Produção:* Leonardo Alo, Nathalia Ungarelli | *Assistente de Produção:* Rozalia Gonçalves Costa | *Produção Videográfica:* Barão Fonseca | *Projeção:* Imagens Projetores e Trem Chic Videolab | *Edição de Imagens:* Leandro Aragão Soares | *Programa Educativo:* Ana Laura Estaregui, Marcella Tibone | *Coordenação de Montagem:* Nu Projetos de Arte | *Montagem Especial:* Tuca Sarmento | *Sons:* Stephen Vitiello, Paulo Santos, Alexandre Martins, Rec Studio (mixagem) | *Desenho Arquitetônico:* Janaina Mello, Daniel Landini | *Cenografia:* Cenotec | *Pintura Cênica:* Adalto Correia dos Santos | *Plotagem e Preparação Técnica do Vagão:* WI Serviços de Comunicação Visual | *Iluminação:* Atelier da Luz | *Programação Visual:* Isabella Rodrigues – Mangasanta | *Divulgação:* Ana Ligia Petrone – Meio e Imagem | *Textos:* André Hallak, David Barro, Paulo Reis | *Programação Visual:* Isabella Rodrigues | *Fotografia:* Vicente de Mello | *Revisão de Texto:* Marília Serra | *Tradução:* David Alan Prescott, Dina Thrascher (inglês); Eliana Martins (espanhol) | *Grafismo:* Dardo DS (María Agra) | *Impressão:* Eurográficas | *Edição:* 4Art | *Aprendizes:* Daiene de Oliveira, Dayane da Silva Oliveira, Erlaine Souza Rivas, Jader da Silva Matos, Jemima Carvalho da Cruz, Juliano da Silva Gomes, Pedro Henrique Gomes de Barros, Weberson Lopes Junior

35 Anticorpos: Fernando e Humberto Campana 1989–2009

Designers: Fernando e Humberto Campana | *Curadoria:* Mathias Schwartz-Clauss, Vitra Design Museum | *Desenvolvimento do Projeto:* Estúdio Campana, Lélia Arruda, Leo Kim, Luiza Albuquerque, Eduardo Wolk | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro – Artviva Produção Cultural | *Coordenação da Itinerância Internacional:* Isabel Serbeto, Reiner Packeiser, Vitra Design Museum | *Produção Executiva:* Heloisa Vallone | *Design da Exposição:* Groenlandbasel, Basel | *Design de Audiovisual e Desenhos Técnicos:* Gregor Bielser, Vitra Design Museum | *Coordenação de Montagem:* Patrick Luetzelschwab, Vitra Design Museum; Tuca Sarmento | *Museologia:* Bernadete Ferreira, Sandra Sautter | *Projeto de Iluminação:* Be Light – Samuel Betts | *Cenotécnica:* H. O. Silva | *Design Gráfico:* Groenlandbasel, Basel; Dupla Design | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem – Ana Ligia Petrone, Gabriella Gianoli PR, Katharina Giese, Vitra Design Museum | *Administração e Finanças:* Marc Zehntner, Jörn Strüker, Vitra Design Museum | *Assistente Administrativo e Financeiro:* Gleice Nolding | *Aprendizes:* Chirley Forrechi, Crislaini Firmino, Felipe Wander Marcelino, Jéssica Batista, Jonathan Augusto dos Santos, Josemara Cabral, Lorrany Lacerda, Mhyslene de Oliveira, Naiara Souza Silva, Patricia dos Santos | **Catálogo** | *Editores:* Alexander von Vegesack, Mathias Schwartz-Clauss | *Redação:* Mathias Schwartz-Clauss | *Produção:* Jörn Strüker | *Editor de Fotografia:* Daniel Kern | *Tradução:* Bartira Galati (alemão/português), Julia Thorson (alemão/inglês), Paula V. de Almeida Klop (português/inglês), Barbara Fisher (italiano/inglês) | *Revisão de Texto:* Ariel Krill (inglês), Duda Costa (português) | *Design Gráfico:* Groenlandbasel – Dorothea Weishaupt e Matthias Huber; Marianne Hartley | *Litografia:* Andreas Muster, Basel | *Impressão:* GSA Gráfica e Editora

36 Fermata

Artistas: OSGEMEOS | *Concepção:* OSGEMEOS | *Coordenação-Geral:* Art Unlimited – Pieter Tjabbes, Tânia Mills, Sandra Klinger Rocha | *Arquitetura da Exposição:* George Mills Arquitetos – Luís Fernando Abbud | *Projeto de Iluminação:* B. L. Iluminação – Samuel Betts | *Coordenação de Produção:* Adriana Pandolfo Alves, Sonia Leme | *Coordenação de Montagem:* Arnaldo Pandolfo, Hiro Kai, Geno Riva | *Comunicação Visual:* Marina Ayra | *Textos:* Jeffrey Deitch, Paulo Portella Filho | *Equipe de Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida, Isaac Manoel Sobrinho, Marcel Veltem Debbané, Rodrigo Marques Santos Coelho, Roselito Barbosa, Thiago Henrique Fernandes Costa, Vitor Lorenzetto Monteiro | *Equipe de Produção:* Érika Uehara, Jade Medeiros Tavares, Joana R. Bentes, Larissa F. dos Santos, Patrícia Magalhaes, Renato Musa, Rose Teixeira | Animatronics e Mock-*ups:* Christian Scherf – Fixxon | *Mídia Interativa:* Vinicius Diettrich – E3D | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem | **Catálogo** | *Texto:* Jeffrey Deitch | *Coordenação:* Art Unlimited – Pieter Tjabbes, Tânia Mills | *Projeto Gráfico:* Manuel Alves – Holt Studio, Valdir Silva | *Fotografia:* Lost Art | *Revisão de Texto:* Armando Olivetti | *Tradução:* John Norman | *Impressão:* Pancrom | *Registro Fotográfico:* Sérgio Cardoso | *Registro Videográfico:* Orlando da Rosa Farya | *Aprendizes:* Chirley Forrechi, Crislaini Firmino, Felipe Wander Marcelino, Jéssica Batista, Jonathan Augusto dos Santos, Josemara Cabral, Lorrany Lacerda, Mhyslene de Oliveira, Naiara Souza Silva, Patricia dos Santos

37 Água Viva

Artista: Shirley Paes Leme | *Curador:* Jürgen Harten | *Textos:* Cauê Alves, Doreet Levitte Harten, Jürgen Harten, Marcelo Campos | *Produção Executiva:* Arte3 Assessoria Produção e Marketing Cultural | *Produção:* Angela Magdalena, Daniele Carvalho | *Assistência Artista:* Lidia Paes Leme Arantes, Patricia Dominguez, Salvador Junior Soares Marques | *Assistência de Produção:* Zana Barberá Sarmento | *Maquete Virtual:* Kleber Tangioni | *Projeto Museográfico:* Conceito Consultoria em Projetos Culturais | *Coordenador de Montagem:* Tuca Sarmento | *Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida, Gilberto Mário Brandão Junior | *Peças de Argila:* Berenicia Correia Nascimento, Carlos Barbosa dos Santos, Eronildes Correa de Menezes, Inete Gomes Ferreira, Laison Gomes Ferreira, Rogerio Dias Coutinho | **Cenotécnica** | *Marcenaria:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Pintura:* Adalto Correia dos Santos | *Panela de Aço:* Allen Roscoe da Cunha | *Projeto de Iluminação:* Claraluz – Beto Kaiser | *Programação Visual:* Marcelo Amorim | *Produção de Comunicação Visual e Material Gráfico:* Fernando Lion | *Fotografia:* Leonardo Finotti | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem Comunicação | *Assessoria Financeira:* Douglas Estrella | *Assessoria Jurídica:* Olivieri e Associados | *Seguro:* Affinité Consultoria e Corretagem de Seguros | *Transporte:* Arte3log | *Aprendizes:* Aniely Ribeiro Sevolani, Euler Fernando Laures Ribeiro, Gustavo Sampaio Souza, Marcos Ribeiro Stein, Matheus da Silva Barros, Matheus Vasconcelos dos Santos

38 Paulo Mendes da Rocha: a Natureza como Projeto

Arquiteto: Paulo Mendes da Rocha | *Curadoria e textos:* Guilherme Wisnik | *Produção Geral:* Arte3 Assessoria Produção e Marketing Cultural | *Coordenação de Produção:* Ana Helena Curti | *Produção:* Rodrigo Primo | *Assistente de Produção:* Gabriel Curti | *Assistência de Produção Local Regional:* Zana Barberá Sarmento | *Projeto Museográfico:* Carol Silva Moreira, Pedro Mendes da Rocha, Priscila Krayer Krauss | *Consultoria:* Martin Corullon | *Maquetes:* José Paulo Gouvêa, Maurízio Zelada | *Coordenador de Montagem:* Tuca Sarmento | *Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida, Thelma Caseiro de Souza, Wesley Carlos Guedes | *Montagem Painéis:* Haroldo Alves, Lee Dawkins | **Cenotécnica** | *Marcenaria:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Pintura:* Adalto Correia dos Santos | *Projeto de Iluminação:* Beto Kaiser | *Programação Visual:* Tecnopop | *Comunicação Visual e Material Gráfico:* Tecnopop – André Stolarski, Alexsandro Sousa, Ana Costa | *Filmes:* Mira filmes | *Diretor:* Gustavo Rosa de Moura | *Produção Executiva:* Luciana Onishi | *Produção:* Juliana Donato | *Fotografia:* Alexandre Wahrhaftig, Miguel Ramos | *Edição:* Alexandre Wahrhaftig | *Som:* André Bomfim | *Assistência de Edição:* Brunno Schiavon, Larissa Kurata | *Design Gráfico:* Joana Brasiliano | *Layout Painéis:* Ulisses Alexandre dos Santos | *Fotografia (catálogo):* Acervo Paulo Mendes da Rocha, Eduardo Ortega, Fujita Architects Office, Gabriel Lordêllo, Gaú Manzi, José Moscardi, Lauro Rocha, Luiz Florence, Milton Braga, MMBB, Nelson Kon | *Fotografia (conteúdo exposição):* Eduardo Ortega, Metro Arquitetos, MMBB, Nelson Kon | *Impressão Painéis:* Vista Plotagens | *Revisão de Texto:* Fabiana Pino | *Tradução:* John Norman | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem Comunicação | *Assessoria Financeira:* Douglas Estrella | *Assessoria Jurídica:* Olivieri Consultoria Jurídica em Cultura e Entretenimento | *Transporte:* Arte3log | *Aprendizes:* Aniely Ribeiro Sevolani, Euler Fernando Laures Ribeiro, Gustavo Sampaio Souza, Marcos Ribeiro Stein, Matheus Vasconcelos dos Santos, Rafael Maforte Batista, Rudney Barreto Paiva, Tatiane Aparecida Pinto da Silva | *Registro Fotográfico:* Sérgio Cardoso | *Registro Videográfico:* Orlando da Rosa Farya

39 Reinventando o Mundo

Artistas: Abraham Palatnik, André Parente, Angela Detarrico e Rafael Lain, Chelpa Ferro, Detanico e Lain, Eduardo Kac, Fernando Velázquez, Floriano Romano, Leandro Lima e Gisela Motta, Leticia Parente, Marcelo Moscheta, Mariana Manhães, Marssares, Mauricio Salgueiro, Milton Marques, O Grivo, Paulo Bruscky, Paulo Nenflídio, Paulo Vivacqua, Pedro Paulo Domingues, Rafael França, Regina Silveira e Sonia Andrade | *Curadoria:* Franklin Espath Pedroso, Jorge Emanuel Espinho | *Coordenação-Geral:* Notion Art Design | *Coordenação de Produção:* Amalia Giacomini, Andreia Alves | *Controladoria Financeira:* Ellen Gaspar | *Assistente de Produção:* Katia Machado | *Design de Montagem:* Leila Scaf Rodrigues, Franklin Espath Pedroso, Jorge Emanuel Espinho | *Design Visual:* Sônia Barreto | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Paul Webb | *Assessoria Jurídica:* Gustavo Martins | *Iluminação e Equipamentos:* Belight – Samuel Betts | *Consultoria Técnica:* Camilo Pedroso | *Assistente de Produção Local:* Zana Barberá Sarmento | *Montagem:* Equipe Tuca Sarmento | *Laudos Técnicos das Obras:* Sandra Sautter (RJ), Helô Biancalana (SP), Rachel Diniz Ferreira (ES) | *Transporte de Obras de Arte:* Millenium Transportes e Logística | *Seguro de Obras de Arte:* Pro Affinité Consultoria e Corretagem de Seguros | *Assessoria de Imprensa:* Approach | *Arte-Educadora Convidada:* Rosane Cantanhede | *Registro Fotográfico:* Vicente De Mello, Sérgio Cardoso | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos, Camarão Filmes | **Catálogo** | *Coordenação Editorial:* Franklin Espath Pedroso, Sônia Barreto (colaboradora) | *Organização de Conteúdo:* Amalia Giacomini, Andreia Alves, Jorge Emanuel Espinho | *Texto:* Franklin Espath Pedroso, Jorge Emanuel Espinho | *Design Visual:* Visual Design – Sônia Barreto, Izabel Amorim (colaboradora) | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Paul Webb, Jorge Emanuel Espinho | *Revisão de Texto (inglês):* Paul Webb | *Impressão:* Stilgraf | *Fotografia:* Daniel Arantes, Eduardo Kac, Estúdio Regina Silveira, Filipe Berndt, Mauricio Salgueiro, Sérgio Cardoso, Vicente de Mello | *Stills de Vídeo:* Video Stills | *Aprendizes:* Amanda de Oliveira Batista de Almeida, Andressa Meireles dos Santos, Dayane Gomes dos Santos, Gabrielli Freire da Silva, Girlene Felicio da Silva, Leonardo Mageski Amorim, Richardson Marques da Silva, Robert Herycles Sabino Azevedo, Valber Pereira Vargas, Victor Laranjeira Aguiar

40 Regina Chulam — Desenhos e Pinturas

Artista: Regina Chulam | *Curador:* Ronaldo Barbosa | *Coordenação-Geral:* Ana Regina Machado Carneiro | *Design da Exposição:* Ronaldo Barbosa | *Produção:* Artviva Produção Cultural | *Assistente de Produção:* Mariana Riscado | *Projeto Gráfico:* Dupla Design | *Museologia:* Sandra Sautter | *Iluminação:* Julio Katona – Artimanha | *Coordenação de Montagem:* Tuca Sarmento | *Preparação Técnica do Espaço:* Adalto Corrêa dos Santos | *Assessoria de Imprensa:* Silvana Cardoso – Passarim Comunicação e Marketing | *Auxiliar Administrativo:* Ronaldo Leopoldo Torres | *Registro Fotográfico:* Sérgio Cardoso | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos | **Catálogo** | *Editores:* Ana Regina Machado Carneiro, Ronaldo Barbosa | *Texto:* Adolfo Montejo Navas | *Design Gráfico:* Dupla Design | *Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Izabel Murat Burbridge | *Fotografia:* Pat Kilgore | *Aprendizes:* Amanda de Oliveira B. de Almeida, Andressa Meireles dos Santos, Dayane Gomes dos Santos, Gabrielli Freire da Silva, Girlene Felicio da Silva, Leonardo Mageski Amorim, Richardson Marques da Silva, Robert Herycles Sabino Azevedo, Valber Pereira Vargas, Victor Laranjeira Aguiar

41 Das Viagens, dos Desejos, dos Caminhos

Artistas: Leonilson, Yuri Firmeza, Virginia de Medeiros, Marcone Moreira, Jonathas de Andrade, Armando Queiroz, Rodrigo Braga e Karim Ainouz + Marcelo Gomes | *Curadoria:* Bitu Cassundé | *Coordenação de Produção:* Maria Clara Rodrigues | *Produção:* Imago Escritório de Arte | Produção *Executiva:* Amalia Giacomini | *Produção Editorial:* Andreia Alves | *Assistente de Produção:* Carole Joscht | *Expografia:* Leila Scaf Rodrigues | *Identidade Visual:* Thomas Manss e Company | *Assessoria Jurídica:* Gustavo Martins de Almeida Advogados | *Museologia:* Débora Bruno (Brasília), Denise Guiglemeti (Rio de Janeiro), Heloisa Biancalana (São Paulo), Rachel Diniz Ferreira (Vitória), Rosa Arraes (Belém) | *Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Steve Berg | *Iluminação e Equipamentos Audiovisuais:* BeLight | Montagem das Obras | *Coordenação:* Tuca Sarmento | *Montadores:* Danilo Porphirio de Almeida, Jaciel Nunes da Conceição, Rodrigo Barros Santos, Wagner Augusto Rodrigues | *Montagem das Instalações de Jonathas de Andrade:* Cristina Gouvêa | *Arte-Educadora Convidada:* Vânia Leal | Assessoria de *Comunicação:* Lead Comunicação – Flávia Tenório | *Cenotécnica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Pintura:* Adalto Corrêa dos Santos | *Transporte de Obras de Arte:* Millenium Transportes e Logística | *Seguro de Obras de Arte:* Pro Affinité Consultoria e Corretagem De Seguros | *Registro Fotográfico:* Gui Castor | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos | *Aprendizes:* Bárbara Alves Carvalho, Bruno Santos Fernandes, Felipe Mendes Gomes da Sorreição, Fernando Moura Soares, Paulo Renato Alves de Oliveira, Lorena de Arruda Pardinho, Tiago Espindula Dias, Vitor Daniel Ferreira Nunes, Wagner Mereles Ventura, Yuri Vitor Dias

42 Atlântica Moderna: Purus e Negros

Artista: Ana Maria Tavares | *Curador:* Ana Maria Tavares | *Concepção:* Ana Maria Tavares | *Coordenação de Produção:* Maria Clara Rodrigues | *Produção:* Imago Escritório de Arte | *Produção Executiva:* Amalia Giacomini | *Produção Editorial:* Andréia Alves | *Assistente de Produção:* Carole Joscht | *Identidade Visual:* Thomas Manss e Company | *Museologia:* Sandra Sautter (Rio de Janeiro), Heloisa Biancalana (São Paulo), Rachel Diniz Ferreira (Vitória) | *Revisão de Texto:* Duda Costa, Ana Maria Tavares (inglês) | *Tradução:* John Norman | *Coordenação de Pintura:* Jarbas Gomes | *Pintura:* Adalto Corrêa dos Santos | *Iluminação e Equipamentos Audiovisuais:* BeLight | *Montagem das Obras:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Jonas Nunes da Conceição, Wagner Augusto Rodrigues, André dos Santos Cassimiro, Arão Reis dos Santos, José Carlos Pinto Miranda, Josilene Lourenço Cypriano, Pedro Perez Machado | *Assessoria Jurídica:* Gustavo Martins de Almeida Advogados | *Assessoria de Comunicação:* Lead Comunicação – Flávia Tenório | *Arte-Educadora Convidada:* Melina Almada Sarnaglia | *Transporte de Obras de Arte:* Millenium Transportes e Logística | *Seguro de Obras de Arte:* Pro Affinité Consultoria e Corretagem de Seguros | *Registro Fotográfico:* Gui Castor | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos, Atelier Ana Maria Tavares, Arão Reis dos Santos, Denise Pereira de Souza, Fabiola Salles Mariano, Karla Araújo Fonseca, Pedro Perez Machado | *Expografia:* Ana Maria Tavares | *Coordenação de Montagem:* Atelier Ana Maria Tavares | *Assessoria Jurídica:* Martha Macruz | **Catálogo** | *Organização Editorial:* Ana Maria Tavares | *Coordenação Editorial:* Maria Clara Rodrigues | *Produção Editorial:* Andréia Alves | *Projeto Gráfico:* Thomas Manss e Company | *Texto:* Fabiola López-Durán e Nikki Moore, Ana Maria Tavares | *Revisão de Texto:* Duda

Costa | *Tradução:* John Norman (português/inglês), Izabel Burbridge (inglês/português) | *Revisão:* Ana Maria Tavares, Fabiola López-Durán, Rosalina Gouveia | *Tratamento de Imagens:* Trio Studio | *Impressão:* Stilgraf | *Fotografia:* Ana Maria Tavares, Carlos Kipnis, Cia de Foto, Culturgest Porto, De Vleeshal, Eduardo Brandão, Flavio Lamenha, João Tavares Pini, Mauro Restiffe, Pedro Perez Machado, Sergio Araujo, Vitor César | *Aprendizes:* Bárbara Alves Carvalho, Bruno Santos Fernandes, Felipe Mendes Gomes da Sorreição, Fernando Moura Soares, Iuri Vitor Dias, Lorena de Arruda Pardinho, Paulo Renato Alves de Oliveira, Tiago Espindula Dias, Vitor Daniel Ferreira Nunes, Wagner Mereles Ventura

43 Códice — do Risco ao Risco

Artista: Amilcar de Castro, Thaïs Helt, Marco Túlio Resende | *Curador:* Allen Roscoe (Sala de Amilcar de Castro) | *Concepção e Projeto:* 4Art Produções Culturais | *Texto Crítico:* Adolfo Montejo Navas, Fátima Pinto Coelho | *Direção de Produção:* Daiana Castilho Dias | *Produção:* Bianca Crispim, Marcelo Braga, Renato Morcatti | *Projeto Expográfico:* Allen Roscoe | *Desenho de Arquitetura:* Domingo Arquitetura | *Coordenação do Ateliê dos Artistas:* Renato Morcatti | *Preparação Técnica das Obras:* Afonso Robson Alves dos Santos, Alexandre Magno de Jesus (Chambinho), Atelier Baumecker, Edmilson Vieira de Andrade, Elaine de Fátima, Hélio Lúcio da Cruz Filho, Iago Gouvêa, João Otávio Vieira Claudino, Maria de Fátima Nunes de Jesus, Rubia Gadelha | *Fac-Símile:* Studio Anta | *Museologia:* Claudia Torres | *Montagem:* Alexandre Magno de Jesus, Danilo Porfhirio de Almeida, José Carlos Vieira Martins, Manoel Oliveira, Marcelo Marques Sampaio, Rozália Gonçalves, Tuca Sarmento | *Iluminação:* T19 Projetos | *Preparação de Espaço Expositivo:* Adalto Correa dos Santos | *Fotografia:* Vicente de Mello | *Assessoria de Imprensa:* A4 Comunicação | *Programação Visual:* Andrius Machado, Brena Ferrari | *Plotagem:* Arte na Vitrine | *Revisão e Tradução:* Marília Serra | *Transporte:* Millenium Transportes de Arte | *Seguro:* JMS Seguros | *Registro Fotográfico:* Gui Castor | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos | *Arte-Educação:* Equipe Museu Vale | *Aprendizes:* Alyson Vervloet de Melo, Breno Gomes Suave, Caio Matos da Silva, Cristiane Coutinho, Elias de Sousa, Geovane Henrique Almeida de Araújo, Joel Lefler de Oliveira Junior, Orlando Marcos Miranda Silva, Renan Schmildt Lima

44 Vik Muniz

Artista: Vik Muniz | *Curadoria:* Vik Muniz | *Equipe Studio Vik Muniz:* Erika Benincasa (Nova York), Fabio Ghivelder (Rio de Janeiro) | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Produção:* Imago Escritório de Arte | *Produção Executiva:* Andreia Alves | *Produção Editorial:* Priscilla Gontijo Leite | *Identidade Visual:* Glória Afflalo – a+a Design e Produção | *Textos:* Ileana Pradilla Cerón | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Beatriz Horta (inglês/português), John Norman (português/inglês) | *Expografia:* Leila Scaf Rodrigues | *Museologia:* Heloisa Biancalana (São Paulo), Rachel Diniz Ferreira (Vitória), Sandra Sautter (Rio de Janeiro) | *Arte-Educadora Convidada:* Rosane Cantanhede | *Assessoria de Comunicação:* Meio e Imagem Comunicação | *Assessoria Jurídica:* Gustavo Martins de Almeida Advogados | *Montagem das Obras de Arte:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida, Diogo Correa, Rodrigo Barros dos Santos | *Transporte das Obras de Arte:* Alves Tegam, Macimport, Neocargo | *Seguro das Obras de Arte:* Pro Affinité Consultoria e Corretagem de Seguros | *Execução Cenotécnica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Iluminação e Equipamentos Audiovisuais:* BeLight | *Pintura:* Adalto Corrêa dos Santos | *Registro Fotográfico:* Gui Castor | *Registro Videográfico:* Olhos Coloridos | **Catálogo** | *Coordenação:* Maria Clara Rodrigues | *Produção Editorial:* Priscilla Gontijo Leite | *Design Gráfico:* Glória Afflalo e Helena Varella – a+a Design e Produção | *Textos:* Vik Muniz, Ileana Pradilla Ceron | *Equipe Studio Vik Muniz:* Erika Benincasa (Nova York), Fabio Ghivelder (Rio de Janeiro) | *Padronização e Revisão de Texto:* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Beatriz Horta (inglês/português), John Norman (português/inglês) | *Fotografia:* Studio Vik Muniz – Vik Muniz | *Impressão:* Ipsis | *Produção:* Glória Afflalo, Helena Varella | *Aprendizes:* Bárbara Alves Carvalho, Bruno Santos Fernandes, Felipe Mendes Gomes da Sorreição, Fernando Moura Soares, Iuri Vitor Dias, Lorena de Arruda Pardinho, Paulo Renato Alves de Oliveira, Tiago Espindula Dias, Vitor Daniel Ferreira Nunes, Wagner Mereles Ventura

45 Territórios de Direitos

Curadoria, Produção e Expografia: Bruno Vilela | *Fotografias:* Adolescentes dos Núcleos Jovens de Comunicação do Projeto Proteger é Preciso (MG) | *Educadores das Oficinas de Fotografia:* Luana da Silva Costa, Simone Moura, Bruno Vilela | *Design Gráfico:* Mariana Fonseca | *Montagem:* Geraldo Peixoto | *Impressão:* Artmosphere | *Molduras:* Vangogh Molduras | **Oficina de Imagens** | *Diretor-Presidente:* André Hallak | *Coordenador Executivo:* Bernardo Brant | *Assessora Coordenação:* Simone França Guabiroba | *Administrativo Financeiro:* Cleonice Moura, Ivanildo de Oliveira | **Projeto Proteger é Preciso** | *Coordenação:* Flávia Julião | *Equipe técnica:* Bruno Sérgio Siqueira, Fernanda Godinho, Maria Alice da Silva, Marina Marinho, Margareth Corrêa, Nívea Sabino, Renata Aparecida, Sebastião Éverton, Sérgio Augusto Azevedo, Webert da Silva Pereira, Yalle Cristina, Elaine Geralda de Paula, Luciene Matoso

46 Acaso Controlado

Artista: Daniel Feingold | *Concepção e Curadoria:* Vanda Klabin | *Produção:* R&L Produtores Associados | *Direção de Produção:* Rodrigo Andrade | *Gestão de Projeto:* Lucas Lins | *Assistente do Artista:* Tamandua_Arte – Natália Azevedo, Stefania Paiva | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Márcio Pinheiro | *Identidade Visual:* Danowski Design – Sula Danowski, Carol Müller Machado | *Fotografia:* Pat Kilgore | *Tratamento de Imagem da Série Homenagem ao retângulo:* Anderson Correa de Araujo | *Vídeo:* Diogo Lisboa | *Audiovisual:* CBTEC | *Assessoria de Imprensa:* Meio e Imagem Comunicação | *Plotagem:* ArtClamur | *Cenotécnica:* Francischetto Comércio e Indústria de Madeiras | *Execução e Montagem:* Tuca Sarmento, Danilo Porphirio de Almeida | *Iluminação:* Julio Katona – Artimanha Produções | *Registro Fotográfico:* Felipe Amarelo – Claraboia Imagem | *Registro Videográfico:* Lupino Filmes | *Transporte:* ArtQuality | *Seguro:* Affinité | **Catálogo** | *Textos:* Felipe Scovino, José Bento Ferreira, Paulo Sergio Duarte, Paulo Venancio Filho, Robert C. Morgan, Ronaldo Brito, Vanda Klabin, Vera Beatriz Siqueira | *Projeto Gráfico e Tratamento de Imagem:* Danowski Design – Sula Danowski, Carol Müller Machado | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Márcio Pinheiro | *Fotografia:* Pat Kilgore, Diogo Lisboa | *Impressão:* Stilgraf | *Aprendizes:* Erika Vieira da Silva, Fabio Carolina de Souza, Karoliny Kull do Nascimento, Lorena Cristiane da Silva Costa, Maria Eduarda S. Rafasque, Marina Luz de Souza, Micaelle Medeiros de Oliveira, Ruan Victor Santos Campos, Thalita Ribeiro Gomes, Winglys dos Santos Ropke

47 Jardins Móveis

Artistas: Rosana Ricalde, Felipe Barbosa | *Coordenação-Geral:* Mauro Saraiva | *Produção:* Tisara Arte Produções | *Serralheiro:* Bandeira Arte em Metais – Mario Luiz Bandeira | *Assistente do Artista:* Anna Irene Ricalde Da Silva | *Identidade Visual:* Lin Lima | *Assessoria de Imprensa:* Geisa Souto | *Montagem:* Danilo Porphirio de Almeida | *Aprendizes:* Arthur Marsetti Pizzo, Breno Coelho de Mello, Daniel de Souza dos Santos, Gustavo dos Santos, Jonathan Silva Andrade, Kimberly Teixeira dos Santos, Leticia Silva da Costa, Maria Vitoria Fernandes Pereira Rosa, Matheus de Souza Lima Oliveira, Rafaela Manoela da Silva | *Iluminação:* Julio Katona – Artimanha Produções | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Manassés Martins | *Plotagem:* ArtClamur | *Iluminação:* Julio Katona – Artimanha Produções | *Registro Fotográfico:* Felipe Amarelo, Paulo Soares – Claraboia Imagem | *Registro Videográfico:* Lupino Filmes | *Transporte:* Trans Junior, Mudanças Damasceno | **Catálogo** | *Texto:* Douglas de Freitas | *Entrevista:* Luciano Vinhosa | *Projeto Gráfico e Tratamento de Imagem:* Lin Lima | *Fotografias:* Aurora Ricalde Barbosa; Felipe Amarelo e Paulo Soares – Claraboia Imagem; Felipe Barbosa, Lin Lima, Luiz Sergio Oliveira | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Manassés Martins | *Impressão:* Ipsis | *Registro Fotográfico:* Felipe Amarelo – Claraboia Imagem | *Registro Videográfico:* Lupino Filmes | *Aprendizes:* Arthur Marsetti Pizzo, Breno Coelho de Mello, Daniel de Souza dos Santos, Gustavo dos Santos, Jonathan Silva Andrade, Kimberly Teixeira dos Santos, Leticia Silva da Costa, Maria Vitoria Fernandes Pereira Rosa, Matheus de Souza Lima Oliveira, Rafaela Manoela da Silva

48 Penumbra

Artista: Angelo Venosa | *Curadoria:* Vanda Klabin | *Coordenação-Geral:* Mauro Saraiva | *Produção:* Tisara Arte Produções | *Desenho de Luz:* Rogério Ramos | *Iluminação:* Vitor Lorenção | *Assistente:* Paulo Roberto Araújo dos Santos | *Fabricação das Peças:* Artes e Ofícios | *Montagem:* Endora Arte | *Transporte:* Mudanças Damasceno | *Assessoria de Imprensa:* Ana Ligia Petrone – Meio e Imagem Comunicação | *Identidade Visual:* Fernando Leite – Verbo Arte Design | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Manassés Martins | *Assistente do Artista:* Felipe Abdala | *Plotagem:* ArtClamur | *Administração:* Andre Fernandes | *Transporte:* Mudanças Damasceno | **Catálogo** | *Texto Crítico:* Vanda Klabin | *Coordenação Editorial:* Tisara Arte Produções – Verbo Arte Design | *Projeto Gráfico e Tratamento de Imagem:* Fernando Leite, Viviane Giaquinta – Verbo Arte Design | *Fotos e Registro Fotográfico da Montagem:* Felipe Amarelo – Claraboia Imagem | *Cronologia:* Ileana Pradilla Cerón | *Revisão de Texto (português):* Rosalina Gouveia | *Tradução:* Manassés Martins | *Impressão:* Ipsis | *Registro Fotográfico:* Claraboia Imagem – Felipe Amarelo | *Registro Videográfico:* Lupino Filmes | *Pintura:* ACS Acabamentos | *Aprendizes:* Alexandra Alves Cabral, Amanda Rocha de Souza, Arlen Vitor Silva e Silva, Caio Souza Costa, Gustavo Santos Rosário, Laryssa dos Reis Santos, Mariana Dias Carvalho, Matheus Santos de Souza, Matheus Siqueira Soares, Rutiléa Flora da Silva

49 20/20

Coletiva: Andreia Falqueto, Rafael Pagatini, Sandro Novaes, Rick Rodrigues, Luciano Feijão, Fredone Fone, Vilar, Juliana Pessoa, Hélio Coelho, Polliana Dalla, Jocimar Nalesso, Thiago Arruda, Leo Benjamim, Miro Soares, Bruno Zorzal, Re Henri, Luiz Filipe Porto, Fernando Augusto, Gabriel Borem, Elton Pinheiro | *Curadoria:* Ronaldo Barbosa, Neusa Mendes

Exposições realizadas no Museu Vale (1999—2018)

Múltiplos (Joseph Beuys) **p. 68**
Fantasma (Antonio Manuel) **p. 70**
Coleção Marcio Espindula (Jorge Guinle) **p. 72**
Cinemagma (José Damasceno) **p. 74**
Pinturas moles, uma outra costura do mundo (Leda Catunda) **p. 76**
Antropologia da face gloriosa (Arthur Omar) **p. 78**
A forma e os sentidos – um olhar sobre Minas (mostra coletiva) **p. 80**
Murmuratio (José Rufino) **p. 82**
Bilbao, a transformação de uma cidade **p. 84**
O país inventado (Antonio Dias) **p. 86**
Outra coisa (mostra coletiva) **p. 88**
Desiderata (mostra coletiva) **p. 90**
Logradouro (Marcos Chaves) **p. 92**
O engenheiro de fábulas (Ivens Machado) **p. 92**
O sal da terra (mostra coletiva) **p. 94**
Carlos Vergara (Carlos Vergara) **p. 96**
Iole de Freitas (Iole de Freitas) **p. 98**
Invenção de mundos – Coleção Marcantonio Vilaça **p. 100**
Casa – poética do espaço na arte brasileira (mostra coletiva) **p. 102**
Passagens e itinerários da arte (mostra coletiva) **p. 104**
Território do Olhar (Luiz Braga) **p. 106**
Intervenções Extensivas X (Eduardo Frota) **p. 108**
Ocupações (Mariannita Luzzati) **p. 110**
Babel (Cildo Meireles) **p. 112**
Camiri (Nelson Felix) **p. 114**
Arte para crianças – uma exposição de arte contemporânea para o público infantil (mostra coletiva) **p. 116**
Ficções (Regina Silveira) **p. 118**
Seu Sami (Hilal Sami Hilal) **p. 120**
Vestidas de branco (Nelson Leirner) **p. 122**
1 + 7 – Arte contemporânea no Espírito Santo (mostra coletiva) **p. 124**
Lugar sem nome (Rosilene Luduvico) **p. 126**
Salas e abismos (Waltercio Caldas) **p. 128**
Amazônia, a arte (mostra coletiva) **p. 130**
Atrás do porto tem uma cidade (Eder Santos) **p. 132**
Anticorpos Fernando e Humberto Campana 1989-2009 (Fernando e Humberto Campana) **p. 134**
Fermata (OSGEMEOS) **p. 136**
Água viva (Shirley Paes Leme) **p. 138**
Paulo Mendes da Rocha: a natureza como projeto (Paulo Mendes da Rocha) **p. 140**
Reinventando o mundo (mostra coletiva) **p. 142**
Regina Chulam – Desenhos e Pinturas (Regina Chulam) **p. 144**
Das viagens, dos desejos, dos caminhos (mostra coletiva) **p. 146**
Atlântica moderna: purus e negros (Ana Maria Tavares) **p. 148**
Códice – do Risco ao Risco (mostra coletiva) **p. 150**
Vik Muniz (Vik Muniz) **p. 152**
Territórios de Direitos (mostra coletiva) **p. 154**
Acaso Controlado (Daniel Feingold) **p. 156**
Jardins Móveis (Rosana Ricalde e Felipe Barbosa) **p. 158**
Penumbra (Angelo Venosa) **p. 160**
20/20 (mostra coletiva) **p. 162**

Fundação Vale

Diretora-presidente *Director president*
Isis Pagy

Gerência Fundação Vale *Management Fundação Vale*
Marcos Reys

Gerência de Cultura *Cultural Management*
Fernanda Fingerl
Camila Abud
Juliana Alves

Vale

Presidente *President*
Fabio Schvartsman

Diretor-Executivo de Sustentabilidade e Relações Institucionais *Executive Director for Sustainability and Institutional Relations*
Luiz Osorio

Diretor de Comunicação *Communication Director*
Júlio Gama

Gerente Regional de Comunicação do Espírito Santo *Regional Communications Manager for Espírito Santo*
Mauricio Manzali

Gerência de Patrocínios *Sponsorship Management*
Christiana Saldanha

Museu Vale

Diretor Cultural *Cultural Director*
Ronaldo Barbosa

Gerente Administrativa e Financeira *Administrative and Financial Manager*
Noyla Nakibar

Coordenadora de Arte-Educação *Art Education Coordinator*
Ruth Guedes

Produtora *Producer*
Diester Fernandes

Museóloga *Museologist*
Agnes Lang

Centro de Memória *Memory Center*
Felipe Reder Patrício

Auxiliares Administrativos e Financeiros *Administrative and Financial Assistants*
Bruno Mota
Fagner Chaves

Auxiliar de Produção *Production Assistant*
André Leão

Programa Educativo *Educational Program*
Carla Santos
Claudia Oliveira
Helton Gomes
Jonathan Schmidel
Jordana Caetano
Rafaela Ribeiro
Weverson Tertuliano

Atendente *Attendant*
Regiane Vervloet

Estagiário Administrativo e Financeiro *Administrative and Financial Intern*
Marcelo Leão

Estagiário de Produção *Production Intern*
Maíne Batista

Estagiários do Programa Educativo *Educational Program Intern*
Viviane Eler Santos

Museu Vale 20 Anos

Pesquisa Histórica e Redação *Historical Research and Writing*
Élida Gagete
(Quintessência Pesquisa e Texto)

Revisão de Texto *Proofreading*
Rosalina Gouveia

Tradução *Translation*
Manassés Martins

Design Gráfico *Graphic Design*
Felipe Gomes e Werllen Castro
(Monomotor)

Registro Fotográfico *Photographic Recording*
Felipe Amarelo e Marcelo Gomes
(Claraboia Imagem)
Tadeu Bianconi
André Leão
Elaine Pinheiro
Monica Zorzanelli
Allan Salles
Sérgio Cardoso
Gui Castor
Edson Chagas

Assessoria de Imprensa *Press Liaison*
Ana Ligia Petrone (Meio Imagem Comunicação)

Impressão *Printing*
Gráfica Ipsis

Museu Vale
Antiga Estação Pedro Nolasco, s/n
Argolas, 29114-670, Vila Velha – ES, Brasil
Tel. 55 27 3333-2484 / www.museuvale.com

Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação (CIP)

M986
Museu Vale 20 anos / Élida Gagete. Vila Velha:
Fundação Vale, 2018.
200 p.: il, color. Produzido por: Museu Vale.

ISBN 978-85-60008-25-4

1. Indústria de Mineração. 2. Museus Históricos.
3. Arte Contemporânea. 4. Ferrovias. 5. Museu Vale.
6. Educação Patrimonial. I. Gagete, Élida. II. Vale.
III. Título.

CDD 069

Tipografia *Typeface* **Balto, Publico Text**
Papel *Paper* **Munken Lynx 120 g/m²**
Impressão e acabamento *Printing and binding* **Ipsis**
Tiragem *Print run* **1500 un.**

Outubro de 2018 *October 2018*

9788560008254



LEI DE INCENTIVO À CULTURA

INICIATIVA
FUNDAÇÃO VALE

PATROCÍNIO
VALE

REALIZAÇÃO
MINISTÉRIO DA CULTURA
BRASIL GOVERNO FEDERAL